

PARA UMA
HISTÓRIA
CULTURAL
de PARATY

1945
2019

REALIZAÇÃO

CASA
DA CULTURA
DE PARATY
CÂMARA TORRES

APOIO

PARATY
PREFEITURA
com VOCÊ e por VOCÊ!

PATROCÍNIO

Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO



PETROBRAS

GOVERNO FEDERAL



UNIÃO E RECONSTRUÇÃO





Apresentação.....	09
Introdução.....	11
1 Paraty 1945-2019 – panorama e cronologia.....	15
Paraty em números.....	53
2 Paraty 1945-2019 – para uma história cultural: diversos aspectos, diferentes movimentos.....	55
<i>Prólogo – ...de todo, parada no tempo, Paraty?</i>	57
O patrimônio de Paraty: a cidade e as festas.....	61
A vida na cidade: o cotidiano.....	69
A energia elétrica.....	73
As escolas.....	75
As comunicações.....	77
... E a boemia.....	79
As artes visuais: do Bar do Abel às galerias e ateliês.....	81
As outras galerias pioneiras.....	83
Os primeiros ateliês.....	85
Dos cinemas à cidade cinematográfica: os cinemas de Paraty.....	89
O cinema em Paraty.....	91
Longas metragens.....	93
Curtas metragens.....	97
A televisão de Paraty e as televisões em Paraty.....	99
O patrimônio de Paraty: a tradição oral nas músicas e danças.....	101
A música de tradição escrita: a música sacra e as bandas.....	107
A Banda Santa Cecília.....	109
E outras músicas mais.....	113
As artes cênicas: dos festivais aos grupos locais.....	119
A literatura de Paraty.....	127
A historiografia de Paraty.....	131
O primeiro ciclo cultural de Paraty.....	135
O patrimônio de Paraty: comunidades tradicionais.....	141
O patrimônio de Paraty: saberes e fazeres.....	143
O patrimônio de Paraty: arquitetura e urbanismo - A evolução urbana.....	147
O patrimônio de Paraty: arquitetura e urbanismo - Normas e planos.....	153
O início do turismo; redescobrimdo Paraty.....	157
O turismo em Paraty; solução, vocação e destino.....	163
3 Paraty 1945-2019 – a história contada por quem a viveu: os depoimentos.....	169
4 Paraty 1945-2019 – a história onde aconteceu: os locais na cidade.....	177
5 Paraty 1945-2019 – a exposição na Casa da Cultura de Paraty.....	223
A Casa da Cultura: de clube recreativo a centro cultural.....	225
A exposição.....	231
6 Paraty 1945-2019 – referências; bibliografia; créditos.....	243



SINDICATO
DOS
TRABALHADORES
RURAIS D'
ARRIATI

Apresentação

A pequena cidade antiga, parada na história e esquecida em sua paisagem esplêndida entre mar e montanha, perseverando em manter vivas suas tradições, aos poucos ganha reconhecimento – por seu patrimônio singular, mas também pela atmosfera a atrair forasteiros de índole boemia e artística, criando no convívio local um diálogo que viria a se consolidar em vocações, instituições e eventos culturais. De Monumento Estadual em 1945 a Patrimônio Mundial em 2019, foi esse movimento cultural que deu início ao turismo, a partir da abertura da Paraty-Cunha em 1954, ambos em muito se expandindo após a Rio-Santos em 1974, e vindo a se consagrar com a imensa repercussão da 1ª Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) em 2003.

Começar a contar essa história foi o que se propôs com a exposição **Para uma história cultural de Paraty 1945 2019**, realizada pela Casa da Cultura de Paraty em 2023-4. E a **Petrobras** a ela veio aportar seu patrocínio por considerar a importância de reitear o quanto a cultura pode ser uma força transformadora e impulsionadora do desenvolvimento, como é o caso ao mesmo tempo exemplar e ímpar de Paraty: promovendo o crescimento e a mudança, mas também preservando a permanência e a tradição. O patrocínio vem por meio do **Programa Petrobras Cultural**: tanto para abranger a diversidade cultural de Paraty, quanto pelo caráter inovador – ao se estender no ambiente virtual e em locais de todo o Centro Histórico – e social da exposição, ao se abrir a uma abrangente contribuição dos paratienses em sua construção, incluindo as suas versões de toda essa história.

A exposição foi aberta em junho de 2023, tendo recebido até fevereiro de 2024 mais de 50.000 visitantes, com uma avaliação marcadamente positiva. A publicação do presente catálogo visa documentá-la e registrar toda a pesquisa envolvida em sua realização e, nesse novo formato, não só garantir a sua perenidade como estender ainda mais seu alcance e repercussão, como uma significativa contribuição à historiografia e à difusão da diversidade cultural de Paraty.



1980
Mapa da região da Costa Verde
Arquivo Nacional

Introdução

Contar como Paraty veio a se tornar a cidade com toda a diversidade cultural em que hoje vive – e também surpreende seus visitantes – foi ao que a Casa da Cultura de Paraty se propôs com a exposição **Para uma história cultural de Paraty 1945 2019**. Parte-se da data em que, estagnada e esquecida por mais de meio século, se vê elevada a Monumento Estadual por sua importância histórica, para chegar, mais de sete décadas depois, à sua inscrição no Patrimônio Mundial da UNESCO como sítio misto, natural e cultural.

De sobrados seculares abandonados e caindo em ruínas ao contínuo reerguer atual de enormes tendas para festivais, muitos de alcance internacional; o que a exposição busca esclarecer é o que tornou possível esse caminho. Com ênfase nas décadas que o formaram, no diálogo entre o patrimônio a perseverar e a contemporaneidade chegando: as de 1960, 1970 e 1980; também por ser um período ainda recente da história da cidade que parecia se fazer já quase esquecido para os paratienses, além de consideravelmente desconhecido para muitos dos novos moradores da cidade. E é da cidade que a exposição trata; reconhece-se em diversos momentos a contribuição à sua cultura das diferentes comunidades tradicionais em todo o município – mas abordar em profundidade a história de cada uma delas constituiria o âmbito de toda uma outra exposição.

Ao optar por focar sobretudo a cidade, decidiu-se também buscar abarcá-la como um todo: para além do que se podia presencialmente expor nos espaços da Casa da Cultura, expandiu-se o alcance da exposição a todo o Centro Histórico, tornando possível nele percorrer os lugares e imaginar a história bem onde aconteceu, com os locais sinalizados por placas com QRcodes trazendo imagens, vídeos e textos com informações adicionais a neles vivenciar; e todos indicados também em mapa fornecido em folders. Ter como nome “Para uma história cultural de Paraty” indica, por fim, que a exposição desde logo se reconheceu tão somente como uma primeira iniciativa para começar a contá-la. Por ampla e abrangente que se procurou fazer a pesquisa para seu conteúdo, inevitáveis terão sido as omissões, equívocos



2019
Foto aérea da cidade de Paraty
Marcus Prado



1945
Foto aérea da cidade de Paraty
Arquivo Nacional

cos ou imprecisões. Espera-se que venham a ser futuramente corrigidas, entendendo-se o conteúdo da exposição como a abordagem inicial e geral de todo um fértil período histórico com muito ainda a explorar e relatar. Nesse sentido, a publicação deste catálogo afigura-se como o encerramento ideal do movimento criado pela exposição – que incluiu toda a pesquisa e a colaboração de paratienses e instituições locais em sua preparação, a imensa emoção e repercussão de sua concorrida inauguração, a afluência constante de visitantes e sua recepção positiva desde então; e ainda a realização de dois eventos complementares, a **Mostra de Cinema de Paraty** no Cinema da Praça (de 26 a 29 de outubro de 2023), com uma seleção significativa dos muitos longas e curtas metragens filmados em Paraty e a presença de alguns de seus diretores e atores; e o seminário **Paraty Inspirar para o Futuro** (de 5 a 8 de março de 2024), voltado para adolescentes e jovens paratienses, abordando boas práticas atuais que tanto remetem ao passado contado na exposição quanto apontam perspectivas reais a prosseguir no fomento da diversidade cultural de Paraty.



Apresenta-se aqui todo o conteúdo da exposição, em formato mais duradouro e de maior alcance, acrescido de algumas complementações e detalhes, bem como das necessárias fontes e referências. Na primeira parte, o panorama e a cronologia que correspondem à linha do tempo que se estendia em longa parede na exposição, oferecendo uma visão geral da história sendo contada, e ainda um quadro a detalhando em significativos dados numéricos. Na segunda, diferentes tópicos são aprofundados, entre o patrimônio material e imaterial, as diferentes formas de expressão, a realidade urbana e cotidiana da cidade, e o advento do turismo. A terceira dá voz aos paratienses contando a sua história, com excertos dos vinte depoimentos editados em vídeo contínuo na exposição. A quarta apresenta o mapa dos locais em que ela se estendeu no Centro Histórico, com os conteúdos que se acessavam pelos QrCodes. A quinta traz um breve histórico da Casa da Cultura de Paraty, e documenta a produção, montagem e repercussão da exposição **Para uma história cultural de Paraty 1945 2019**; e a sexta, as devidas referências, bibliografia e créditos.

1970
Desfile de 7 de setembro
IHAP

1970
Rua do Comércio, próximo à ponte
IHAP

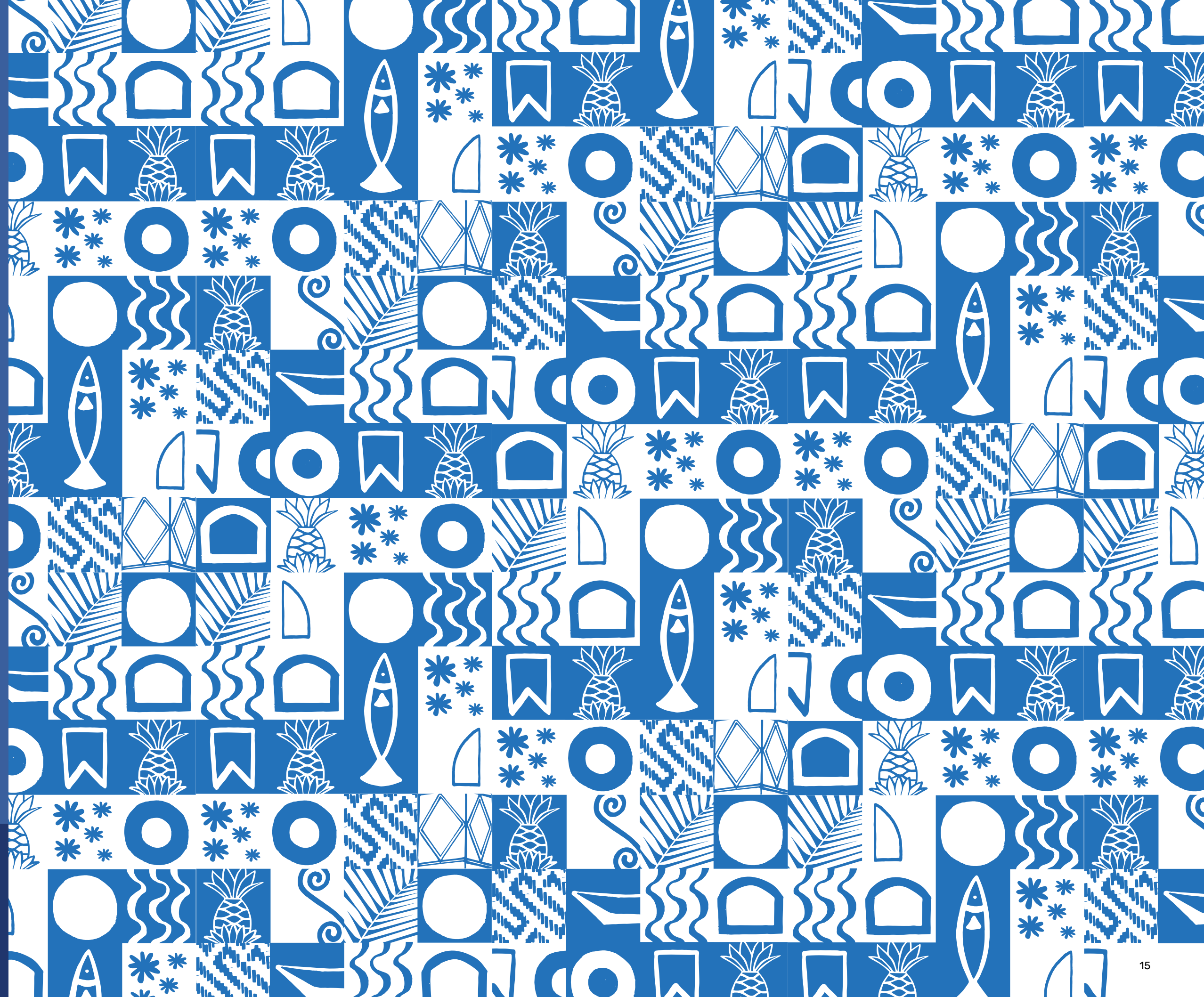
1980
Prédio em frente à Igreja Santa Rita
IHAP



Panorama e cronologia

PARA UMA
HISTÓRIA
CULTURAL
de PARATY
1945
2019

CASA
DA CULTURA
DE PARATY
CÂMARA TORRES



Paraty 1945-2019 - panorama e cronologia

A cidade a quase cada década, na dinâmica entre permanência e mudança, no diálogo entre tradição e contemporaneidade: uma visão de conjunto de sua história, com textos breves buscando traçar um panorama geral, seguidos da cronologia selecionando destaques de seus diferentes aspectos, a serem abordados em mais detalhes na seção seguinte deste catálogo, e já aqui agrupados em categorias identificadas por cores:

Patrimônio histórico e natural, reconhecimento e preservação; a evolução urbana

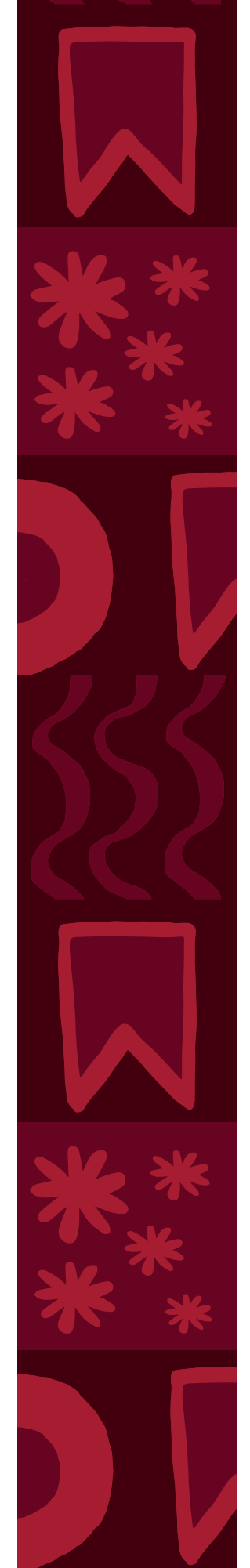
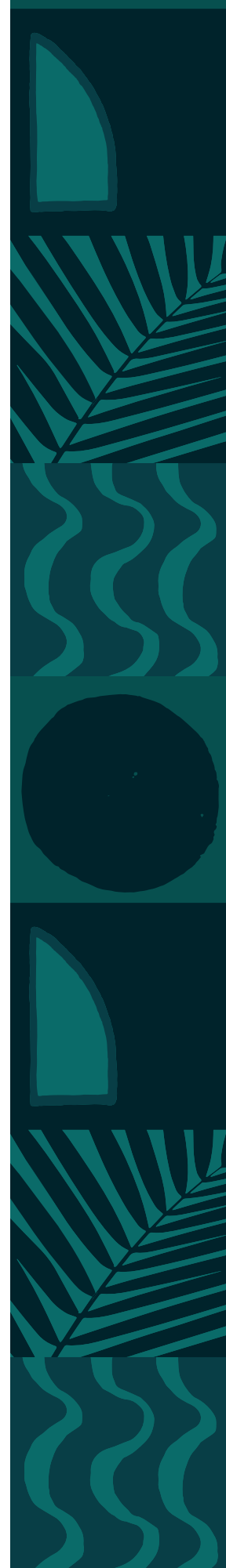
Patrimônio imaterial: festas, saberes, comunidades; a vida cotidiana

Formas de expressão: música; tradição, boemia e diversidade

Formas de expressão: artes visuais, artes cênicas e literatura

Cinema e televisão

Turismo



1945-1960

O primeiro reconhecimento oficial da singularidade do patrimônio de Paraty, o título estadual de Monumento Histórico, pelo *excepcional valor histórico e artístico de seu conjunto arquitetônico e urbanístico*, pareceu pouco importar ante sua realidade (...a cidade só merecera aquela honraria pelo tempo em que ficou abandonada pelos poderes públicos, diz um cronista). O esquecimento e isolamento – o acesso só por mar, a depender da nem sempre confiável *lança de carreira* – significaram tanto sua preservação quanto a decadência, com a segunda a ameaçar a primeira. A ruína da cidade, à margem das miragens do progresso, expressava-se no desabamento de sobrados, nos vazios que deixavam, no mau estado de conservação das igrejas, da Santa Casa e demais edificações outrora imponentes, das pontes e estradas intransitáveis, na estagnação da economia. As poucas notícias que os jornais da época davam da cidade, agora monumento, só nisso insistiam: *uma cidade que morreu* é a manchete de uma delas. Ainda assim, a população – se reduzida, pela falta de oportunidades – persistia em manter viva e vibrante a cultura local, sobretudo no ciclo anual das grandes festas religiosas e comunitárias (embora houvesse quem as visse como outro sinal de um atraso irremediável), bem como no orgulho da beleza de sua pequena cidade em meio a paisagem deslumbrante de mar, mata e montanhas. A fazer por merecer a extensão de seu reconhecimento, ao se tornar também patrimônio nacional em 1958. Mas seria o acesso por terra – a estrada Paraty-Cunha enfim passável em 1954 – que faria de fato a diferença, as mudanças a se iniciarem.



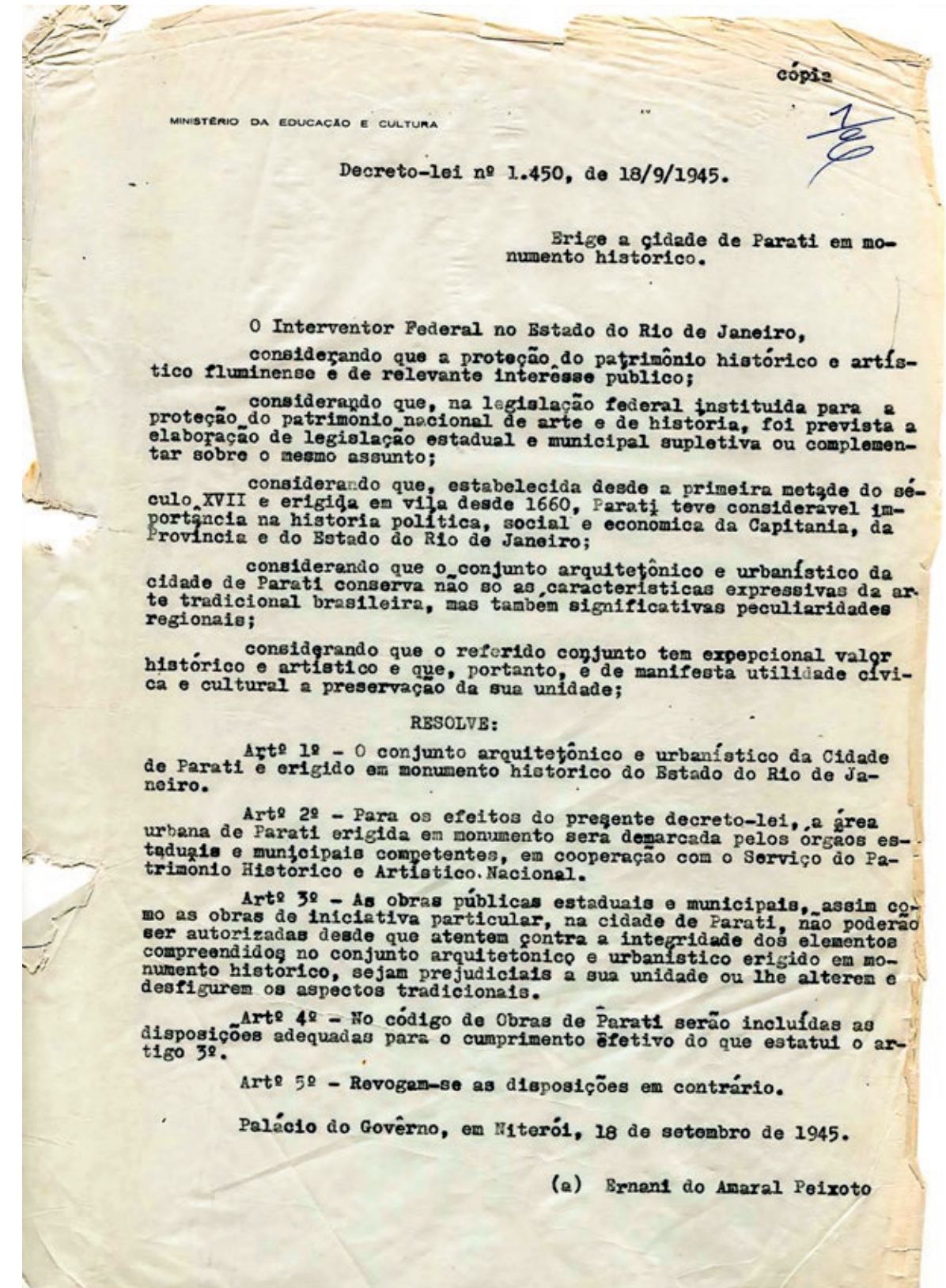
1945 - Paraty é erigida em monumento histórico do Estado do Rio de Janeiro pelo Interventor Federal Ernani do Amaral Peixoto, através do Decreto-Lei Nº 1450, de 18 de setembro de 1945.

1945 - Instalação do Serviço de alto falantes São Jorge: notícias locais (nascimentos, óbitos, as festas, etc.) e nacionais, bem como jogos de futebol, são propagados a toda a cidade.

1972
Detalhe da Igreja de Santa Rita
Arquivo Nacional

1945
Serviço de alto falantes São Jorge
Arquivo Nacional

1945
Decreto de 1945 assinado por Ernani do Amaral Peixoto
transforma Paraty em monumento histórico
IPHAN



(a) Ernani do Amaral Peixoto

1945 - Transferência do Grupo Escolar para o atual prédio ao lado da Praça do Chafariz.

1948 - Construção da ponte de concreto sobre o rio Perequê-Açu, substituindo a antiga de madeira.

1950 - Filme *Estrela da manhã*, longa de Oswaldo Marques de Oliveira, com Dorival Caymmi no elenco, é o primeiro a ser rodado em locação na cidade.

1953 - Primeira agência bancária da cidade.

1954 - Abertura da Estrada Paraty-Cunha, retomando a conexão com o Vale do Paraíba, embora de difícil trânsito: incremento do comércio e primórdios do turismo; construção das pontes de concreto sobre os rios Jabaquara e Mateus Nunes.

1954 - Fundação da Banda Santa Cecília: de duas bandas rivais no início do século, a cidade ficara sem nenhuma; os músicos remanescentes ensinaram novos, e a tradição se retomou.

1958 - Tombamento do conjunto arquitetônico de Paraty pelo DPHAN (atual IPHAN).

1958 - O Bar do Abel surgiu nesse ano, logo tornando-se o centro da boemia, o ponto preferido dos artistas que começavam a frequentar a cidade.

1958 - O livro de poesias *Praia do Sono*, o primeiro de José Kleber, edição da Livraria São José, Rio de Janeiro, é lançado.

1958 - O primeiro Plano de Urbanização de Paraty é concluído pelo Departamento Geográfico da Secretaria Estadual de Viação e Obras Públicas.



1937-1945
Operários trabalham em abertura
de estrada no município de Paraty
FGV

1945
Grupo Escolar, atual CEMBRA
IHAP

1954
Banda Santa Cecília
Acervo Banda Santa Cecília

1960-1970

Além da Paraty-Cunha, também se completara outra estrada longa e eternamente prometida, a ligação com Angra dos Reis – embora de trânsito ainda mais difícil, com os muitos rios a atravessar em pontes precárias ou mesmo a vau. O suficiente, entretanto, para que aventureiros de ambos os lados as percorressem, curiosos em descobrir esse *começo de Brasil* de cujo patrimônio tinham vagas notícias (para os do Rio de Janeiro, mais precisas, por meio do poeta Zé Kleber); com ampla predominância dos vindos de São Paulo.

A beleza da paisagem e da cidade, mais a autenticidade de seus costumes e tradições tão preservados (a instigar sua apreciação e revalorização também pelos paratienses): no todo, *o ambiente da cidade atrai músicos, artistas e escritores que nele encontram clima propício a suas inclinações* (diz o IBGE em monografia sobre a cidade de 1967). Intelectuais, artistas, boêmios, alternativos ou simplesmente *hippies* (ainda mais, com as primeiras linhas de ônibus regulares): inicia-se assim, quase que inadvertidamente, o turismo em Paraty. O primeiro hotel a ele voltado, com apartamentos, é aberto; e jornais e revistas trazem as primeiras reportagens apresentando-a como um destino a conhecer.

Esse alento de mudança é visto entretanto com certo receio pelo DPHAN e, considerando a *necessidade urgente de ser assegurada a proteção especial ao acervo arquitetônico e natural sob ameaça iminente de sofrer deformações irreparáveis*, o governo federal eleva Paraty a Monumento Nacional, estendendo a proteção a um raio de 5 Km do centro. O decreto prevê ainda a elaboração de *um plano urbanístico adequado*, de estudos e medidas para a *preservação do patrimônio florestal* e, também, de *um plano para incrementar o turismo*. Afinal, é nessa década que a UNESCO decide ser o turismo a solução para que alguma chance viável de preservação tenham os patrimônios culturais da humanidade: sendo nesse sentido as recomendações que fazem seus técnicos em missões ao Brasil, duas delas a incluir Paraty. E um plano urbanístico de fato foi criado; recebido com desconcerto e ceticismo, influenciaria os que viriam depois – já contando com



1972
Ônibus para Paraty
Arquivo Nacional

1972
Estrada para Paraty
Arquivo Nacional

1972
Vista aérea da Praia do Pontal
Arquivo Nacional

1972
Estrada para Paraty
Arquivo Nacional

1967 - A cidade volta a comemorar o Terceiro Centenário da sua emancipação política, agora na data oficial; repete-se o mesmo cortejo, com algumas modificações; o IBGE lança a monografia *Paraty - Rio de Janeiro - Edição comemorativa do tricentenário de fundação do município*

1967 - O técnico da UNESCO Michel Parent visita Paraty, dedicando a ela extensa seção no relatório de sua missão ao Brasil. No ano seguinte, o arquiteto belga Frederic de Limburg Stirum, a serviço da UNESCO e SPHAN, elabora o *Plano Diretor em Proveito da Proteção e do Desenvolvimento Urbanístico de Paraty*

1968 - Fundação da primeira linha de ônibus da cidade, o Expresso Santa Luzia, ligando-a a Cunha e Guaratinguetá

1968 - *Brasil ano 2000*, longa de Walter Lima Jr, inicia o ciclo de filmes realizados por diretores do Cinema Novo na cidade

1969 - José Kleber fica em 2º lugar no Torneio Nacional de Poesia Falada, em Niterói

1968-71 - A Embratur cria o Projeto Turis, visando implementar e fomentar o turismo ao longo do litoral entre Rio de Janeiro e Santos, com prioridade para Paraty no litoral sul do estado de RJ



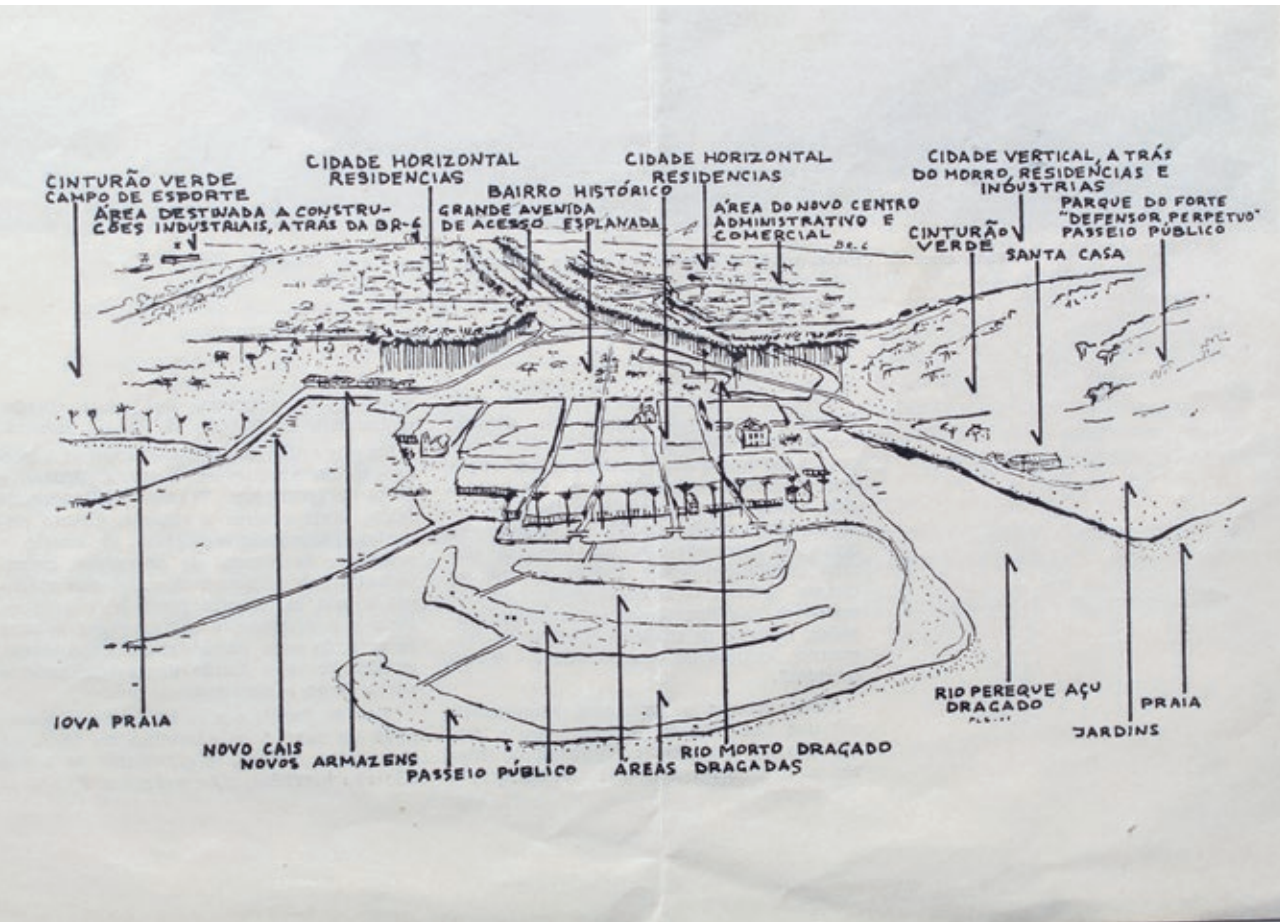
A primeira cidade calçada do Brasil foi Paraty. E eis o primeiro calçamento, vendo-se ao longe, a célebre Igreja de Santa Rita



Vejam este magnífico e harmonioso recanto da mais pura e pitoresca arte colonial!



O novo brasão de Paraty, quando era descerrado como fecho de ouro de marcantes celebrações



1967
Três imagens da matéria sobre o tricentenário de Paraty
IHAP

1969
Matéria sobre o filme Brasil Ano 2000
Revista Manchete

1967
Desenho do Plano Diretor em proveito da proteção e do desenvolvimento urbanístico de Paraty, do arquiteto Frederic de Limburg Stirum
IPHAN

1970-1980

O começo da década traz uma efervescência cultural que viera se fermentando na anterior, e se expressa sobretudo nos filmes de grandes figuras do Cinema Novo, como Walter Lima Jr. e Nelson Pereira dos Santos, com ampla participação dos paratienses – Zé Kleber à frente, entre outros – em diversos aspectos de sua realização, mas não só. Eram os anos mais pesados da ditadura e sua repressão, a qual, se ecos (por vezes caricaturais) aqui tinham, não chegavam a impedir a percepção da cidade como um refúgio paradisíaco para artistas e toda uma atmosfera da contracultura, caracterizando-se também como uma modalidade de resistência, incorporada pelos jovens locais. Respirava-se mais livremente, na paisagem ímpar junto ao mar e à natureza, e podia-se criar, longe da opressão dos grandes centros.

Ao mesmo tempo, construía-se a Rio-Santos. Antes mesmo de sua efetiva abertura ao tráfego, outra pressão, localmente bem mais avassaladora, já assediava essa mesma paisagem e os modos de vida tradicionais a ela associados: a especulação imobiliária. Projetos mirabolantes de desenvolvimento e loteamentos turísticos se idealizaram, alguns se concretizando à força; conflitos fundiários, não raro violentos, se instauram, a perdurar ainda hoje. Famílias e vilas caiçaras inteiras vendem a preços aviltantes, ou perdem para grileiros, suas terras à beira-mar; e mudam-se para a cidade, criando ao sul uma sua expansão de todo imprevista nos planos urbanísticos que se sucediam: os bairros Ilha das Cobras e Mangueira.

E a pequena cidade, bucólica e boêmia, perde de súbito o seu viés de paraíso destinado apenas aos afortunados que perseveravam em enfrentar as dificuldades de a ela chegar – e de algum modo se entendiam com os que de lá já eram, contribuindo para estimular a vida cultural local – para se defrontar com uma inédita facilidade de acesso, tanto do Rio quanto de São Paulo, e com o turismo como uma realidade bem mais avassaladora do que tinha sido desejá-lo. Dessa vez, a reação foi dos próprios paratienses (embora o SPHAN já tivesse se acautelado com a expansão do tombamento para o município inteiro, e também os então recentes órgãos de defesa do ambiente, com a criação da pri-



1972
Vista panorâmica dos bairros Mangueira e Ilha das Cobras
Arquivo Nacional

1972
Vista panorâmica dos bairros Mangueira e Ilha das Cobras
Arquivo Nacional

1976
Praia do Pontal
Arquivo Nacional

1977
Antigo bairro Boa Vista
IHAP



meira unidade de conservação ambiental na região), locais e adotivos em aliança: a criação de uma instituição para preservar seu patrimônio, o movimento de fechar o centro histórico aos veículos, e o primeiro seminário a discutir o futuro de Paraty.

1970 - Nelson Pereira dos Santos realiza *Azyllo muito louco*, o primeiro de seus três filmes rodados em Paraty

1971 - A atriz Maria Della Costa inaugura o Hotel Coxixo. No ano seguinte, é a vez da Pousada Pardieiro, de propriedade do ator Paulo Autran e do advogado Fabio Villaboim

1971 - Criação do Parque Nacional da Serra da Bocaina, com o intuito de proteger a Mata Atlântica face aos efeitos da construção da Rio-Santos que se inicia na região

1972 - O SPHAN contrata a CNPI (Companhia Nacional de Planejamento Integrado) para a elaboração do Plano Urbanístico de Proteção do Bairro Histórico

1972 - A Fazenda Laranjeiras, no sul do município, é adquirida por um consórcio de empresas multinacionais, que daria início à construção do condomínio do mesmo nome

1972 - A escola de segundo grau é encampada pelo governo do estado ao Grupo Escolar Samuel Costa, tornando-se o Colégio Estadual Engenheiro Mário Moura Brasil - CEMBRA

1974 - Abertura da Rio-Santos

1974 - O SPHAN estende o tombamento do Conjunto Arquitetônico a todo o município de Paraty

1975 - A Escola de Samba Vila de Paraty é criada na cidade e faz seu primeiro desfile

1976 - Lançado o disco compacto 33rpm *Ciranda de Paraty*, documento sonoro produzido pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro com mestre Chiquinho da Tarituba.

1976 - O Projeto Aquarius realiza um concerto da Orquestra Sinfônica Bra-



1978
Matéria sobre a abertura da Rio-Santos
Revista Manchete

1972
Matéria sobre a abertura da Rio-Santos
Revista Veja



sileira sob a regência do maestro Isaac Karabtchevsky em palco armado à frente da Igreja do Rosário

1976 - Temilthon Tavares cria o *Guarda a chave no trombone*, grupo de teatro amador de rua em que os textos eram criação coletiva, integrado sobretudo por paratienses, com uma sucessão de espetáculos sendo apresentados nas duas décadas seguintes

1976 - Fundação do IHAP - Instituto Histórico e Artístico de Paraty

1976 - O tráfego de veículos nas ruas do Centro Histórico é interditado em definitivo: todas as entradas que lhe dão acesso são fechadas por correntes

1977 - A revista *Quatro Rodas*, então a principal referência para o turismo no Brasil, publica extensa matéria (22 páginas) sobre Paraty

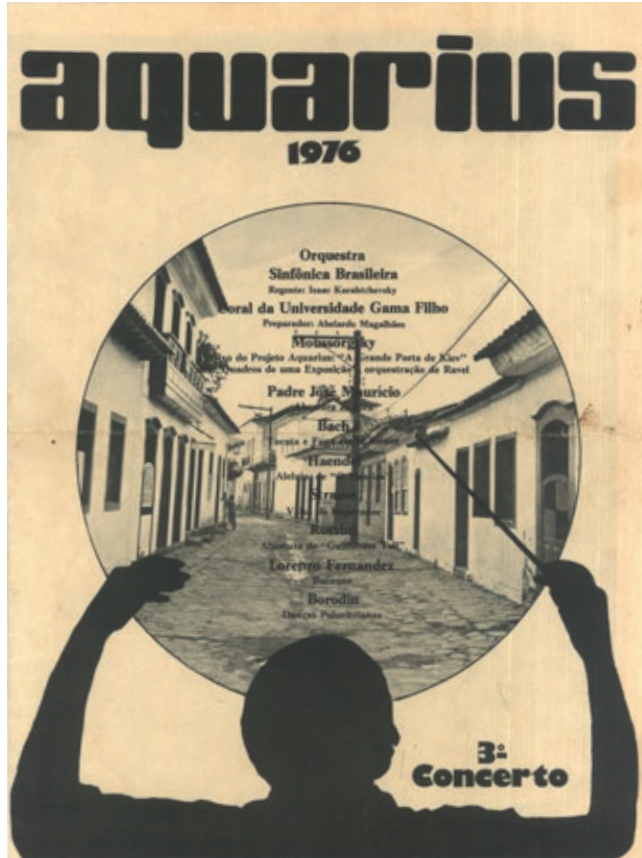
1977 - A intenção de uma das multinacionais responsáveis pelo Condomínio Laranjeiras de criar um outro em Trindade é confrontada por um amplo movimento de resistência dos moradores caiçaras e apoiadores, que viria a ter ampla repercussão e sair-se vitorioso

1977 - Bloco *Assombrosos do Morro*, com seus bonecos gigantes, sai pelas ruas no seu primeiro carnaval

1978 - Criação do Museu de Arte Sacra na Igreja de Santa Rita

1979 - Luiz Carlos Lacerda realiza o longa *O princípio do prazer*

1979 - O Seminário de Paraty é realizado em parceria entre a Prefeitura o IPHAN, o INEPAC e a Sociedade Amigos de Paraty, com apoio da Fundação Roberto Marinho, de 30 de agosto a 1º de setembro



1976
Cartaz do 3º Concerto do Projeto Aquarius
IHAP

1977
Antigo brasão do IHAP
IHAP

1979
Matéria sobre o Seminário de Paraty
Arquivo Nacional

1977
Bonecos Assombrosos do Morro
Mestre Biba

SEMINÁRIO DE PARATI

Como salvar uma cidade do crescimento caótico?



As igrejas coloniais também estão ameaçadas pela falta de conservação



Os séculos são um símbolo da típica beleza da cidade

Parati — Ao meio-dia, sem o sol a pino sobre o casarão do Bairro Histórico, Parati conserva o ar adormecido das cidades do interior nos dias de semana. As lojas de souvenirs, estão vazias e nem mesmo a *Passo de Dona Godina* oferece mais do que peixe frito ou a *Brasília* para meia dúzia de pessoas avistadas pelo garçom que "os doces caseiros estão em falta" desde a baixa turística provocada pelo fechamento dos pontos de ônibus aos sábados e domingos. Na praça em frente à Igreja de Santa Rita, fechada há 15 anos para obras de restauração, um punhado de curiosos acompanha a gravação de um espetáculo para a televisão de Fala de Brasília, enquanto um grupo menor ouve as últimas notícias, trazidas pelo estudante Ademir Fortes, sobre o estado do lavrador Nilton, internado com crises nervosas desde domingo na Santa Casa, depois de ter sido amarrado por capangas armadas, que estariam, segundo as versões, a serviço de uma empresa que tenta fechá-lo a vender suas terras.

Parati — Ao meio-dia, sem o sol a pino sobre o casarão do Bairro Histórico, Parati conserva o ar adormecido das cidades do interior nos dias de semana. As lojas de souvenirs, estão vazias e nem mesmo a *Passo de Dona Godina* oferece mais do que peixe frito ou a *Brasília* para meia dúzia de pessoas avistadas pelo garçom que "os doces caseiros estão em falta" desde a baixa turística provocada pelo fechamento dos pontos de ônibus aos sábados e domingos. Na praça em frente à Igreja de Santa Rita, fechada há 15 anos para obras de restauração, um punhado de curiosos acompanha a gravação de um espetáculo para a televisão de Fala de Brasília, enquanto um grupo menor ouve as últimas notícias, trazidas pelo estudante Ademir Fortes, sobre o estado do lavrador Nilton, internado com crises nervosas desde domingo na Santa Casa, depois de ter sido amarrado por capangas armadas, que estariam, segundo as versões, a serviço de uma empresa que tenta fechá-lo a vender suas terras.

aberto de um crescimento desordenado, origem da favelização de milhares de seus 25 mil habitantes, com graves problemas de falta de rede de esgotos, tratamento de água, saúde, hospital. Parati tenta sobreviver ao progresso caótico que a cidade desde meados da década passada quando foi redescoberta e passou a ser explorada para o turismo. Assim, desde então até dominar a cidade está sendo dissociada e reconstruída em seus diversos aspectos no Seminário de Parati que conta, tal como recente Seminário do Ouro Preto, com o apoio da Fundação Roberto Marinho. O Seminário, aberto pelo prefeito Benedito Gama, está sendo realizado na Igreja de Santa Rita e nos trabalhos de restauração, o cargo de IPHAN, Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional lembra uma obra de Santa Inês. — Sendo o núcleo municipal do Parati totalmente tombado pelo IPHAN, Parati quer evitar a especulação imobiliária que tras para dentro da cidade gente sem qualificação profissional que só sabe alugar ou vender. Estes acionistas e especuladores vendem suas casas no Bairro Histórico ou terras nos arredores para particulares ou companhias, todas livres de boas condições. A gente que vem de uma rua é totalmente desorientada e despreparada para viver na cidade e acaba engrasando a mão de obra que serve nos hotéis e nos restaurantes, muita movimentação no período de férias, mas agora também altamente prejudi-

ção de algumas benfeitorias ou o produto de beles e rias promovidos por uma das quatro igrejas de Parati. — A situação educacional não é mais animadora. Todas as 26 escolas rurais sofreram sérias deteriorações, e mesmo as estaduais com as 11 escolas municipais. A maioria não tem prédio próprio, funcionando em salas alugadas em casas particulares onde as crianças nem mesmo podem usar os banheiros. A maioria escolar é uma latência, havendo sérias dificuldades de freqüência de material que é jogado fora porque os encarregados de preparar as rubricas simplesmente não aparecem. Quanto à biblioteca municipal, também por falta de pessoal, está fechada há vários anos, enquanto em livros se deterioram.

— Mas os proprietários não foram bons resultados depois do Seminário, a arquiteta Aldeia Albuquerque, diretor de Obras e Serviço Público da prefeitura de Parati, explica que o Plano Diretor do IPHAN, para coordenar o crescimento da cidade com a preservação do Bairro Histórico, nunca foi aplicado. — O Plano da OZ e agora já está totalmente superado, com necessidade de elaborar-se um novo. Até lá, Parati vai continuar em crise. Tivemos até um, por causa da contabilidade falta de tratamento da água, um projeto de hospital que ainda aguardando os técnicos. Precisamos, com prioridade, de uma rede de esgotos. Em 78 apenas abriram os buracos, e que foi feita sem nenhuma fiscalização, e resultou no quebra de muitas das pedras pé-dome que nas ruas do Bairro Histórico, sem que se observasse em funcionamento a canalização. Agora tudo terá que ser refeito.



1980-1990

A efervescência cultural acabaria se consolidando na realização de inúmeros festivais, voltados a diferentes manifestações artísticas e também à valorização do principal produto da cidade, a cachaça, por sua tradição e importância na história da cidade. São encontros, mostras e festivais de teatro de rua, de música clássica e sacra, de artes plásticas, de fotografia e cinema – e o primeiro *Festival da Pinga*. A criação do Teatro Espaço pelo *Grupo Contadores de Estórias* (que se radicou na cidade após conhecê-la no primeiro Encontro de Teatro de Rua), com uma relevante programação de artes cênicas e música em seus primeiros anos, e da Galeria Marmar, de Zilco Ribeiro, em contraponto à Galeria do Engenho anexa ao Bar do Abel, bem como a continuidade dos filmes sendo rodados na cidade (destacando-se *Gabriela* por seu elenco e repercussão), integram também esse primeiro ciclo cultural de Paraty.

O turismo se intensifica: novos bares e restaurantes são abertos, bem como pousadas e hotéis, indo da categoria luxo ao primeiro albergue da juventude (os antecessores dos hostels), se instalando em imóveis reformados no Centro Histórico, mas sobretudo sendo construídos nos bairros onde vinha se dando a expansão da cidade: Patitiba, Fátima e Pontal, já mais antigos; Chácara da Saudade, então tida como área nobre da cidade; e Caborê e, ao longo da margem do rio Perequê-açu.

Era, entretanto, um destino turístico que se poderia chamar de alternativo: o próprio patrimônio, mais as vagas notícias de seu viés cultural, bem como de suas praias rasas e lodosas de fundo de baía, só inspiravam aqueles dispostos justamente a vivenciar essa atmosfera boêmia de seu Centro Histórico emoldurado pela paisagem de mar e montanha – cabendo lembrar que, no cais, eram não mais que meia-dúzia as embarcações de grande porte (então chamadas de saveiros), a negociar com os barqueiros de baleeiras e similares o alcance a ilhas e praias; e das cachoeiras, nenhum roteiro, delas saber dependia de conhecer alguém local. E, se prosperidade de certo trazia à cidade, talvez não a suficiente para a potencial que se imaginara.



1983
Cartaz do 1º Festival da Pinga
IHAP

1983
Sônia Braga, Marcello Mastroianni e
equipe nas gravações do filme Gabriela
O Globo

1970
Matéria sobre a cachaça de Paraty
O Globo

1989
Praia do Pontal vista do Morro do Forte
O Globo

1980
Praia do Pontal
IHAP

PARATI:

Cachaça fez famoso o nome da cidade colonial

— Parati, quando banhada por sol forte, traz aos olhos a sensação de cores inéditas. Veja. Os lampiões dourados; aquele sobrado caiado com portas e janelas vermelhas; a charrete de lixo; a igrejinha descascada; o tacho de bronze; a moedeira de trigo. Ali a procissão de São Benedito, a serra e o mar. Misture tudo. Viu? Sentiu?



As ruas parecem curvas. Carros modernos sofrem e velocidade não entra.



1980 - 1º Encontro de Teatro de Rua em Paraty, 1º Encontro de Artistas Plásticos em Paraty, 2ª Exposição de Arte Popular, e 1º Encontro de Folclore de Paraty

1981 - 1ª Mostra de Cinema de Paraty

1981 - 4ª Exposição de Máscaras do Tradicional Carnaval de Paraty e 1ª Mostra de Artesanato de Paraty

1981 - Marcos e Raquel Ribas do grupo de teatro *Contadores de Estórias* radicam-se em Paraty; em 1984, realizam *O Modo de Fazer*, pesquisa pioneira sobre o artesanato de Paraty; em 1985, instalam o Teatro Espaço, sede de sua companhia teatral e acolhendo inúmeros espetáculos de teatro, dança e música

1983 - Primeiro Festival da Pinga

1983 - Área de Proteção Ambiental de Cairuçu - APA Cairuçu: unidade de conservação federal de uso sustentável, com 34.690 hectares em área continental e 63 ilhas no sul do município

1983 - Filme *Gabriela*, de Bruno Barreto

1984 - Produções de qualidade da TV brasileira são gravadas em Paraty: *Marquesa de Santos* (Manchete) e *O tempo e o vento* (Globo)

1984 - É fundado o *Jornal de Paraty*, inicialmente mensal e depois semanal, publicado nas duas décadas seguintes; Zezito Freire é convidado a escrever textos sobre suas memórias da Paraty antiga, que seriam reunidos nos livros *Crônicas de Paraty*, iniciando sua longa e prolífica carreira de escritor

1984 - Surge o *Bloco da Lama*, na praia do Jabaquara

1984 - Amyr Klink faz a travessia a remo entre África e Brasil que o tornaria famoso com a publicação de seu livro *Cem dias entre céu e mar*

1984 - Primeiro festival de música clássica em Paraty, que levaria em 1986 ao 1º Festival de Música Sacra e à primeira apresentação contemporânea da *Missa Paratiana*, composição local do séc XIX

1984 - É criada, pela Lei Municipal 685/84,



1984
Amyr Klink à bordo do barco a remo Paraty
O Globo

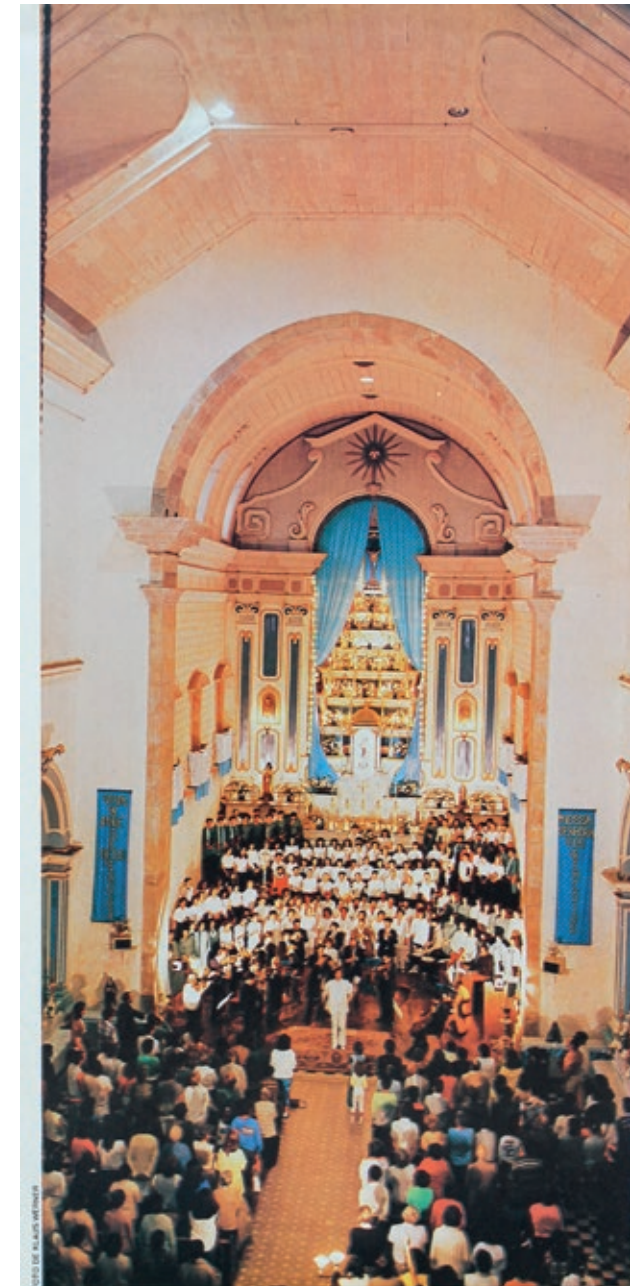
1996
Themilton Tavares no Bloco da Lama
Vilma Pádua

1986
Cartaz do Festival de Música Sacra
IHAP

1983
Pintores na calçada da Rua da Praia
IHAP

1980
1º Encontro de Teatro de Rua em Paraty
IHAP

1986
7º Encontro de Teatro de Rua em Paraty
IHAP



Festival de Música Sacra
PARATY
De 5 a 21 de Setembro/86
— APOIO CULTURAL —
WHITE MARTINS
Secretaria de Estado de Turismo
IBM
IBM Brasil
PETROBRAS
PETROBRAS BRASILEIRA S.A.
FLUMITUR
C.A. de Turismo do Estado do Rio de Janeiro
— PROMOÇÃO —
SOARTE
Secretaria de Turismo de Paraty
Paróquia N. S. dos Remédios - Comunidade
IHAP



1990-2000

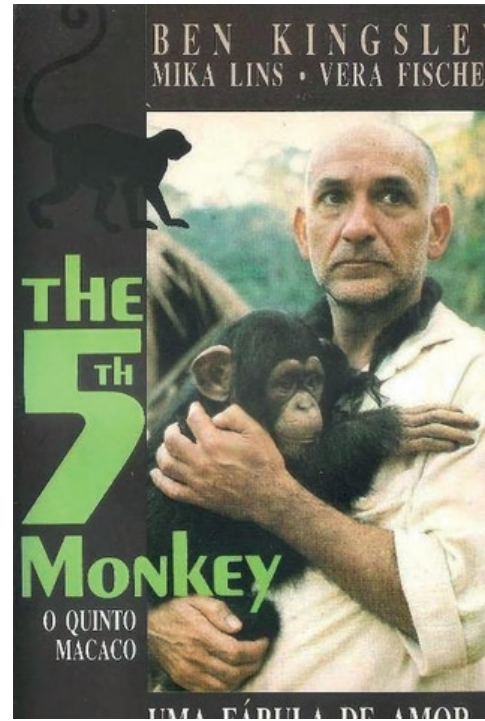
A instituição da Casa da Cultura de Paraty pela Prefeitura, no casarão onde era a sede do clube recreativo PAC, um resultado duradouro de todo o ciclo cultural da década anterior, coincide infelizmente com um momento difícil para a cultura no Brasil, o governo que extingue toda a política cultural pública (FUNARTE, Embrafilme, etc.; além de um generalizado confisco de ativos financeiros), e um movimento apoiado pela mídia pela valorização da cultura exclusivamente por conta de sua aceitação no mercado. Cessam de súbito toda uma gama de atividades culturais no Brasil, impacto que se faz sentir evidente na primeira metade da década em Paraty.

Por outro lado, um desenvolvimento inédito ocorreu: a implantação da EcoTV, emissora comunitária que, além de retransmitir a programação das TVs educativas, produzia também localmente, com destaque para o telejornal diário que a cidade inteira parava para assistir – o qual, ao abordar toda a sua realidade e dar voz pública a atores que jamais se faziam ouvir, teve um impacto também político, rompendo a alternância histórica entre dois prefeitos desde sempre. E o novo que se elegeu imprimiu um rumo à administração municipal com um significativo impacto no turismo e na cultura – ao propor a articulação necessária entre esses dois aspectos como política. Em momento talvez já tardio, pois é no final dessa década que se acelera a intensificação do turismo, com as primeiras agências e a oferta cada vez maior de produtos turísticos padronizados.

1990 - Instituição da Casa de Cultura de Paraty

1990 – A produção internacional do filme *O quinto macaco*, de Eric Rochat, encerra o primeiro ciclo cinematográfico de Paraty (com mais de 30 longas e curtas tendo sido rodados na cidade)

1990 - Estação Ecológica de Tamoios – ESEC Tamoios, unidade federal de conservação integral para monitoramento do ambiente (29 ilhas, mais áreas costeiras) em torno às usinas nucleares

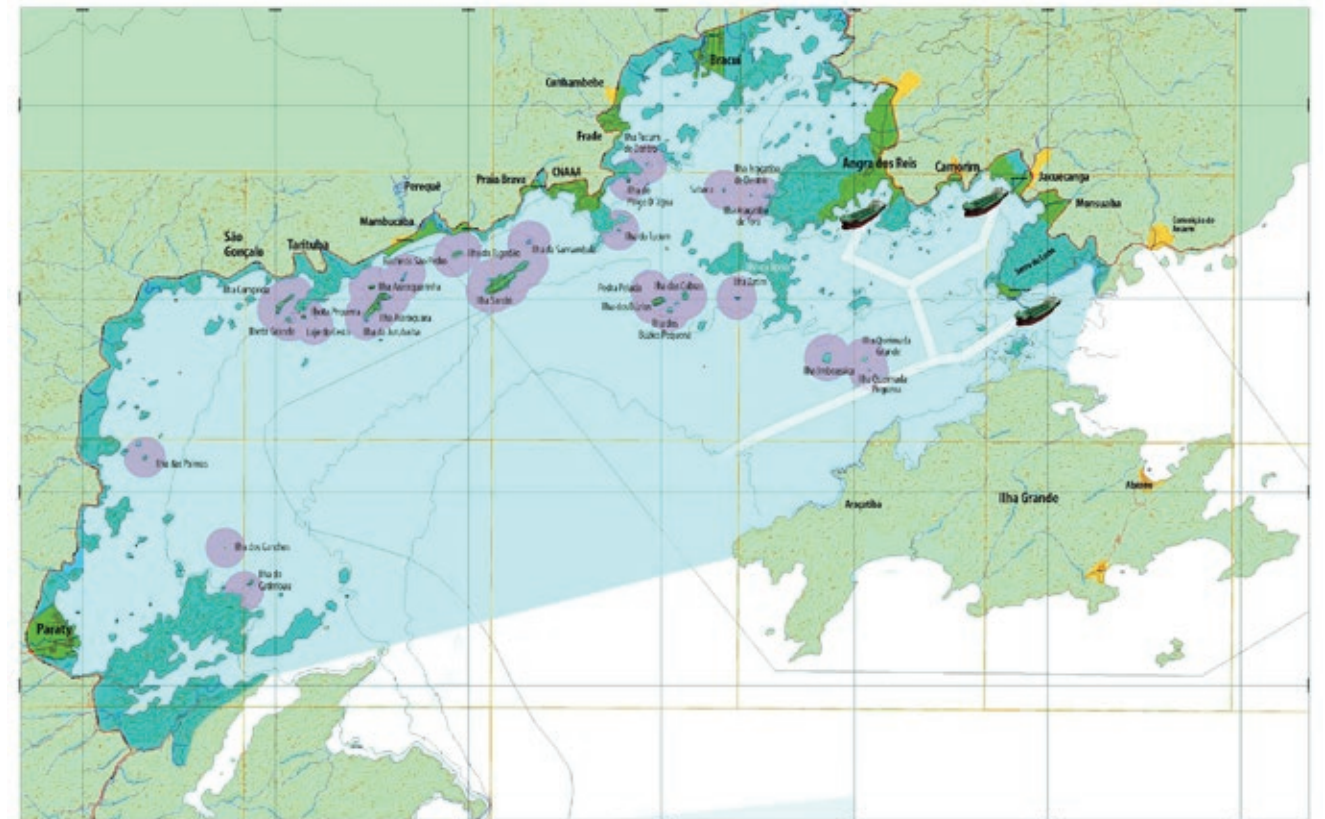


1990
Cartaz do filme *O Quinto Macaco*
Cinemateca Brasileira

1991
Logotipo EcoTV
IHAP

2010
Fachada da Casa da Cultura de Paraty
Nelson Toledo

1990
Área de proteção ESEC Tamoios
ICMBio



1991 - É criada a EcoTV, emissora comunitária transmitindo a programação das TVs Educativas e sua produção local, em que se destaca o telejornal diário, que a cidade inteira parava para ver

1991 - Gravação da produção *O sorriso do Lagarto* (Globo)

1992 - Criação da Reserva Estadual Ecológica da Juatinga pelo Instituto Estadual do Ambiente - INEA, englobando quase 10.000 hectares no sul do município

1992 - O LP *Encanto Caiçara* de Luis Perequê é lançado

1993 - Gravação da novela *Mulheres de Areia* (Globo)

1994 - É inaugurada a nova Rodoviária de Paraty

1995 - Terra Indígena Guarani de Araponga homologada por decreto. No ano seguinte, é criada a Terra Indígena Parati-Mirim

1997 - Marcos Ribas assume como Secretário de Turismo e Cultura, realizando a primeira pesquisa sobre o turismo em Paraty e plano para seu desenvolvimento, e as primeiras iniciativas voltadas a qualificação da cultura em Paraty e o turismo cultural

1997 - *Julia Mann, uma vida entre duas culturas*, exposição na Casa da Cultura e programação sobre a mãe do escritor Thomas Mann, nascida em Paraty, em parceria com o Instituto Goethe

1998 - Luiz Perequê produz o segundo registro em disco da Ciranda Caiçara de Paraty, o CD *Os Coroas Cirandeiros*

1999 - Titulação do Quilombo do Campinho pela governadora Benedita da Silva

1999 - Iluminação do Cais, praias do Pontal e do Jabaquara; uma nova via de acesso é aberta a este último bairro, que já se consolidava, passando pelo Caborê, que logo mais se desenvolveria como um novo bairro



1998
CD Os Coroas Cirandeiros
Luiz Perequê

2018
Visão panorâmica da Aldeia Araponga
Mariana Cartaxo

1994
Rodoviária de Paraty
Arquivo Nacional

1999
Governadora Benedita Calixto em visita ao Quilombo do Campinho
Arquivo Nacional



O século XXI

A candidatura de Paraty a Patrimônio Mundial, da qual já se começava a falar em 1979, é o tema de um segundo Seminário realizado na cidade no começo da década: **Planejamento e Patrimônio Mundial**. Realizado com ampla participação de especialistas de diferentes áreas e da sociedade civil, concluiu com a recomendação da candidatura como Sítio Misto – a categoria em que afinal foi obtida a inscrição na Lista do Patrimônio Mundial em 2019. Antes disso, em 2013 a Festa do Divino fora reconhecida como patrimônio cultural – um resultado da evolução do conceito de patrimônio, expressa na Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial da UNESCO de 2003, bem como na política na mesma época do Ministério da Cultura de valorização da cultura das comunidades tradicionais, também significativas para a obtenção do título mundial.

Em 2003 foi realizada a primeira FLIP – Festa Literária Internacional de Paraty. Com seu imenso sucesso e repercussão, um segundo ciclo de eventos culturais se instaurou, com uma sequência de festivais de caráter cosmopolita e/ou internacional (*Paraty em Foco*, de fotografia; *Bourbon Festival* e *MIMO*, de música; *Folia Gastronômica*, entre outros) se adicionando ao ciclo anual das festas tradicionais. Constituiu-se assim o *Calendário Cultural de Paraty*, tendo um impacto considerável no desenvolvimento do turismo, que levaria à designação da cidade como destino referência em turismo cultural em programa do Ministério do Turismo em 2008. Consolidava-se, assim, a vocação cultural de Paraty, no diálogo sempre fértil entre tradição e contemporaneidade, permanência e mudança, criando uma diversidade singular ao longo das décadas de sua história recente; e a ganhar, entre iniciativas públicas e privadas – contando também com a participação crescente de jovens que nessa história foram se formando para a criação e produção cultural – cada vez mais vitalidade e dinamismo, ao se avançar século XXI adiante.

2000 - Realização do longa *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de André Klötzel

2001 - Realização do Seminário *Plane-*



2003
Cartaz do 1º Calendário Cultural de Paraty
IHAP

2003
Cartaz do 1º FLIP
Associação Casa Azul

2010
Cartaz do 1º Bourbon Festival Paraty
IHAP

2009
Cartaz do 5º Paraty em Foco
IHAP

2014
Divulgação do Mimo Festival 2014
Mimo Festival



jamento e Patrimônio Mundial, de 30 de novembro a 2 de dezembro, pela Prefeitura de Paraty e Fundação Roberto Marinho, com apoio do IPHAN e ampla participação de especialistas e da sociedade civil, tendo em vista a candidatura de Paraty a patrimônio mundial

2001 - Comemoração dos 30 anos (20 em Paraty) do Grupo Contadores de Estórias com o espetáculo *Descaminhos*, o lançamento de livro do mesmo nome de Marcos Caetano Ribas, e a abertura da exposição *O Caminho do Ouro em Paraty*

2001 - Vanda Mota e Luiz Perequê criam o Instituto Silo Cultural, voltada ao fomento da música e das artes cênicas

2003 - Criação da *Ciranda Elétrica*, por jovens paratienses dando um tratamento contemporâneo à música tradicional da cidade

2003 - Realização da primeira Festa Internacional de Literatura de Paraty - FLIP

2003 - Realização do longa *Harmada*, de Maurice Capovilla

2004 - Após restauro e reforma, a Casa da Cultura de Paraty é reinaugurada com exposição sobre a cidade criada por Bia Lessa

2004 - Primeira Festa de Iemanjá

2005 - Criação da Companhia Dança & Arte de Paraty, oferecendo aulas de dança a crianças e adolescentes de comunidades menos afluentes

2005 - Primeira edição do Paraty em Foco, festival internacional de fotografia

2006 - Concebido nos anos 1970, o Encontro de Ceramistas de Paraty volta a ser realizado anualmente

2007 - Inauguração da nova iluminação do Centro Histórico, com cabeamento subterrâneo

2008 - Criação do Fest Juá, evento sociocultural realizado nas comunidades costeiras da Ponta da Juatinga

2008 - A cidade é indicada como destino referência em Turismo Cultural em pro-

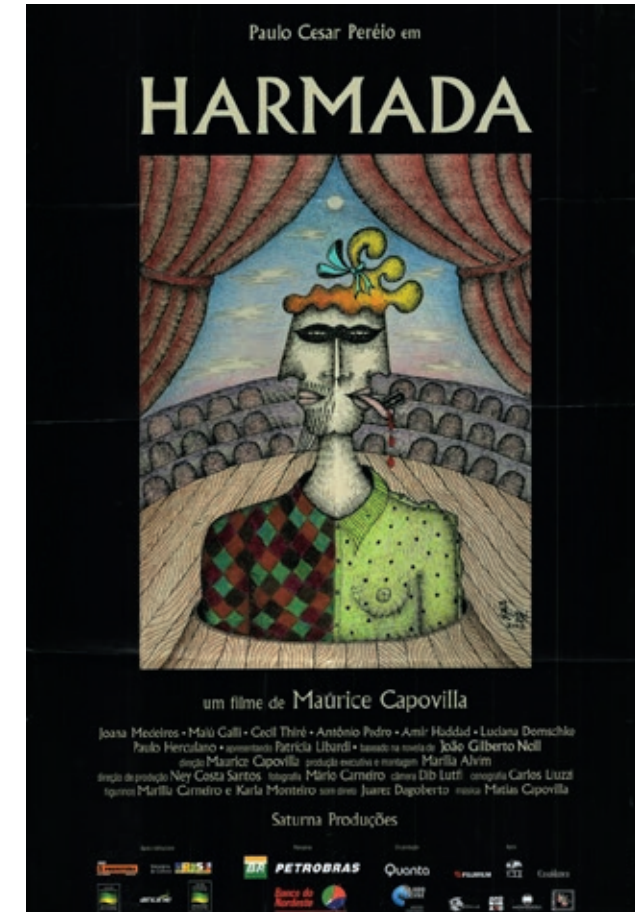


2009
Cartaz do 7º Calendário Cultural de Paraty
IHAP

2008
Cartaz do 1º Calendário Festivo das Comunidades
IHAP

2003
Cartaz do filme Harmada
Cinemateca Brasileira

2019
Cartaz do XIV Fest Juá
Prefeitura de Paraty



grama do Ministério do Turismo; é desenvolvido o plano *Mar de Cultura*

2009 - Criação da Companhia Imperial de Teatro, para a encenação do espetáculo *Um passeio pela história nas ruas de Paraty*

2009 - Criação da Folia Gastronômica de Paraty

2009 - É realizada a primeira edição do Bourbon Festival de Paraty, de jazz e blues

2010 - Instituído o Polo Gastronômico de Paraty

2012 - Realização do longa *Noite de Reis*, de Rita Cordeiro

2013 - A Festa do Divino é inscrita no Livro das Celebrações do IPHAN como Patrimônio Cultural Nacional

2013 - O MIMO realiza o seu primeiro festival em Paraty

2013 - O SESC nacional cria o Polo Sociocultural de Paraty

2014 - Realização do longa *Vermelho Brasil*, de Sylvain Arcimbaut

2016 - É inaugurada a Casa da Música, adjacente à Casa da Cultura, como a sede permanente da Banda Santa Cecília e espaço para educação musical

2017 - Paraty obtém o título de *Cidade Criativa da Gastronomia* na Rede de Cidades Criativas da UNESCO (UCCN)

2018 - Ciranda Caiçara de Paraty é reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Rio de Janeiro

2018 - O antigo Cine São Jorge é restaurado e reformado pela Prefeitura, inaugurado como o equipamento cultural público *Cinema da Praça*

2019 - Realização do longa *Dr. Gama*, de Jefferson De

2019 - Paraty é inscrita na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO como sítio misto, natural e cultural, com a denominação *Paraty & Ilha Grande: cultura e biodiversidade*

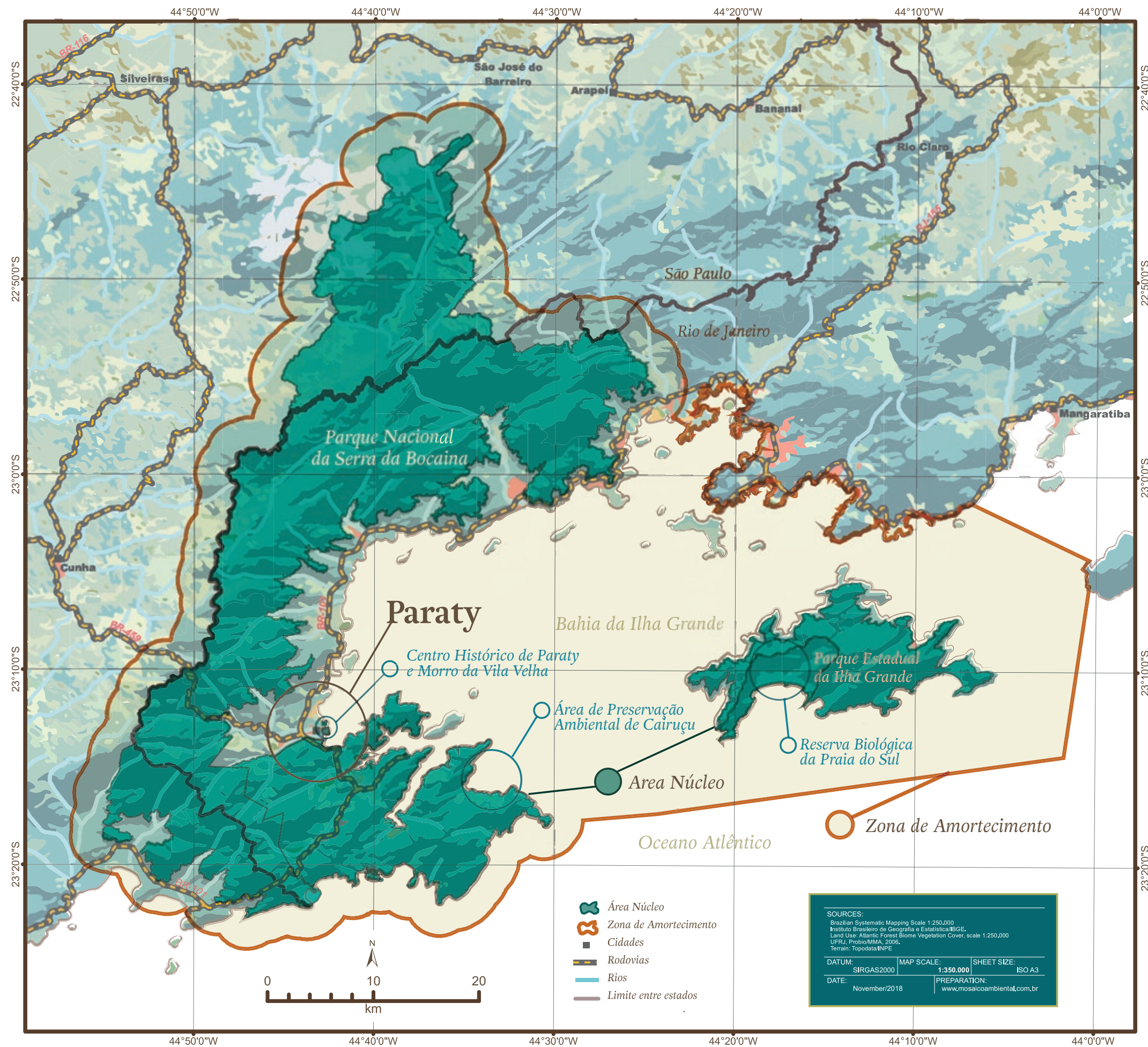


Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura



Paraty – Cultura e Biodiversidade
Inscrito na Lista do Patrimônio Mundial em 2019

2018
Ciranda de Paraty na Ilha do Araújo
Luciana Serra



Paraty e Ilha Grande Cultura e Biodiversidade é o primeiro Sítio Misto do Brasil declarado Patrimônio Mundial pela UNESCO. É a Mata Atlântica preservada que rodeia as águas calmas da baía da Ilha Grande. É a cultura indígena, quilombola e caiçara que vive em harmonia com essa rica biodiversidade. É o registro arqueológico da ocupação humana neste território ao longo do tempo. É a cidade colonial que preserva suas relações históricas e a dinâmica urbana no centro de Paraty, no estado do Rio de Janeiro. O Sítio Misto abrange cinco componentes, dos quais quatro são unidades de conservação: o Parque Nacional da Serra da Bocaina e a Área de Preservação Ambiental de Cairuçu no continente, e o Parque Estadual da Ilha Grande e a Reserva Biológica da Praia do Sul na Ilha Grande. O centro histórico de Paraty e o Morro da Vila Velha formam o quinto componente. Juntas, as unidades de conservação formam um grande cinturão de mata nativa de quase 150 mil hectares permeados por registros arqueológicos de diferentes idades, abraçando o núcleo urbano e o ambiente marinho da baía da Ilha Grande. O Sítio conta ainda com uma zona de amortecimento, que soma mais de 250.000 hectares e inclui a porção marinha da baía da Ilha Grande. Os modos de vida das comunidades tradicionais permanecem autênticos, com suas referências culturais associadas aos saberes, às celebrações, às formas de expressão e aos locais onde essas práticas ocorrerem. A relação dos caiçaras com o mar e a pesca artesanal, a cultura afro-brasileira presente no dia-a-dia dos quilombos, bem como os guaranis e sua cosmologia, seus rituais e a manutenção da língua tupi-guarani.

Paraty em números

O passado...

Ao longo dos anos, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) tem desempenhado um papel fundamental na compreensão da dinâmica demográfica e socioeconômica de diversas regiões do Brasil. Em relação a Paraty, o IBGE produziu três monografias em momentos-chave da história da cidade: 1948, 1967 e 1983. Esses estudos abordaram aspectos fundamentais da vida local, como demografia, aspectos sociais, políticos e econômicos, oferecendo uma visão abrangente da evolução da comunidade ao longo do tempo.

Essas monografias fornecem um relatório detalhado sobre a vida cotidiana em Paraty durante períodos significativos de transformação. Em suas páginas, é possível perceber as mudanças sociais e econômicas geradas pelo gradual processo de saída do isolamento e os efeitos causados pela construção das estradas Paraty-Cunha (RJ 165) e Rio-Santos (BR 101). Os dados compilados também lançam luz sobre as forças que moldaram a cidade no curso do século XX.

Além disso, permitem uma compreensão mais profunda do processo de desenvolvimento urbano. Ao examinar as monografias do IBGE sobre Paraty, é possível traçar uma narrativa rica da evolução da cidade. Desde uma comunidade predominantemente rural, com 5 veículos a motor em 1948, até um destino turístico reconhecido, com 18 hotéis e pensões em 1983. Os dados compilados nesses documentos não só oferecem uma visão mais abrangente do passado de Paraty, como ainda deixam entrever, em alguns de seus detalhes, aspectos instigantes e pitorescos do cotidiano da cidade.

1948

POPULAÇÃO: 9.673; urbana: 1.554 e rural: 8.119 (de 0 a 14 anos, 2.435; de 15 a 19, 943; de 20 a 59, 4.012, de 60 e mais, 681; 6.489 solteiros, 2.514 casados, 11 separados (desquitados, divorciados), 659 viúvos). **INSTRUÇÃO:** 1.759 sabem ler e escrever, 6.429 não sabem, 36 não declararam. **RELIGIÃO:** 8.922 católicos, 726 de outras religiões, 8 sem religião, 17 não declararam. **VEÍCULOS:** 5 a motor, 20 a tração animal. **ASPECTOS URBANOS:** 225 ligações elétricas domiciliares, 395 prédios com abastecimento de água. **ASSISTÊNCIA MÉDICA:** 1 hospital com 39 leitos, 1 posto de saúde. **EDUCAÇÃO:** 10 escolas de ensino primário com 855 alunos matriculados. **TRABALHO E EMPREGO:** 2.809 trabalhadores empregados na agricultura, pesca, pecuária e silvicultura; 343 em indústrias extrativas e de transformação; 90 em comércios; 153 em serviços; 51 no serviço público. **AGROPECUÁRIA:** 317 estabelecimentos (banana, cana-de-açúcar, feijão e arroz, 1.322 cabeças de gado, caprinos e suínos, e 15.594 aves). **CULTURA:** 1 cinema. (Fonte: *Sinopse estatística do município de Paraty* – Rio de Janeiro, IBGE, 1948)

1967

POPULAÇÃO: 12.085 (urbana: 3.014 e rural: 9.071). **MOVIMENTO DA POPULAÇÃO:** 618 nascimentos (459 vivos), 195 óbitos (52 menores de 1 ano) e 84 casamentos. **VEÍCULOS:** 39 automóveis e jipes, 10 camionetas, 3 ônibus, 28 caminhões e 13 outros veículos. **ASPECTOS URBANOS:** 705 ligações elétricas domiciliares, 85 aparelhos telefônicos. **ASSISTÊNCIA MÉDICA:** 1 hospital com 50 leitos e 1 farmácia. **EDUCAÇÃO:** 32 unidades escolares de ensino primário com 1.662 alunos matriculados e 3 estabelecimentos secundários (Ginásio Paratiense, Escola Normal Maria Luiza, Colegio Comercial Professor Aquino) com 120 alunos matriculados. **TRABALHO E EMPREGO:** 4.348 trabalhadores empregados na agricultura, pesca, pecuária e silvicultura. O número total de pessoas em outras atividades econômicas (indústria, comércio, etc) não foi computado nesta monografia. **PESCA:** 123,9 toneladas; 1.240 pescadores (280 menores de 18 anos); 1.200 canoas e 16 lanchas; 1.285 redes (140 de arrasto, 80 de espera, 975 comuns e 90 de tresmalho); 927 espinhéis, 1.035 puçás e 97 covos; a fábrica de gelo produziu 360 toneladas. **AGRICULTURA:** 80% da produção de 1.168 estabelecimentos com 3.108 pessoas ocupadas foi de banana, seguida por mandioca, arroz, feijão, milho, cana-de-açúcar e abacate. (O Município exporta banana, aguardente de cana e rapadura). **PECUÁRIA:** 12.700 cabeças, sendo 4.700 suínos, 4.620 bovinos, 1.500 equinos, 1.150 muare, 450 caprinos, 195 ovinos e 85 búfalos. Plantel avícola: 52.930 galináceos (830 perus e 19.975 dúzias de ovos de galinha produzidos) e 1.700 palmípedes. **INDÚSTRIA:** 21 estabelecimentos, a destacar os engenhos de aguardente de Antonio C. Melo, Osmino Mendes Brasil e André Monge de Alcântara. **COMÉRCIO:** 42 estabelecimentos na cidade; entre eles, 14 armazéns de gêneros alimentícios, 9 armarinhos, 3 açougues e 3 lojas de ferragens. **SERVIÇOS:** 33 estabelecimentos, todos na cidade: 12 bares e botequins, 6 hotéis e pensões, 5 barbearias, 6 restaurantes, além do motel, os *Candeeiros, que dispõe de 11 confortáveis apartamentos*; exercem suas profissões, em Parati, 4 advogados e 1 engenheiro. **RELIGIÃO:** o catolicismo é a religião da maioria; o protestantismo em duas igrejas: Assembleia de Deus e a

Igreja Batista, em total de 1.213 membros. **CULTURA:** 1 biblioteca pública, com 5.100 volumes catalogados; 1 arquivo público; 1 associação cultural e 1 desportiva, o Paratiense Atlético Clube, com 200 sócios; e 1 cinema, o São Jorge, com capacidade para 200 espectadores. (Fonte: Paraty, *Edição comemorativa do Tricentenário de Paraty*, Coleção de Monografias no. 374, IBGE, 1967).

1983

POPULAÇÃO: 20.622 (urbana: 8.934 e rural 11.688). **MOVIMENTO DA POPULAÇÃO:** em 1981, 430 nascimentos (417 vivos), 84 óbitos (19 menores de 1 ano) e 110 casamentos; *no dia 1 de setembro de 1981, o IBGE re-censeou, além das pessoas residentes, 3.103 pessoas na qualidade de não moradores.* **VEÍCULOS:** 210 automóveis e jipes, 47 caminhões, 12 camionetas, 9 furgões, 61 veículos não especificados. **ASPECTOS URBANOS:** 1.777 ligações elétricas domiciliares, 435 aparelhos telefônicos. **ASSISTÊNCIA MÉDICA:** 1 hospital com 42 leitos, 1 posto de saúde, 5 farmácias e 1 laboratório de análises clínicas. **EDUCAÇÃO:** 40 estabelecimentos do ensino de 1º e 2º graus com 3.540 alunos matriculados, 1 de ensino supletivo com 125 alunos matriculados. **TRABALHO E EMPREGO:** 3.421 empregados na agricultura, pesca, pecuária e silvicultura; 300 em indústrias extrativas e de transformação; 166 em comércios; 318 em serviços; 60 no serviço público, 157 em atividades sociais, 129 em transportes, comunicações e armazenagem, e 69 em atividades não especificadas. **AGRICULTURA:** 1.803 imóveis rurais; produção agrícola: banana, 77,45%; cana-de-açúcar, 10,03%; mandioca, 9,7%; feijão, 1,8%; e milho, 0,9%. e abacate. O Município exporta banana para diversos municípios do estado do Rio de Janeiro e de São Paulo. **PECUÁRIA:** 6.944 cabeças, sendo 2.014 suínos, 3.985 bovinos, 275 equinos, 590 muare, 54 caprinos, 30 ovinos e 55 búfalos. Plantel avícola: 32.211. **INDÚSTRIA:** 25 estabelecimentos com 118 operários, destacando-se: produtos alimentares, 72%; madeira, 12,3%; bebidas, 8,1%. **COMÉRCIO:** 164 estabelecimentos de comércio varejista, 3 de atacadista e 4 misto. **SERVIÇOS:** 143 estabelecimentos: 4 barbearias, 2 salões de cabeleiros, 74 bares e botequins, 23 restaurantes, 22 não especificados, 15 hotéis e 3 pensões: *Pousada Paraty* (39 aptos.), *Pousada Aconchego* (25 aptos.), *Hotel Santa Rita* (5 aptos. e 4 quartos), *Pousada Colibri* (8 aptos.), *Hotel dos Candeeiros* (11 aptos.), *Hotel Solar dos Gerânios* (39 aptos. e 14 quartos), *Pousada do Ouro* (21 aptos.), *Silotel* (20 aptos.), *Pousada da Matriz* (14 aptos.), *Pousada das Candeeiras* (12 aptos.), *Hotel Coxixo* (21 aptos.), *Pousada Pardieiro* (20 aptos.), *Hotel do Pescador* (18 aptos.), *Mercado do Pousado* (25 aptos.), *Hotel Bela Vista* (5 aptos.), *Pensão Tia Geralda* (5 quartos), *Pensão do Argílio* (10 quartos), *Pensão Dona Palmira* (7 quartos). **DOMICÍLIOS:** 5.573 (57% na zona rural), sendo 4.519 ocupados, 395 fechados, 400 vagos, 21 de habitação coletiva e 239 de uso ocasional (sazonal). **RELIGIÃO:** o catolicismo dispõe da Igreja Matriz, 3 igrejas e 7 capelas; o protestantismo, dos templos da Assembleia de Deus (6), da Congregação Crista do Brasil (2), da Igreja Batista (4); e 1 Salão da Igreja Messiânica do Brasil. **CULTURA:** 1 biblioteca pública (2.066 volumes), Museu de Arte Sacra (desde 1978; em 1981, 16.400 visitantes; 5 associações esportivo-recreativas, destacando-se o Paratiense Atlético Clube (fundado em 1940, com 250 sócios). (Fonte: Paraty, Coleção de Monografias no. 624, IBGE, 1983).

...e o presente

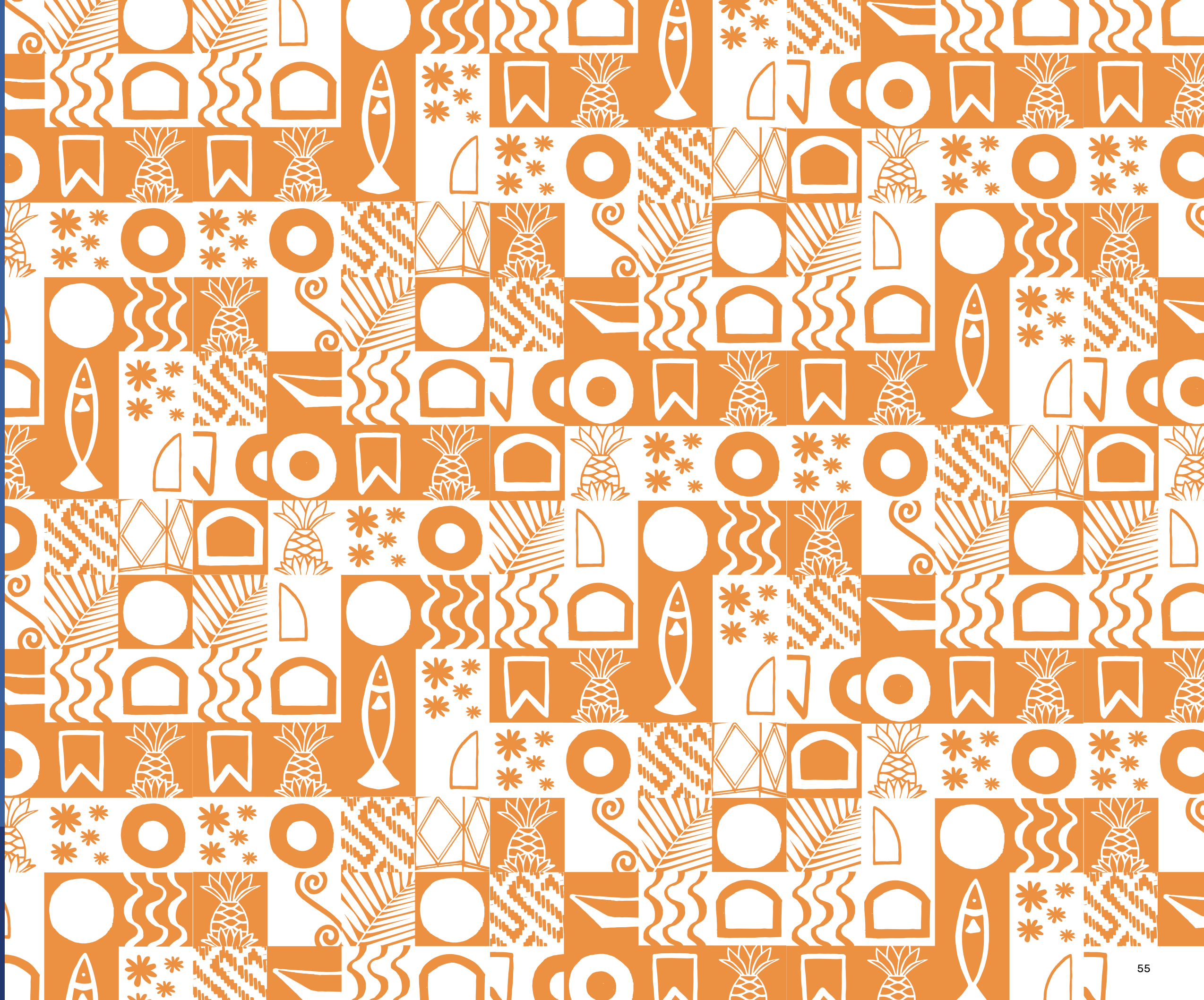
Embora o IBGE não tenha realizado mais nenhuma monografia municipal detalhada a respeito de Paraty, o site da entidade oferece alguns dados atualizados para efeito de comparação:

POPULAÇÃO: 44.175 pessoas (2021). **VEÍCULOS:** 13.230 veículos diversos (2022). **ASSISTÊNCIA MÉDICA:** 34 estabelecimentos de saúde SUS (2009). **EDUCAÇÃO:** 44 escolas do ensino fundamental com 6.8271 alunos matriculados e 9 escolas de ensino médio com 1.896 alunos matriculados. (2021). **TRABALHO E EMPREGO:** 9.764 trabalhadores ocupados (2020). (Fonte: Site do IBGE).

Diversos aspectos,
diferentes movimentos

PARA UMA
HISTÓRIA
CULTURAL
de PARATY
**1945
2019**

CASA
DA CULTURA
DE PARATY
CÂMARA TORRES



Prólogo: *...de todo, parada no tempo, Paraty?*

A prosperidade ficara no passado, cada vez mais remota.

Do primeiro alento que a iniciara, na passagem do século XVIII ao XIX, com a descoberta do ouro nas Minas Gerais e o breve período de seu transporte pelo caminho da serra até o porto de Paraty, antes que o Caminho Novo direto ao Rio de Janeiro o substituísse, a vila crescera, tornando-se um importante entreposto comercial e, logo mais, produtor de gêneros alimentícios para o interior (e em seguida de aguardente, muito apreciada e também moeda de troca no tráfico de escravos). Inicialmente para Minas, mas bem mais para o Vale do Paraíba com o café no século XIX, elevando-a à cidade em 1844, a época de seu auge (do qual dizia a tradição oral, entre outras glórias, que companhias de teatro e ópera europeias se apresentavam aqui antes do que na Capital).

A estrada de ferro chegou, entretanto, direto da tal Capital (o Rio de Janeiro) ao Vale; e o caminho da serra se viu penoso e obsoleto; pouco depois, veio a abolição da escravatura, corroendo de vez as bases da economia de Paraty. Estagnação, decadência – a população decrescia, os sobrados ruíam – isolamento e esquecimento; tanto mais que o caminho da serra, fundamental em sua história desde os povos originários que já o percorriam, foi aos poucos abandonado e se tornou intransitável. À Paraty, na primeira metade do século XX, só se chegava por mar.

E foi por mar que Gilberto Freyre, em 1928, de volta de seus estudos nos EUA e pouco antes de iniciar *Casa Grande & Senzala*, chegou a Paraty, ao fazer (por sugestão de Paulo Prado) viagem de rebocador de Santos ao Rio de Janeiro, em companhia de Cícero Dias. Seria o primeiro visitante em tempos modernos (ou mesmo modernistas, pois foi de encontros com os paulistanos desse movimento que viera) a dar um testemunho reconhecendo a singularidade do patrimônio da cidade então esquecida.

Foi essa viagem rara na época – escreveu – procurando redescobrir começos brasileiros que ...permitiu desintelectualizar-me (...) pisar, apalpar, sentir não só pelos olhos como pelos pés, pelas mãos, pelo olfato, pelo pa-



1969
Vista da igreja de Santa Rita
antes da construção do paço
O Globo

ladar, pelo sexo, vivências e convivências de brasileiros do sul quase parados em tempos virgens. (...) Quem falava, então, no Rio ou em São Paulo, nessa joia de virgindade brasileira que era, de todo parada no tempo, Paraty? Ninguém. Quando o bom do rebocador, cujo ritmo era o de navegar quase para não chegar ao Rio de Janeiro, demorou em Paraty como se não quisesse continuar viagem, vi que estava num Brasil que os novos paulistas, os novos centro-sulistas alvoroçadamente progressistas, não sabiam existir. (...) Para compreender-se a formação brasileira era preciso atentar-se no que, na década de 30 do século XX, permanecia do tempo colonial em Paraty.



1972
Trânsito impedido na ponte Mambucaba
Arquivo Nacional

1972
Santa Casa
Arquivo Nacional

1972
Rua da Lapa
Arquivo Nacional

1972
Rua Dr. Samuel Costa
Arquivo Nacional

1972
Fachadas em decadência no Centro Histórico
Arquivo Nacional



O patrimônio de Paraty: a cidade e as festas

Entre os começos brasileiros de que fala Gilberto Freyre – a diversidade de tempos vividos por brasileiros como se fossem puros contemporâneos – ou seja, a permanência do passado no presente, para além do conjunto arquitetônico e urbanístico cuja preservação seria a razão dos primeiros títulos, de Monumento Estadual em diante, havia algo mais: tudo aquilo que só muito mais tarde viria a ser denominado patrimônio imaterial.

Se o isolamento e estagnação econômica pareciam ter feito a cidade parar no tempo, e mesmo a população tendo por isso decrescido, sua vida cotidiana continuava e resistia, e em grande medida por preservar sua identidade em seus modos de fazer e viver: os saberes tradicionais da pesca, casas de farinha, alambiques, culinária e artesanato, suas músicas e danças, bem como crenças, comportamentos, formas de sociabilidade e solidariedade. E disso tudo, a expressão mais brilhante e imediata era (e até hoje é) o ciclo anual das grandes festas religiosas, repetindo-se dos séculos passados, e abrangendo toda a comunidade, seja em seu fundamento mais devocional, seja em seu aspecto de animada celebração coletiva. Tanto que há, no vocabulário paratiense, um verbo para delas participar, em qualquer dos momentos nos dez dias que duram: *festar*.

O isolamento em que permaneceu Paraty durante tantos anos e lhe permitiu conservar, quase intacta, parte de sua antiga área construída e trazer assim, até nós, a bela e funcional imagem da arquitetura do passado, também a ajudou a manter as festas e tradições populares de outras épocas. Grandes festividades religiosas atraem no correr do ano os paratienses. A mais concorrida, a do Divino Espírito Santo, celebra-se no dia de Pentecostes, data móvel em maio-junho, e que se anuncia pela elevação do Mastro encimado pelo emblema do Divino no Domingo da Ressurreição; e é precedida de uma novena e procissões em que figuram cerca de 20 bandeiras de veludo vermelho com franjas douradas, também encimadas pelo emblema, e a “Folia”, conjunto de instrumentos e cantores que entoam hinos em louvor ao Divino Espírito Santo. No dia da festa comparece à



1978
Festa do Divino Paraty
Júlio Paraty

1970
Procissão na Rua da Matriz
IHAP

1975
Festa de São Benedito
O Globo



igreja um menino representando o Imperador, com dois guardas de honra; finda a procissão, reza-se um Te Deum e segue-se um leilão de prendas, enquanto saem às ruas o “boi e cavalinhos”, feitos de sarrafos de madeira e cobertos de panos. A festa da padroeira, N. Sra. dos Remédios, celebra-se a 8 de setembro. Também precedida de novena, começa com uma alvorada, repiques dos sinos das 4 igrejas e foguetes, continua com uma missa solene e termina com uma ladainha. A atração popular da festa é o “marrapaia”, dançando no adro da igreja por peregrinos vindos de Cunha, numeroso grupo de homens vestidos de branco. Em 26 e 27 de dezembro realiza-se a festa de N. Sra. do Rosário e São Benedito; o ponto alto é a presença, nas procissões e nas missas, de figuras que representam o Rei e a Rainha. As procissões do Encontro e do Enterro, na Semana Santa, revestem-se de grande solenidade e delas participam figuras representando personagens dos Evangelhos.

Essa descrição é de 1967: nela estão presentes boa parte dos elementos que podem ser encontrados nas festas de hoje, recombinações ou com algumas alterações (a Festa de São Benedito passou a ser realizada no terceiro domingo de novembro), em dimensão talvez mais grandiosa, tanto por uma população três vezes maior e a retomada da prosperidade econômica, quanto pelo reconhecimento cada vez amplo da importância desse patrimônio e o zelo com todos seus aspectos. Decorrencia dessa valorização é também o retorno integral da Festa de Santa Rita ao ciclo anual, no mês de julho, a partir de 1985; e da Procissão do Fogaréu à Semana Santa, acontecendo à noite com tochas e as luzes da cidade sendo apagadas.

A Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial seria aprovada pela UNESCO em 2003; o IPHAN instituiu já em 2000 o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial; em 2005, o Instituto Histórico e Artístico de Paraty iniciou o processo que levaria ao registro da Festa do Divino Espírito Santo em Paraty no Livro das Celebrações do IPHAN como Patrimônio Cultural Nacional em 2013.

Cabe acrescentar à breve descrição já dada alguns componentes que fazem essa festa tão especial: além de um número bem maior de bandeiras e a presença também da Banda Santa Cecília em todas as procissões, são quatro agora os meninos a fazerem a guarda do imperador; sua coroação ocorre no sába-



1900
Igreja Matriz
Arquivo Nacional

1972
Detalhe da Igreja Matriz
Arquivo Nacional

1970
Procissão
Arquivo Nacional

1970
Procissão em frente à Igreja Matriz
Arquivo Nacional



do, e ele então preside à soltura simbólica de um preso, à distribuição de carne para os pobres e de doces para as crianças, e assiste a danças tradicionais (dos Velhos, das Fitas, o Marrapaiá e a Ciranda) executadas em sua homenagem. No sábado ocorre também o Almoço do Divino, talvez seu feito mais expressivo no perseverar de uma tradição: preparados a partir sobretudo de doações de seus ingredientes e por uma equipe de voluntárias trabalhando toda a semana anterior, os pratos tradicionais – com arroz, carne, frango e a receita típica da farofa de feijão – chegam hoje a ser oferecidos para mais de 4.000 paratienses (e quem mais entrar na fila).



A Praça da Matriz e seu entorno se veem assim repletas de gente buscando se ajustar para melhor almoçar, enquanto começam os folguedos tradicionais para as crianças, com os bonecos do Boi, Miota, Cavalinho. No fim de semana anterior, a movimentação da praça ficara por conta do contínuo rebuliço das mais de 2.000 crianças e jovens participando das provas esportivas e culturais (tendo entre seus temas o patrimônio de Paraty) da Mega Gincana do Divino (criada em 1998 e ampliada em 2003); poucas semanas antes, acolhe multidão ainda maior, acomodando-se para preencher as cartelas do Bingão do Divino, a arrecadar fundos para a festa oferecendo prêmios valiosos e cobiçados (já tendo incluído carros, motos e botes), mobilizando contingente expressivo da população.



Estes dois acréscimos contemporâneos à festa – cabendo ainda mencionar o também muito concorrido show de calouros que integra desde 1995 a parte não religiosa de sua programação – indicam as muitas maneiras que ela se faz presente no cotidiano dos paratienses, seu valor simbólico de vivência comunitária e construção de uma identidade contribuindo para a sua relevância atual, a partir do fundamento devocional que a originou e manteve. E não só durante os dez dias de sua efetiva realização: a organização da festa movimenta a comunidade por todo o ano, a partir do anúncio do novo Festeiro e da Comissão da Festa ao seu final, sua preparação tornando-se um trabalho coletivo em harmoniosa conjugação de esforços entre a Paróquia, a Prefeitura e todos os demais envolvidos.

Características similares tem as três outras principais festas do Centro Histórico, cada

2018
Preparação do Almoço do Divino
Luciana Serra

2018
Miota e crianças na Praça da Matriz
Luciana Serra

2018
Personagens folclóricos de Paraty
Luciana Serra

2018
Tradicional almoço do Divino
Luciana Serra



uma à sua maneira. A de N. Sra. dos Remédios, com ares também oficiais por ser a padroeira da cidade (e em que se repete uma tradição a considerar hoje anacrônica, a da feira a vender roupas, ferramentas, utensílios domésticos, etc.; justificável quando eram os dias que a população predominantemente rural vinha à cidade para as duas grandes festas, mas a persistir); a de N. Sra. do Rosário e São Benedito, já historicamente descrita como a Festa do Divino dos Pretos Escravos; e a de Santa Rita, a menor delas. E de seu exemplo, chegam às dezenas as que hoje se realizam nas comunidades costeiras e na roça: algumas também antigas de mais de século ou ao menos meio século, boa parte mais recente.



2018
Festa de Nossa Senhora do Rosário
PASCOM Paraty

2018
Festa de São Benedito
PASCOM Paraty

2022
Missa na Festa do Divino
Luciana Serra

2018
Festa de Nossa Senhora do Rosário
PASCOM Paraty

2018
Festa de Nossa Senhora do Rosário
PASCOM Paraty



A vida na cidade: o cotidiano...

Como as fotos aéreas tiradas pela comitiva do interventor Ernani do Amaral Peixoto mostram, a zona urbana de Paraty nos anos 1940 se resumia ao que hoje é chamado de Centro Histórico. Aos poucos, com o passar dos anos, a cidade foi lentamente se espalhando em direção à Ilha das Cobras, passando pela Patitiba, e ao longo da estrada que viria a se tornar a Avenida Roberto Silveira.

Na primeira metade do Século XX, a Rua da Praia era um dos principais centros nervosos da municipalidade. Era lá que chegavam os barcos de pesca que abasteciam o Mercado de Peixe, assim como era ali o ponto de partida e de chegada da Lancha da Carreira – uma das poucas ligações de Paraty com o mundo. Nos horários em que a embarcação aportava, muitos moradores se reuniam por ali apenas para ver quem estava chegando. A maioria do comércio – vendas e armazéns – também estava reunida naquela região.

O restante das casas comerciais se reunia na Rua Tenente Francisco Antônio, que aos poucos foi se transformando no principal eixo comercial da cidade até receber o nome de Rua do Comércio. Lá estavam instaladas as duas principais padarias da cidade, assim como armarinhos, lojas de ferragens e armazéns de secos e molhados, além da própria Prefeitura Municipal. Foi também nesta rua que no ano de 1958 houve a inauguração do Bar do Abel, capítulo inescapável da boemia paratiense.

A Praça da Matriz – que no passado já se chamou Praça 15 de Novembro e Praça Monsenhor Hélio Pires – era o ponto de convergência social da população. Era ali que as crianças brincavam, que os jovens namoravam e que os adultos iam à missa de domingo. Um cinema e uma sorveteria – localizados lado a lado – garantiam as poucas opções de lazer da população. O descampado ao lado da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios fazia às vezes de campo de futebol. Também era na praça principal da cidade que os primeiros ônibus intermunicipais chegavam e saíam.

Com o crescimento do turismo a partir dos anos 1960 e 1970, as feições do bairro his-



1940
Praça Monsenhor Hélio Pires
IHAP

1960
Praça Monsenhor Hélio Pires
IHAP

1972
Cais de Paraty
Arquivo Nacional

1972
Crianças na beira-rio
Arquivo Nacional



tórico foram mudando. Pousadas, lojas diversas e restaurantes foram substituindo as moradias e, aos poucos, o lugar foi se transformando no que é hoje – uma área quase inteiramente dedicada aos visitantes. Esse processo se acelerou com a ascensão do turismo de massa nos anos 1990 e 2000. Hoje, a maioria da população urbana de Paraty vive fora dos limites das correntes, em bairros adjacentes como Chácara, Parque Imperial, Patitiba, Ilha das Cobras, Parque da Mangueira, Pontal e Caborê.



1968
Rua Dr. Pereira em maré alta
IHAP

1968
Rua Dr. Pereira em maré alta
IHAP

1972
Homem na Ilha das Cobras
Arquivo Nacional

1972
Crianças em frente ao posto de saúde
Arquivo Nacional

1972
Cavalo na Terra Nova
Arquivo Nacional



A energia elétrica

Naqueles tempos, tudo chegava em Paraty com um certo atraso. Embora a energia elétrica fosse uma realidade na capital federal desde 1879, a tecnologia só chegou em Paraty em 22 de julho de 1922. Um grande acontecimento na vida da cidade, que aposentou de vez a profissão de acendedor de lampião. Inicialmente, a usina de força e luz tinha geradores movidos à roda d'água, posteriormente substituídos por turbinas. Os postes de ferro fundido eram fincados no meio das ruas e no centro dos cruzamentos. A distribuição, no entanto, era precária e os paratienses conviviam rotineiramente com apagões.

Em 1959, o serviço foi encampado pelo Estado do Rio de Janeiro. Na época, as instalações elétricas da cidade se encontravam em péssimas condições. Em 1960, o governo fluminense realizou serviços de melhoria, substituindo os velhos postes de ferro por colunas de madeira. Três motores a óleo diesel foram instalados no prédio onde hoje funciona o escritório da ENEL na cidade. Anos mais tarde, a CERJ também construiu a subestação de Paraty, localizada no Corumbê, abastecida pelas linhas de transmissão que vêm de Angra. Em 2008, a Prefeitura Municipal em parceria com a já privatizada Ampla realizou o cabeamento subterrâneo do bairro histórico, exigência da Unesco para a obtenção do título de Patrimônio Mundial.



1972
Rua da Lapa
Arquivo Nacional

1975-79
Governador Faria Lima inaugura Usina
Termoelétrica de Paraty, onde hoje funciona a ENEL
APERJ

2016
Ajuste nas subestação de São Roque
Enel



As escolas

Embora houvesse instituições particulares de ensino na cidade, a história da educação pública de Paraty se inicia com a fundação do Grupo Escolar Raul Pompéia em 1936, reivindicação antiga da população de Paraty. Em 1945, começaram as obras para a transferência do Grupo Escolar – agora chamado Samuel Costa – para um novo endereço, na Rua Presidente Pedreira. Para a construção do novo prédio, foi preciso retirar o antigo chafariz do meio da via pública e centralizá-lo em uma praça. De 1946 a 1950, foram construídas escolas em localidades de difícil acesso: Tarituba, Taquari, Praia Grande, Mamangá e Corisco.

No ano de 1956, Mário Moura Brasil do Amaral funda o Ginásio Paratiense, avanço considerável para o ensino em Paraty, que só dispunha da educação básica à época; em 1962, a Escola Técnica de Comércio Professor Aquino, a primeira de ensino de segundo grau na cidade. Em 1972, o complexo educacional Moura Brasil foi encampado pelo governo do Estado e anexado ao Grupo Escolar Samuel Costa. Da fusão surge o Centro Educacional de Paraty que, em 1973, passou a se chamar Colégio Estadual Engenheiro Mário Moura Brasil do Amaral (CEMBRA). Ao longo do tempo, novas escolas – particulares e públicos – viriam a ser inauguradas na cidade e nas zonas rural e costeira.



1972

Fachada do Grupo Escolar Samuel Costa
Arquivo Nacional

1960

Interior do Grupo Escolar Samuel Costa
IHAP

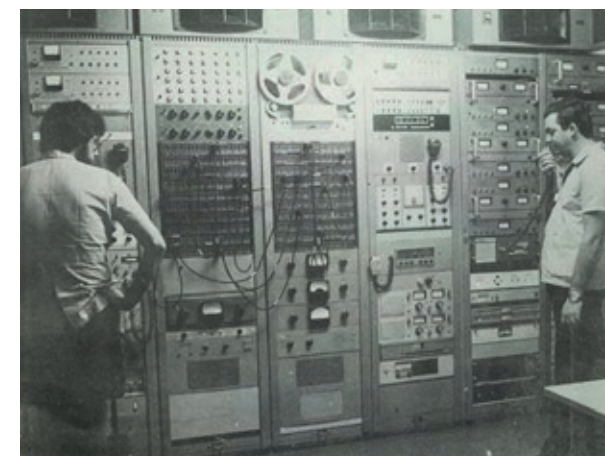
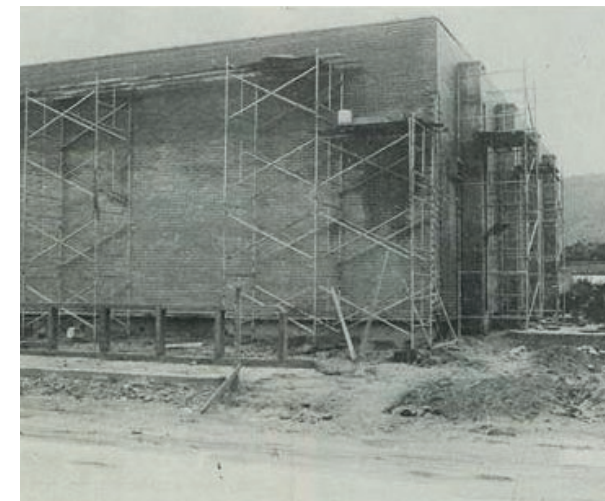
1960

Praça do Chafariz e Grupo Escolar ao fundo
IHAP

As comunicações

Em 1945, o empreendedor Antônio de Oliveira Vidal inaugurou o serviço de alto-falantes São Jorge. Numa cidade sem estações de rádio ou telefones, os megafones instalados em pontos estratégicos da cidade transmitiam de tudo: cerimônias religiosas, partidas de futebol, discursos políticos e anúncios de nascimento e casamento. O negócio também prestava um serviço público à comunidade, comunicando achados e perdidos, além de convocar médicos para a casa de pacientes acamados. As transmissões de Vidal eram tão bem elaboradas que chegavam a ser captadas em algumas frequências de rádio.

Em 1962, foi inaugurada a sede da Companhia Telefônica Tupi em Paraty, que instalou 78 linhas na cidade. De acordo com Zezito Freire em seu livro sobre a história da cidade no século XX, o serviço era “*de péssima qualidade, mas considerado fator da maior importância para as comunicações de Paraty*”. Naquela época, todas as ligações eram feitas com auxílio de telefonistas que ficavam no local. Interurbanos poderiam demorar horas para serem completados e não eram raras as vezes em que o telefone só era possível no dia seguinte. Era comum ver turistas e paratienses sentados na calçada aguardando pacientemente a sua vez de falar ao telefone público que ficava ali. Em 1978, já encampada pela Telerj, a empresa remexeu no calçamento original da cidade para realizar obras de cabeamento subterrâneo nas ruas do Centro Histórico a fim de equipar as residências do bairro com mais telefones fixos.



1978
Companhia Telefônica Tupi
IHAP

1945
Serviço de alto falantes São Jorge
Arquivo Nacional

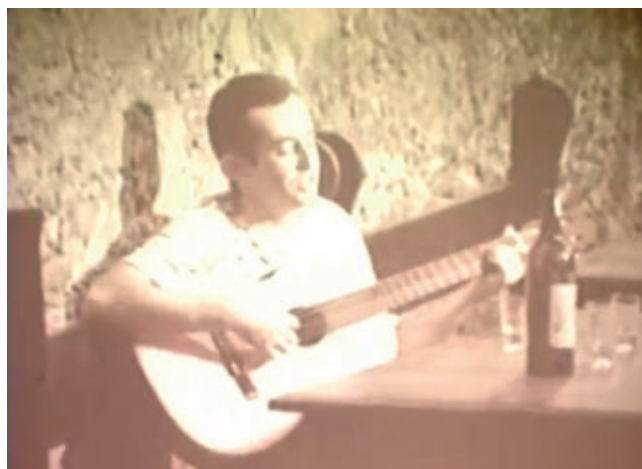
1978
Fotos do Jornal Sino Azul
IHAP

... E a boemia

A cidade que um dia já foi sinônimo de cachaça sempre foi boêmia por natureza. Além do *Bar do Abel*, iniciando suas atividades em 1958, um dos pioneiros redutos dos farristas paratienses, artistas e dos primeiros turistas, uma série de bares, botecos, adegas e restaurantes escreveu a história etílica de Paraty. O *Valhacouto*, por exemplo, foi um lendário restaurante em Paraty fundado por Zé Kléber. O estabelecimento recebeu e alimentou artistas de diferentes origens na década de 1960. A casa tinha até hino, composto pelo proprietário: a “Chiba do Valhacouto”.

Foi numa noite de bebedeira no restaurante que Dom João Maria de Orléans e Bragança, neto da Princesa Isabel, entrou a cavalo no salão e, com a espada em punho, declarou a fundação da “República Livre de Paraty”, para o delírio dos presentes. De Leila Diniz a Nara Leão, grandes nomes da cultura brasileira sentaram-se nas mesas do Valhacouto. O icônico e irreverente restaurante, no entanto, durou pouco: Zé Kléber era um alvo antigo da ditadura militar e, com o re-crudescimento do regime, se viu obrigado a fechar as portas do local.

Com o desenvolvimento da atividade turística na cidade, no entanto, outros estabelecimentos foram sendo fundados com a finalidade de saciar a sede de paratienses e visitantes. Alguns desses lugares, que já encerraram suas atividades, conquistaram uma clientela fiel e merecem menção especial na história boêmia da cidade, como o *Bar Canal*, *A Luz Difusa do Abajur Lilás*, *Miota*, *Quintal*, *Bem-Me-Quer*, *Sancho Pança*, *Cana Verde*, *Do Luxo ao Lixo*, *Como Antigamente*, *Bar da Terra*, *Lanchonete Toronto*, *Dinho's Bar* e *Val's*, entre tantos outros. Mais do que lugares para o mero consumo de pinga, cerveja, vodca ou conhaque, esses lugares eram centros de convivência e parte importante do tecido social paratiense, onde nasciam amizades, namoros e relações para toda a vida.



1965
Zé Kléber no restaurante Valhacouto
Filme N. S. Remédios, de Pedro Rovai

2010
Placa do Dinho's Bar
Paraty Persona

1989
Aldo Cruz com seu violão no Sancho Pança
Reprodução

2008
Toronto durante um evento na Flip
Picareta Cultural



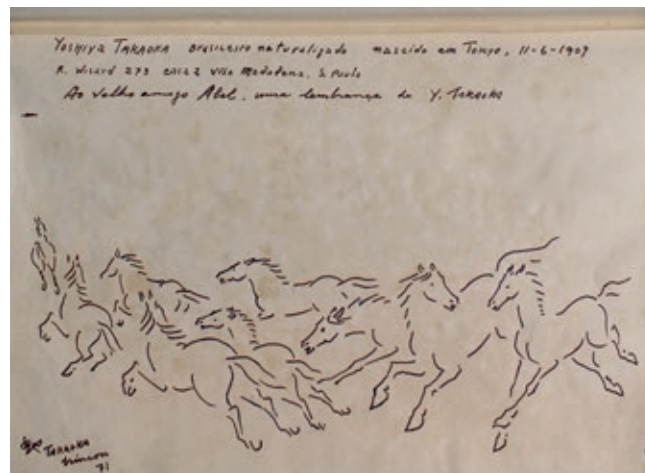
As artes visuais: do Bar do Abel às galerias e ateliês

Nascido em 1925, Abel de Oliveira deixou Niterói para empreender em Paraty. Em 1958, fundou o Bar do Abel. O estabelecimento que rapidamente se transformou em uma referência para a boemia de Paraty. Era em suas mesas que os artistas terminavam suas noites, invariavelmente com se- restas e cantorias regadas com as melhores aguardentes locais. No menu, as sopas eram as mais pedidas para aquecer os comensais nas noites frias de Paraty.

Nas paredes do bar, o artista nipo-brasileiro Yoshiya Takaoka desenhou seus célebres cavalos, que rapidamente se tornaram a marca registrada do lugar. Escritores como Zé Kléber, pintores como Djanira, e cineastas como Nelson Pereira dos Santos frequentavam o local e se tornaram amigos próximos de seu proprietário.

Além de talento para o comércio, Abel de Oliveira tinha uma sensibilidade incomum para as artes plásticas. Logo se tornou uma espécie de mecenas para os muitos artistas que trabalhavam na cidade e que frequentavam o seu bar. Muitas vezes, aceitava obras de arte como pagamento das despesas que eles faziam no balcão. Ao longo do tempo, muitos desses criadores o presentearam com pinturas e desenhos em agradecimento à sua generosidade e apoio. Assim, Abel reuniu uma notável coleção, repleta de trabalhos de nomes de peso das artes plásticas brasileiras no século XX.

Tornou-se, assim, um dos primeiros galeristas da cidade. Um testemunho da admiração da classe artística por Abel é um caderno em que nomes de diversas nacionalidades (além de brasileiros, alemães, italianos e japoneses) assinavam quando passavam por lá. “Em cada cidade do Brasil deveria existir um Abel para incentivar a arte brasileira”, escreveu o artista plástico Eduardo Ostergren em 1974. Uma réplica deste caderno iniciado em 1968, com todas as ilustrações contidas em suas 100 páginas, esteve disponível para consulta durante a exposição. Falecido em 1976, Abel será eternamente lembrado como um pioneiro das artes locais.



2023
Caderno do Abel
Reprodução

1968
Ilustrações do caderno do Abel
Reprodução



As outras galerias pioneiras

Além de Abel de Oliveira, outros *marchands* movimentaram o então incipiente mercado das artes de Paraty. Dois deles merecem atenção especial: o paulista Marino Gouvêa e o gaúcho Zilco Ribeiro.

O último já era um consagrado produtor de teatro de revista desde os anos 1940 quando se mudou para Paraty nos anos 1970. Amigo de Paulo Autran e Maria Della Costa, fundou a Galeria Maramar. Estabeleceu-se primeiro na Rua Dona Geralda onde hoje funciona o Teatro Espaço e depois em outro endereço localizado na mesma rua, na esquina com a Rua da Ferraria. Além de comercializar as obras de arte, realizava curadorias e exposições de artistas que produziam em Paraty, como o japonês Yoshiya Takaoka (1919-1978).

Antônio Marino Gouvêa, por sua vez, pode ser considerado um dos precursores do mercado de arte brasileiro. Dono de uma das primeiras galerias de arte de São Paulo, era ligado a figuras do modernismo como Anita Malfatti – de quem chegou a ser representante – e se notabilizou como colecionador de obras de arte. Apaixonado por Paraty, abriu uma galeria no bairro histórico e, em 1983, doou para a cidade as obras que hoje compõem a Pinacoteca Marino Gouvêa. Em seu acervo, a pinacoteca tem obras de Djaniira, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Frank Schaeffer, Armando Viana, entre outros.

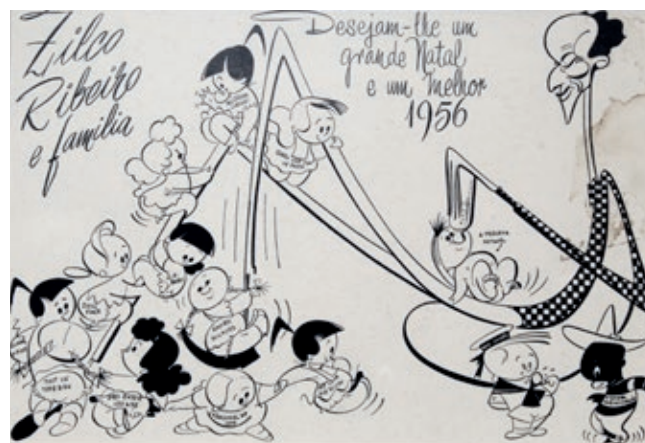


1981
Vista a Caminho do Forte
Ferenc Kiss

1975
Cavalos
Yoshiya Takaoka

1956
Lembranças da Galeria Maramar
Zilco Ribeiro

1993
Vista aérea de Paraty
Paulo Gomes



Os primeiros ateliês

A efervescência cultural de Paraty na segunda metade do Século XX naturalmente atraiu diversos artistas plásticos. Tão logo aportaram por aqui, muitos se apaixonaram e decidiram abrir os seus ateliês, passando a fazer parte da vida social da cidade. Aos poucos, o Centro Histórico foi sendo habitado e colorido por criadores de diferentes nacionalidades, que contribuíram de maneira fundamental para a herança pictórica e escultórica local.

Entre os estrangeiros, podemos destacar nomes como o da Moussia Pinto Alves – ou Moussia von Riesenkampf (1910-1986). Pintora e escultora nascida em São Petersburgo, na Rússia, foi uma das precursoras do abstracionismo no Brasil. Em sua obra, também trabalhava com a figuração, quando retratava costumes populares, temas religiosos e impressões do cotidiano. Chegou à Paraty nos anos 1960, integrando-se rapidamente com os agitadores culturais da cidade e participando com pequenos papéis em filmes do Cinema Novo. No ano de 1973, é a vez do alemão Hartwig Burchard (1920-2014) fixar residência por aqui. Artista autodidata com trabalhos expostos no Museu de Arte de São Paulo e no Metropolitan Museum of Art em Nova Iorque, produziu em diversas plataformas, como pintura, desenho, escultura e monotipia.

Entre os brasileiros que aportaram em Paraty para trabalhar, destacam-se a paulista Djanira da Motta e Silva (1914-1979) e o mineiro Frank Schaeffer (1917-2008). Pintora, desenhista, cartazista e gravadora, Djanira comprou um casarão em Paraty em 1960, e mais tarde construiu um ateliê na Barra do Corumbê. Produziu muitas de suas famosas obras *naïf* inspiradas no folclore e na natureza de Paraty. Deixou a cidade no fim da década após entrar na mira dos representantes locais da ditadura militar. Schaeffer, por sua vez, chegou à cidade nos anos 1980. Pintor de tradição expressionista, caiu logo no gosto dos apreciadores de arte locais e visitantes por retratar as paisagens de Paraty com todo o esplendor de seus tons de verde e de azul.

Moussia, Burchard, Djanira e Schaeffer são apenas alguns dos exemplos mais desta-



1958
Sem título
Djanira



1995
Bola de gude
Júlio Paraty

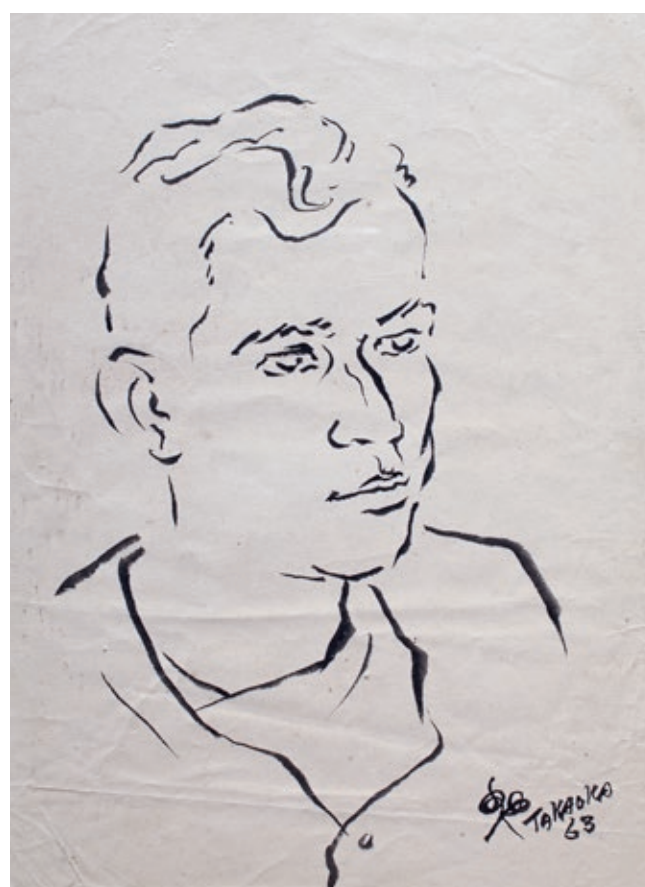


1969
Mulher
Moussia



1984
Paisagem com igreja
Frank Schaeffer

cados da miríade de artistas que vieram a chamar Paraty de lar. Todos que aqui chegaram e produziram ajudaram a construir a história das artes plásticas na cidade, despertando vocações e incentivando talentos locais, com inúmeros ateliês se sucedendo espalhados no Centro histórico e no município, muitos deles até hoje em atividade.



1958
Figuras
Di Cavalcanti

1963
Retrato de Zé Kleber
Yoshya Takaoka

1998
Barcos na Paisagem
Hiroshi Murakami

1993
Mercado de Paraty
Gonzalo Cárcamo

Dos cinemas à cidade cinematográfica: os cinemas de Paraty

O primeiro cinema de Paraty foi na rua Dona Geralda, onde hoje é o Teatro Espaço, no final da década de 1920. Conhecido como o Cinema do Sinoca, passava os filmes mudos com acompanhamento de um conjunto de músicos das bandas da cidade, dirigido por Carlos Freire. Um segundo cinema existiu por um breve período na esquina da mesma rua com o Largo de Santa Rita, já na década seguinte. Mas seria já na Praça da Matriz que o cinema duraria mais tempo: em imóvel originalmente térreo reformado e adaptado para a função, foi aberto por Paulo Delfino dos Santos, conhecido como Paulo Pirata, nos últimos anos da década de 1930. Devido às condições da energia elétrica na época, era preciso esperar até depois das 22 horas para que houvesse potência suficiente para acionar a máquina de projeção; e sendo uma só, havia também os intervalos para o rebobinamento e troca de rolos.

Assim funcionou até 1947; dois anos depois, foi reaberto por Antônio de Oliveira Vidal, com o nome de Cine São Jorge, e já cinema falado. Foi transferido a Pedro Stanisce, seu último proprietário, que adquiriu uma segunda máquina de projeção e manteve o Cine São Jorge em operação até 1973. Permaneceu então fechado, a parte algumas iniciativas sem sucesso de reabri-lo e outras destinações eventuais, até sua aquisição pela Prefeitura e, por fim, inteiramente restaurado e reformado, ser restituído aos paratienses em julho de 2018, como o Cinema da Praça Zé Kleber.



1935
Cinema do Sinoca
Acervo família Dias Gonçalves

1935
Paulo Delfino, vulgo Paulo Pirata
Acervo família Dias Gonçalves

1975
Reformas no Cinema da Praça
Cinema da Praça

2018
Reformas no Cinema da Praça
Cinema da Praça

O cinema em Paraty

A beleza e variedade de paisagens e cenários proporcionados pelo patrimônio natural e edificado de Paraty, mais a atmosfera artística e boêmia que foi se criando na cidade, acabariam tornando-a uma locação ideal para a realização de inúmeros filmes nas últimas décadas do século XX. O primeiro, todavia, veio ainda antes da abertura dos acessos por terra à cidade: o longa *Estrela da manhã*, rodado em 1948 e lançado em 1950 e que, apesar da presença de Dorival Caymmi no elenco com sua música, não chegou a ser um sucesso de público ou crítica.

Seria, então, a partir de *Brasil ano 2000*, de Walter Lima Jr., de 1968, que de fato se iniciaria um intenso ciclo de produções cinematográficas em Paraty, nos primeiros anos contando com a atuação de importantes figuras do Cinema Novo – como Nelson Pereira dos Santos, Leila Diniz, Luiz Carlos Lacerda – e ampla participação de paratienses, Zé Kleber à frente; e se prolongaria até 1990, com filmes em diversos gêneros e dimensões, incluindo produções internacionais, sendo uma delas, *O quinto macaco*, que viria a encerrá-lo, já com a crise no cinema brasileiro decorrente da extinção da Embrafilme. Apenas com a sua retomada que as filmagens voltariam a ocorrer em Paraty, já adentrando o século XXI. Segue a *filmografia completa* que se conhece das produções realizadas em Paraty.

1948
Matéria sobre gravação do filme Estrela da manhã
 Jornal A Cena Muda

1983
Gravações do filme Gabriela
 O Globo

1968
Matéria sobre o filme Brasil Ano 2000
 Revista Manchete

1983
Bruno Barreto, Marcello Mastroianni e Tom Jobim na Capelinha
 IHAP



ESTÁ NASCENDO A "ESTRELA DA MANHÃ"

FILMANDO NA RESTINGA DA MARAMBAIA * TRABALHO DE TRANSPORTE E DIFICULDADES GRANDES E PEQUENAS * PAULO GRACINDO E O GALA E A NOVATA DULCE BRESANO A HEROÍNA * UMA ATRIZ INTERNACIONAL NO ELENCO * CAIMAMI E SUAS CANÇÕES

Texto de MAYA GOMES
 Fotos de RUI SANTOS



A ATRIZ italiana (Dulce Bresano) tem sua hora para ser "Estrela da Manhã". (Foto de Rui Santos)

A CENA MUDA — 17-6-48 — Pág. 11




O BRASIL NO ANO 2000

Reportagem de Tadeu Barreto. Foto de Walter Lima Jr.




A preparação da pequena cidade de Paraty, localizada no litoral da Baía de Ilha Grande, está em plena atividade. De repente, toda sua estrutura é penetrada pelo trabalho de um grupo de pessoas cultas e ricas de meios, responsáveis por uma de suas maiores realizações: a realização do filme "Brasil no Ano 2000" que começará.

Com a participação especial do Arqueólogo Humberto, o trabalho do diretor Walter Lima Júnior está alcançando grande parte do litoral no interior da cidade. Esse trabalho de caráter para as grandes produções de caráter histórico e artístico de Paraty, não só será realizado no casarão, as grandes festas e até mesmo os julgamentos de crimes e execuções.

Interessante também em Paraty, Brasil Ano 2000 deverá estar conectado até o fim de março deste ano com um projeto de organização — a cidade será usada para o filme "Brasil no Ano 2000" de Walter Lima Júnior, realizado em Paraty, litoral da Baía de Ilha Grande, onde se encontra o grande casarão com o acervo superior a 100 mil peças de arte.

Desde de se ter transformado num refúgio de turistas e intelectuais que lá tem decorrido, Paraty começa a tomar um ar de cidade de cinema. Há um projeto de organização da cidade que deverá ser o eixo do filme, passando pelo ciclo de festas e ações artísticas da cidade de cinema.



Longas metragens

1950 - *Estrela da manhã*, de Oswaldo Marques de Oliveira; com Paulo Gracindo e Dorival Caymmi, e música deste e Radamés Gnattali

1968 - *Brasil Ano 2000*, de Walter Lima Jr.; com Anecy Rocha, Helio Fernando e Ziembinski; música de Gilberto Gil (prêmio de Melhor direção no Festival de Berlim de 1969)

1970 - *Azylo muito louco*, de Nelson Pereira dos Santos (baseado em O alienista de Machado de Assis); com Nildo Parente, Isabel Ribeiro, Arduino Colasanti e José Kleber

1970 - *A moreninha*, de Glauco Mirko Laurelli (baseado no livro de Joaquim Manuel de Macedo); com Sônia Braga, David Cardoso, Nilson Condé e Carlos Alberto Riccelli

1971 - *Como era gostoso o meu francês*, de Nelson Pereira dos Santos; com Arduino Colasanti, Ana Maria Magalhães, Eduardo Imbassahy Filho, Manfredo Colasanti, José Kleber, Gabriel Arcanjo

1973 - *Quem é Beta*, de Nelson Pereira dos Santos; com Frédéric de Pasquale, Sylvie Fennec, Regina Roseburgo

1977 - *Anchieta José do Brasil*, de Paulo César Saraceni; com Ney Latorraca, Luiz Linhares, Maurício do Valle, Joel Barcellos, Hugo Carvana, Paulo César Pereio

1979 - *O princípio do prazer*, de Luiz Carlos Lacerda; com Odete Lara, Paulo Villaça, Ana Maria Miranda, Carlos Alberto Riccelli

1982 - *Tormenta*, de Umberto Molo; com Hileana Menezes, Bianca Byington

1983 - *Gabriela*, de Bruno Barreto (baseado no livro de Jorge Amado); com Sônia Braga e Marcello Mastroianni; música de Tom Jobim

1985 - *Chico Rei*, de Walter Lima Jr.; com Alexander Allerson, Anselmo Vasconcelos, Antônio Pitanga; música de Wagner Tiso



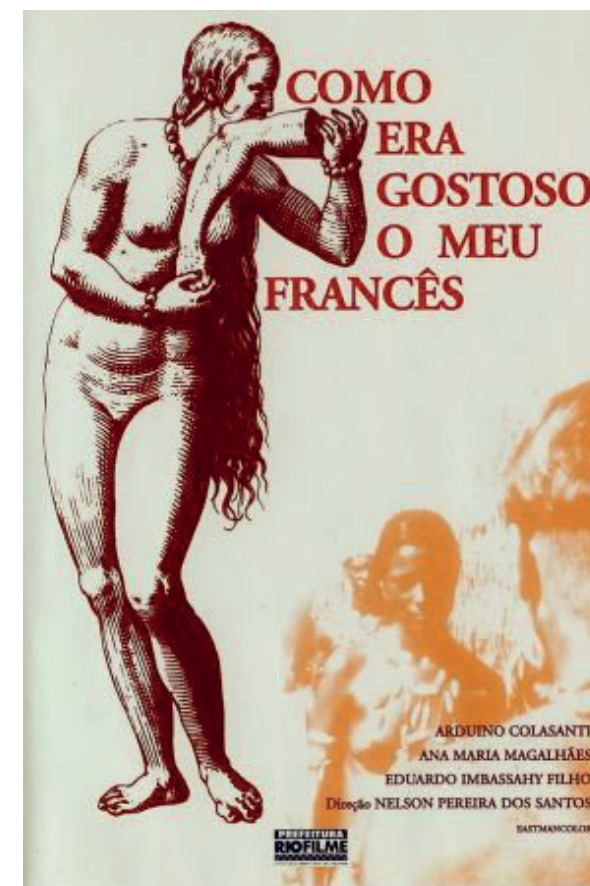
1983
Cartaz do filme Gabriela
Cinematca Brasileira

1970
Cartaz do filme Azylo muito louco
Cinematca Brasileira

1979
Cartaz do filme O princípio do prazer
Cinematca Brasileira

1983
Cartaz do filme Como era gostoso o meu francês
Cinematca Brasileira

1968
Cartaz do filme Brasil ano 2000
Cinematca Brasileira



1985 - *A floresta das esmeraldas*, de John Boorman; com Powers Boothe, Meg Foster, Charley Boorman

1985 - *O beijo da mulher aranha*, de Hector Babenco (baseado no livro de Manuel Puig); com William Hurt, Sônia Braga, Raul Julia

1987 - *Leila para sempre Diniz*, de Luiz Carlos Lacerda; com Paulo César Grande, Louise Cardoso, Marieta Severo; música de Wagner Tiso

1987 - *Ele o Boto*, de Walter Lima Jr.; com Carlos Alberto Riccelli, Cássia Kiss, Ney Latorraca, Dira Paes; música de Wagner Tiso

1987 - *Paraty: Mistérios*, de Flávio Tambellini; narração de Raul Cortez, música de André Abujamra

1990 - *O quinto macaco*, de Eric Rochat; com Ben Kingsley, Vera Fischer, Milton Gonçalves

1998 - *Tiradentes*, de Oswaldo Caldeira; com Humberto Martins, Tamyris Martins, Janaina Guerra, Paulo Autran; música de Wagner Tiso

2000 - *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de André Klotzel (baseado em Machado de Assis, roteiro em colaboração com José Miguel Torero); com Reginaldo Farias

2003 - *Harmada*, de Maurice Capovilla (baseado em João Gilberto Noll); com Paulo Cesar Pereio, Joana Medeiros; música de Matias Capovilla

2011 - *Amanhecer - Crepúsculo*, de Bill Condon (baseado na saga Crepúsculo); com Kristen Stewart e Robert Pattinson

2012 - *Noite de Reis*, de Rita Cordeiro; com Bianca Byington, Enrique Diaz, Raquel Bonfante

2014 - *Vermelho Brasil*, de Sylvain Rimbau (baseado no livro de Jean Christophe Rufin); com Stellan Skarsgard, Théo Frilet, Juliette Lamboley

2017 - *Era uma vez uma história*, de Juan José Buezas e Juan Manuel Naves; com Lilia Schwarcz, Dan Stulbach



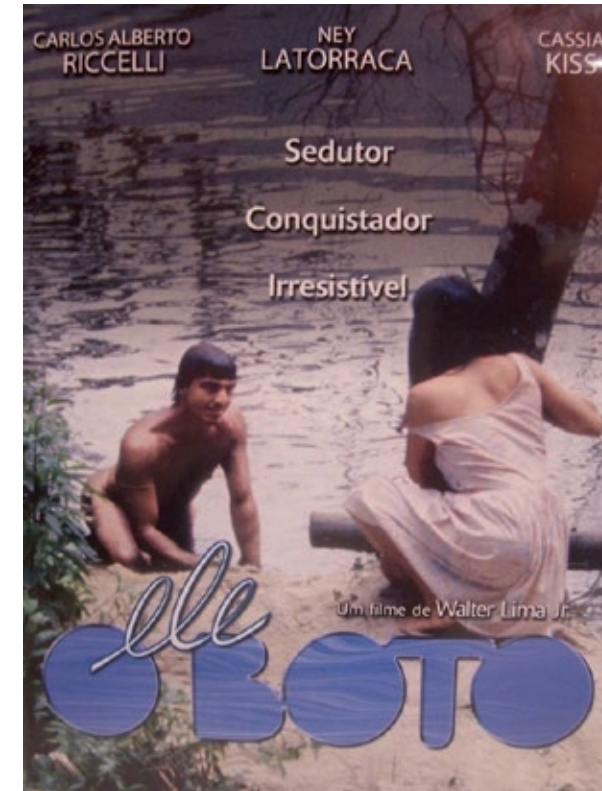
1987
Cartaz do filme Leila para sempre Diniz
IHAP

1987
Cartaz do filme Ele o Boto
UFT

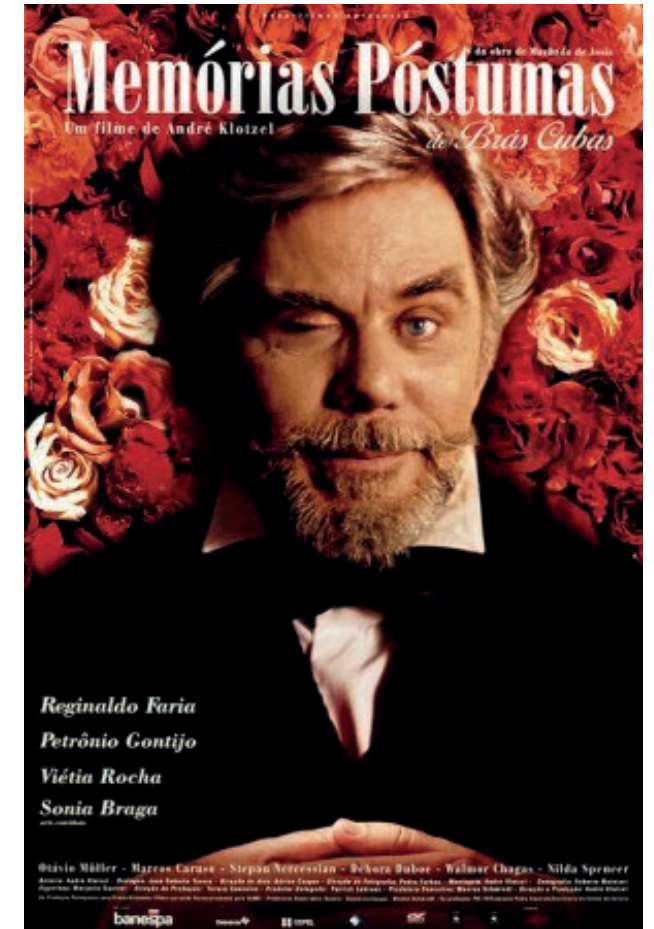
1979
Cartaz do filme Memórias póstumas de Brás Cubas
Cinemateca Brasileira

2014
Cartaz do filme Vermelho Brasil
Globofilmes

2011
Cartaz do filme Amanhecer - Crepúsculo
AdoroCinema



2014
Cartaz do filme Vermelho Brasil
Globofilmes



2019 - *Sem seu sangue*, de Alice Furtado

2020 - *Dr. Gama*, de Jefferson De

Curtas metragens

1972 - *Os devassos*,
de Carlos Alberto de Souza Barros

1973 - *Paraty: impressões*,
de Harry Roitman

1973 - *O sereno desespero*,
de Luiz Carlos Lacerda

1974 - *Paraty Mistérios*,
de Luiz Carlos Lacerda

1975 - *Nossa Senhora dos Remédios*,
de Pedro Rovai

1979 - *O acendedor de lampiões*,
de Luiz Carlos Lacerda

1980 - *Briga de galos*,
de Luiz Carlos Lacerda

1980 - *Memória de Paraty*,
de Araken Távora

2015 - *O outro escritor*,
de Hemerson Cel

1979
O Acendedor de Lampiões
Luiz Carlos Lacerda

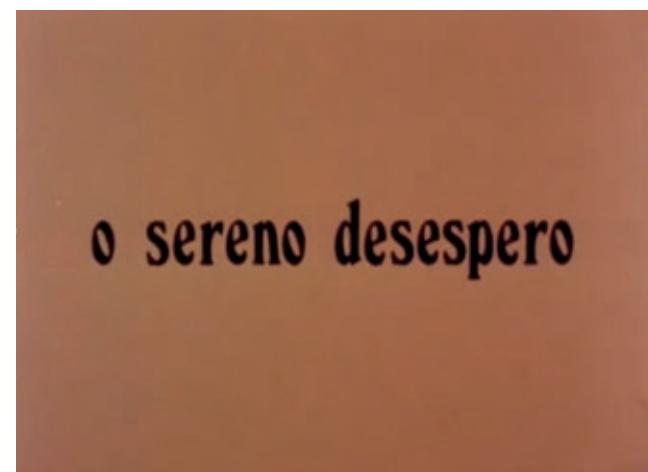
1975
Nossa Senhora dos Remédios de Paraty
Pedro Rovai

1973
O sereno desespero
Luiz Carlos Lacerda

1974
Paraty Mistérios
Luiz Carlos Lacerda

1978
Bastidores do filme Briga de galos
IHAP

1978
Briga de galos
Júlio Paraty



A televisão de Paraty e as televisões em Paraty

Assis Chateaubriand importou a televisão para o Brasil em 1950. O aparelho, no entanto, levou mais 15 anos para superar as escarpas da Serra do Mar e finalmente chegar à Paraty. Em 1965, o vendedor Duval Medeiros foi o responsável por trazer o primeiro aparelho de TV para a cidade. Apesar do péssimo sinal, a chegada do equipamento transformou radicalmente a vida da comunidade.

Prova disso é que, poucos anos após a chegada do televisor às salas paratienses, o Cine São Jorge não conseguiu superar a concorrência da telinha e fechou as portas definitivamente em 1973.

A cidade, todavia, precisou esperar mais algumas décadas para ter uma emissora para chamar de sua. Inaugurada nos anos 1990, a EcoTV representou um avanço sem precedentes para o jornalismo comunitário em Paraty. Com sinal aberto e conteúdo educativo, a estação ia ao ar na cidade pelo canal 5 e reproduzia conteúdo da TV Educativa, do Rio, e da TV Cultura, de São Paulo. Além disso, produzia material próprio sobre o cotidiano de Paraty e Angra dos Reis. Telejornais, debates políticos e programação infantil faziam parte da grade. Sua primeira transmissão aconteceu em 19 de novembro de 1991. Rapidamente ganhou popularidade entre a população local. Não eram raras as vezes em que o Eco Jornal superava até os números da TV Globo, chegando à liderança de audiência na cidade. Alguns trechos da retrospectiva de 1996, exibida nesta sala, comprovam o dinamismo e o espírito de vanguarda que fizeram a fama da EcoTV.

As imagens da retrospectiva funcionam como uma máquina do tempo para os anos 1990. E mostram como a equipe da EcoTV atuava na cobertura dos mais diferentes temas: cobrando transparência das autoridades locais e dando voz ao público. Embora inovadora, a experiência era muito cara. Limitada pela legislação que impede que emissoras educativas façam anúncios publicitários, chegou ao fim junto com o Século XX. O encerramento do projeto deixou uma lacuna no noticiário local que perdura até os dias de hoje.

- As produções televisivas que tiveram Paraty como locação:

1984 - Marquesa de Santos (Manchete)

1984 - O tempo e o Vento (Globo)

1987 - Dona Beija (Manchete)

1991 - O sorriso do lagarto (Globo)

1993 - Mulheres de areia (Globo)

1995 - Episódios de programas TV Cultura, Globo, e Telemedeia (Lisboa)

1997 - Direito de nascer (TVS)

1999 - A muralha (Globo)

2002 - O quinto dos infernos (Globo)

1990
Logotipo EcoTV
EcoTV

1990
TV Cultura
Cinemateca Brasileira

1994
Três notícias da emissora EcoTV
EcoTV



O patrimônio de Paraty - a tradição oral nas músicas e danças

A Ciranda de Paraty é, em seguida às festas, a manifestação atual mais imediatamente marcante de seu patrimônio imaterial. A *ciranda* era, originalmente, apenas uma das danças a integrar os bailes da zona rural chamados de Chiba, mas acabaria se tornando o nome genérico a designar esse conjunto de danças e músicas de tradição oral.

Os bailes aconteciam nas casas da roça, em datas festivas ou após os mutirões. Iniciavam-se com a Chiba, vigoroso sapateado dançado em roda, por várias horas, com os tamancos de madeira fazendo soar o ritmo no piso de assoalho das salas de baile; e por ser a primeira e mais longa das danças, davam o nome a toda a festa. Seguiam-se as chamadas miudezas, danças mais curtas sem sapateado: incluíam a própria *Ciranda*, e mais: *Cana-verde-de-mão*, *Cana-verde-valsada*, *Canoa*, *Arara*, *Marca de lenço*, *Caranguejo* e outras, cada uma com seu modo característico de organizar os dançarinos e fazê-los evoluir. Entravam madrugada adentro, e o baile terminava já o dia nascendo, com a dança da tonta ou tontinha. Aos versos e refrãos das canções apropriadas a cada uma das danças, os cantadores improvisavam repentes adequados à ocasião; a instrumentação incluía a viola caipira de 10 cordas, o pandeiro ou adufe (versão mais artesanal do primeiro), violão, cavaquinho ou machete, bandolim, caixa ou tambor, e rabeca.

Vale ressaltar que a realização desses bailes, ou a eles assemelhados, dentro do perímetro urbano era especificamente proibida durante todo o século XIX por um artigo do Código de Posturas de 1836; e ainda na primeira metade do século XX *continuariam mal vistos* e tratados com um superior desdém pelos moradores da cidade – embora testemunhos (alguns cândidas confissões em nada arrependidas) não faltem nos jornais da época sobre o quanto eram avidamente frequentados pelos jovens (e não só).

À parte algumas gravações amadoras com o advento dos gravadores de fita cassete no final da década de 1960, o primeiro registro fonográfico da *Ciranda de Paraty* é, com esse nome, um disco compacto 35rpm. Com 4 faixas – *Chiba-Cateretê* (abertura); *Cabôco*



2023

Apresentações na Festa do Divino
Secretaria de Cultura de Paraty

2012

Grupo Sete Unidos Cirandeiros de Paraty
Secretaria de Cultura de Paraty

1996

Cartaz do 1º Festival de Comidas Típicas e Danças Folclóricas
Secretaria de Cultura de Paraty

I Festival de Comidas Típicas e Danças Folclóricas

PARATY

20 a 28 de julho

1 9 9 6

PRAÇA DA MATRIZ



**VENHA DEGUSTAR DELICIOSOS PETISCOS
AO SOM DE MUITA CIRANDA, SERESTAS E PAGODE**

Informações: ACIP - Ass. Com. Ind. Paraty - (0243) 71-2095

REALIZAÇÃO



Associação Comercial
e Industrial de Paraty

APOIO



Prefeitura Municipal de Paraty
Secretaria de Turismo e Cultura

Veio; Caranguejo; Tonta (despedida) – tem como intérpretes Mestre Francisco José de Bulhões (Seu Chiquinho) e a Ciranda de Tarituba; gravado no Museu do Folclore no Rio de Janeiro em 1975 e lançado em 1976 como parte da coleção Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro da FUNARTE-MEC. O texto da contracapa, que aponta como as origens do folguedo uma mistura das rodas indígenas às quadrilhas trazidas pela missão francesa de D. João VI, é da antropóloga Cásia Frade. Além de responsável por levar o grupo ao Rio, ela desenvolveu entre 1975 e 1985 pioneira e abrangente pesquisa sobre essa manifestação cultural e sua importância simbólica e social para a comunidade de Tarituba, despertando a atenção para sua relevância tanto no âmbito local (em momento em que fermentava o primeiro ciclo cultural da cidade, com seu patrimônio sendo revalorizado) quanto estadual (com a vinda da Cia Folclórica do Rio, grupo da UFRJ que incluiria as danças e músicas de Paraty em seu repertório); e também alertando para o risco de sua descaracterização ou perda a partir das transformações trazidas pela Rio-Santos.

E, de fato, o impacto da estrada foi grande para a Ciranda, de forma talvez inesperada: de rural, ela acabou se aclimatando urbana, com a maioria de seus mestres migrando da roça para a cidade, seja pela pressão da especulação imobiliária, seja à procura de melhores oportunidades, instalando-se nos bairros que começavam a crescer em volta do centro original. E assumindo um duplo papel, não raro contraditório: ainda o de manifestação tradicional, espontânea e coletiva, repleta de memórias afetivas a reencontrar e renovar; mas também o de atração ou produto turístico, a apresentar e vender. Tornou-se, assim, presença recorrente e bem-vinda em boa parte dos eventos que se realizam na cidade; e, até por se valer dessa sua ambivalência, vem demonstrando sua vitalidade em perseverar e se reimaginar.

Momento significativo foi a criação da *Ciranda Elétrica* em 2003; inspirados no Mangue beat, jovens paratienses decidiram repaginar a música tradicional de sua cidade, reacendendo em seus contemporâneos o interesse por ela, tida como coisa de velhos. Pouco antes, em 1998, Luís Perequê produziu o segundo registro em disco da Ciranda, o CD de *Os Coroas Cirandeiros*, liderados pelos mestres Seu Verino e Seu Dito; um segundo CD do grupo, e o primeiro de *Os*



1998
CD Os Coroas Cirandeiros
Luís Perequê

2003
Logotipo Ciranda Elétrica
Acervo Ciranda Elétrica

2020
Cartaz do 5º Festival de Música de Tarituba
IHAP

2008
Logotipo Grupo Cirandeiro de Paraty
Lúcio Cruz

2018
Ciranda de Tarituba
Secretaria de Cultura de Paraty



Sete Unidos, liderado por Seu Ditinho das Canoas e Seu Dito do Pandeiro, foram na década seguinte produzidos pelo Núcleo de Mídias, Artes e Tecnologias; instituição que se juntou à Secretaria da Cultura e ao SESC de Paraty (este tendo papel importante na retomada da tradição da rabeça em Paraty, a qual se perdera após a morte de seu último mestre) no incentivo a jovens já querendo se tornar cirandeiros e vindo a formar seu próprio grupo – cujos integrantes percorreriam todo o município no programa *Ciranda nas Escolas* da Casa de Cultura de Paraty (em 2018, ensinado a quase 2.000 crianças em 32 localidades). E são arranjos instrumentais contemporâneos de canções da Ciranda – já antes desenvolvidos na Casa da Cultura – as trilhas sonoras dos vídeos institucionais dos títulos de Cidade Criativa da Gastronomia e Patrimônio Mundial.



1984
Cartaz Paraty em Festa
 IHAP

2018
Cateretê ou Fandango
 Secretaria de Cultura de Paraty

2018
Marrapaia
 Secretaria de Cultura de Paraty

2020
Bordado Dança das Fitas
 Regina Bartilotti

2023
Dança das Fitas
 Secretaria de Cultura de Paraty



A música de tradição escrita: a música sacra e as bandas

Além da música que se fazia e se transmitia de geração a geração, sobretudo nas roças e costeiras, indissociável de suas danças e festas, igualmente relevante é a da tradição escrita, urbana, das partituras em moldes europeus, mas já em estilos e gêneros adquirindo ares brasileiros.

Nas primeiras décadas do século XX, quando o isolamento e estagnação se faziam mais e mais sentir, Paraty ainda conseguia manter duas bandas de música, em acirrada rivalidade: a *25 de dezembro* e a *Lira da Juventude*. A qualidade de seus músicos pode ser atestada nas composições e arranjos dos manuscritos que a banda que veio a sucedê-las conseguiu preservar. E quando a esse acervo se soma o de partituras de música sacra conservado no Museu de Arte Sacra, remontando a meados do século XIX, é possível imaginar que era intensa e rica a vida musical de Paraty em seu auge (embora a pesquisa ainda a aprofundar).

A *Missa Paratiana* é um dos documentos mais importantes dessa época, e viria a ter importante papel no primeiro ciclo cultural de Paraty, ao se tornar uma das inspirações para a criação do Festival de Música Sacra de Paraty. Composta por autor desconhecido em meados do século XIX, a missa foi encontrada pelo musicólogo Régis Duprat em 1968 em Aparecida do Norte em acervo de família de tradição musical mineira, e teve sua primeira apresentação contemporânea no festival em 1985, sob a regência de Jonas Christensen. Em cinco movimentos, a missa foi escrita para vozes solistas e coro misto (SATB), flauta, clarinete, trompete, trompas, cordas e baixo contínuo.

Cabe acrescentar que, se a *Missa Paratiana* ficou longo tempo perdida, em 1945 uma outra missa ainda era regularmente executada na Matriz pela *Orquestra da Lira da Juventude*, integrada por 7 de seus melhores músicos (Z. Rubem, Ditinho Borges, Carlos Freire, Potinho, Osmar Pereira da Silva, Waldemiro, Anísio Miranda) e 5 cantoras, conforme *Folha de Pagamento da Festa do Divino* daquele ano, a qual indica também que a participação da banda nas procissões e demais momentos dava-se do mesmo modo que nos dias de hoje. Foi pos-

sível identificar essa missa: é a *Petite Messe solennelle facile et cantante*, de Jacques-Louis Battmann (Dijon, 1818-1886), a qual teve ampla disseminação na época em conjuntos musicais do interior do Brasil.



1983
Cartaz do Festival de Música Sacra
IHAP

1985
Coral na Festa de Nossa Senhora dos Remédios
Klaus Verner

1984
Cartaz do 1º Festival de Música Sacra
IHAP



A Banda Santa Cecília

A Lira da Juventude, fundada em 1899, chegou a ter mais de 30 componentes, quando a ela se integraram também os músicos da rival 25 de dezembro, com a sua dissolução. Muitos desses integrantes eram músicos excelentes, que tocavam mais de um instrumento, compunham e arranjavam – como João Miranda, Anísio Miranda, Carlos Freire, Benedito da Silva (Ditinho) Borges e Jesuíno de Castro (Zizinho) Rubem. Por razões não muito claras, todavia, a Lira da Juventude também acabaria por volta do final da década de 1940. E por algum tempo Paraty ficou sem banda; para as festas, conjuntos com os músicos remanescentes eram formados ou bandas de cidades vizinhas eram convidadas, conforme o prestígio e recursos do Festeiro.

Essa situação, atípica para Paraty, veio a ser solucionada pela iniciativa e empenho de Aldemar Duarte e Benedito das Flores, o maestro Potinho, com a fundação da Sociedade Musical Santa Cecília em 1954. Prosseguindo em atividade até hoje, é a instituição cultural mais antiga de Paraty; e caracteriza-se assim como mais uma singularidade na história de sua cultura, já que em época que a maioria das bandas das cidades de interior estava acabando ou começando a se descaracterizar, aqui uma nova banda foi fundada, e tão nos moldes das antigas que não só se manteve o repertório tradicional de dobrados, valsas, arranjos de marchinhas de carnaval e outros gêneros compostos por músicos da cidade, como novas músicas no mesmo estilo foram criadas. Em parte, isso pode ser atribuído às circunstâncias históricas da cidade, o seu isolamento preservando também um modo antigo de fazer música; mas essencial foi o papel desempenhado por uma figura ímpar, tanto como músico notável como por sua personalidade afável – *Benedito das Flores*, o maestro Potinho.

Nascido em 1921, Potinho aprendeu música com um dos maestros da Lira da Juventude, Zizinho Rubem, e nela tocou, já nessa época tendo começado a compor (*Exaltação a Paraty*, em parceria com Aldemar Duarte, e que se tornaria o hino da cidade, é de 1948). Com o fim da Lira, sua atividade como professor de música foi fundamental para o surgimento da Santa Cecília, da qual seria



1902
Lira da Juventude
Acervo Banda Santa Cecília

1954
Banda Santa Cecília
Acervo Banda Santa Cecília

1956
Banda Santa Cecília
Acervo Banda Santa Cecília

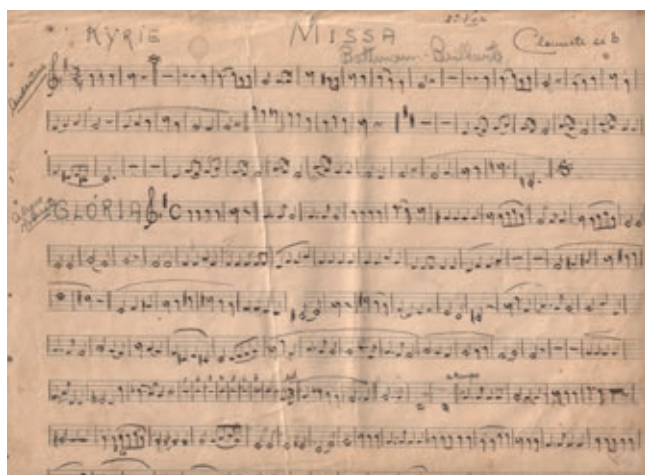
1962
Ensaio da Banda Santa Cecília
Acervo Banda Santa Cecília



um dos fundadores, o primeiro presidente, e o maestro até seu falecimento em 1998. No fim da década de 1950 foi nomeado pelo município professor de música, e seus alunos foram periodicamente renovando a banda. Seu primeiro dobrado é da década de 1940, o último de 1997; foram mais de uma dúzia, além de várias outras composições em gêneros tradicionais como valsa, rancheira e choro; e são dele todos os arranjos das músicas que a banda toca até hoje, dos quais fazia cópias à mão para todos os músicos – com a mesma incessante atividade e devoção à banda da cidade que aprendera com seus antecessores.



E que fez do maestro Potinho um músico ao mesmo tempo antigo, em sua prática tão similar à de meio século antes, e contemporâneo, por ter conseguido que essa música fosse ainda relevante na Paraty de hoje, com a Banda Santa Cecília sempre despertando atenção e emocionando ao tocar nas principais festas religiosas da cidade, algumas da zona rural, no Carnaval e em variedade de outras comemorações e eventos, tendo participado de filmes (*Brasil Ano 2000*, *Como era gostoso meu francês*, *Gabriela*, entre outros), produções de TV e concursos de bandas em outras cidades; e até hoje empolgando jovens músicos paratienses a fazer parte de sua tradição, e a renovar.



1974
Benedito das Flores, o Maestro Potinho
Banda Santa Cecília

1950
Partitura manuscrita do arranjo da Missa *Messe a 2 voix egales facile et eclatante op. 336*, de J.L. Battmann, que integrantes da Lira da Juventude tocavam nas missas na Matriz
Banda Santa Cecília

1954
Partitura manuscrita do *dobrado Sabiá* composição de Benedito da Silva (Ditinho) Borges, maestro da banda Lira da Juventude
Banda Santa Cecília

1982
Banda Santa Cecília durante procissão da Festa do Divino com Valdemiro Braz da Conceição, o *Charuto*, tocando souzafone
Banda Santa Cecília

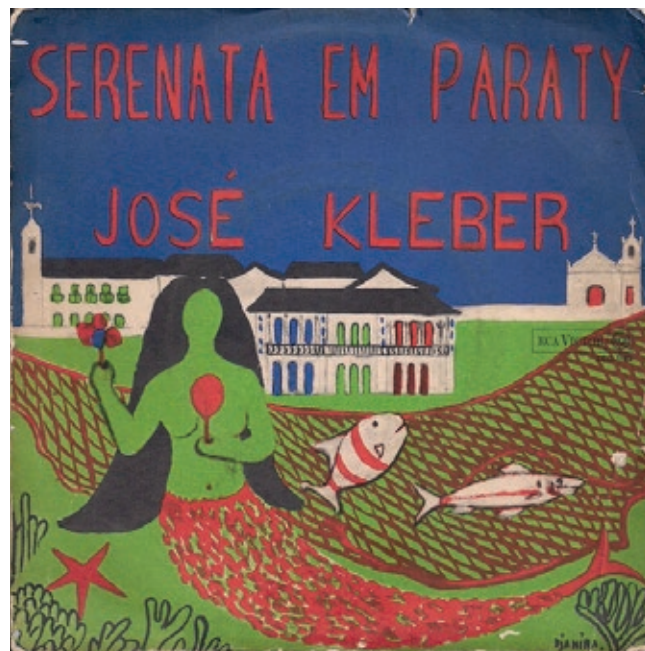
1988
Banda Santa Cecília
Banda Santa Cecília



E outras músicas mais

Outra tradição importante a mencionar da música em Paraty é a que se pode chamar das serestas ou serenatas, a falta de nome melhor: a das cantorias que os frequentadores da boemia, tanto paratienses quanto de fora, se entregavam, indo da voz fortemente empostada ao tom mais intimista que a bossa nova traria. Um documento significativo existe: o compacto 35rpm *Serenata em Paraty*, de José Kleber, de 1967, com 4 canções de sua autoria por ele interpretadas: *Chibado Valhacouto* (como que o hino, ou mote, de seu bar), *Balada de Paraty*, *Tudo isso é Paraty*, *Agora é vida* – letras e melodia, em especial das 2 últimas, a até hoje integrar o repertório dos músicos (incluindo arranjos de Potinho para a Banda Santa Cecília) e a memória de todos os paratienses. E nessa tradição, também se destacariam entre outros seus irmãos Vicente, como cantor, e Aldo, como exímio violonista acompanhador em qualquer tom; cada qual com seu bar (respectivamente, *Cana Verde* e *Sancho Pança*, inicialmente um restaurante, Aldo sendo também excelente cozinheiro). E é talvez por buscar evocar essa vivência outrora espontânea que hoje sejam tantos os estabelecimentos a oferecer música ao vivo.

A rua Samuel Costa, inteiramente tomada por um público a se supor majoritariamente paratiense, com o maestro Isaac Karabtchewsky regendo a Orquestra Sinfônica Brasileira, em foto tirada do coro da Igreja do Rosário: uma imagem do *Projeto Aquarius*, de divulgação da música clássica, quando da realização de um concerto em Paraty em 1976, a sempre encontrar quando se procura enfatizar sua vocação cultural. E, de fato, outra linhagem da música na cidade viria a ser a da erudita, em particular antiga, barroca e/ou sacra, por parecer acolhê-las em um cenário ideal, com seu ar de passado no presente. *Inúmeros foram os eventos e festivais a apresentar concertos* (e mesmo oficinas) nas Igrejas de Santa Rita e Matriz e em palcos ao ar livre, em uma variedade de arranjos entre entidades locais (a Prefeitura, com sua então Divisão de Turismo e Cultura, depois Secretaria; a ACIP e o IHAP), estaduais (Secretaria Estadual de Cultura; FLUMITUR, empresa criada na década de 1970 para o turismo no estado; BANERJ) e privadas (Fundação Roberto Marinho),



1967
Vinil Serenata em Paraty
José Kleber

1975
José Kleber
IHAP

1976
Projeto Aquarius
Arquivo Nacional

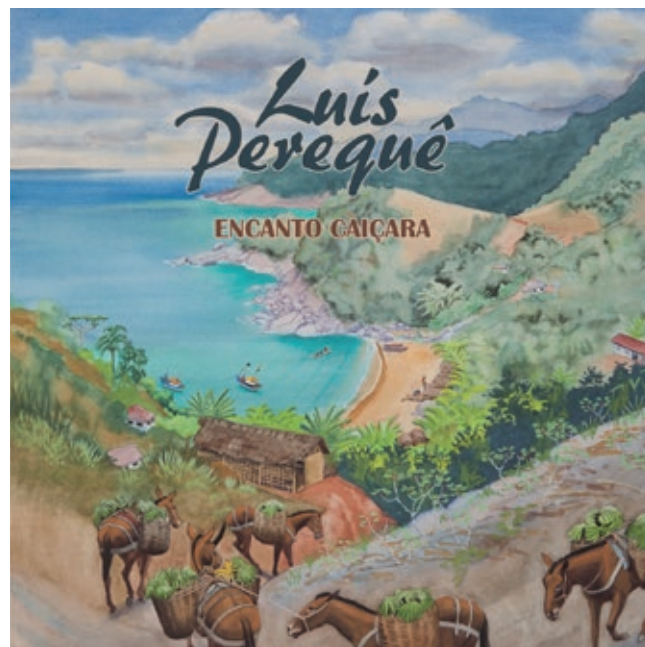
1976
Projeto Aquarius
Arquivo Nacional



e com programas a surpreender tanto pela qualidade das músicas e intérpretes como, em algumas fotos, quantidade de músicos e cantores. É pesquisa ainda a aprofundar, como foram: por ora, ficam seus muitos cartazes a instigar a imaginação.

Ciranda, Banda, Serenata, Clássica: nas várias vertentes em que aos poucos foi se construindo a diversidade atual da música de Paraty, nomes a mais seria preciso mencionar; como uma história ainda por completar e em pouco espaço, importa indicar aqueles que sinalizaram tendências, ao menos duas mais. A caiçara: Luís Perequê é quem, admitindo a princípio que meio inadvertidamente, mas depois conscientemente, assume esse mote; seus poemas e canções refletindo a realidade local, bem como a influência de outros cantares regionais, acabam por coalescer no LP *Encanto Caiçara*, lançado de forma independente em 1992, e vindo a ter uma repercussão crescente entre paratienses e afora, tornando-o uma referência no reconhecimento que vinha se fazendo cada vez mais significativo dessa cultura, e uma inspiração para os jovens a ela se dedicar. A instrumental: Randal Oliveira, baixista e violonista que se se radicou em Paraty em 1986, e que a essa música sempre buscou abrir espaços na cidade, trazendo sempre quando possível colegas de sua carreira anterior em São Paulo, incentivando sua prática local e formando um público, possibilitando que outros músicos, de fora e jovens locais, aqui a ela se decidissem tentar; os quais viria a convidar para várias apresentações das músicas da *Suíte de Paraty*, seu CD de 2013 em homenagem à cidade.

Em festivais de música já no século XXI, como o *Bourbon* e o *MIMO*, os quais refletiam, mesmo que inadvertidamente, toda a diversidade que ela viera adquirindo em Paraty. Ao já acima mencionado, cabe acrescentar as sucessivas bandas de rock a cada geração sendo formadas na imagem de seus ídolos, chegando a se empoderar a ponto de criar um inteiro festival por elas quase autonomamente produzido (o Tolosa, o nome sendo homenagem a um amigo morto, entre 2009-14); a relevância sempre presente do samba de raiz, em grupos informais como o *Samba dos Amigos*, ou profissionais como o *Samba da Benção*; o choro interpretado por músicos locais e que aqui se radicaram; o todo gerando um ganho importante de qualidade nas músicas ao vivo em bares e restaurantes, mesmo se só voz e violão; e ainda o



1992
LP *Encanto Caiçara*
Luís Perequê

2013
CD *Suíte de Paraty*
Randal Oliveira

1988
Cartaz do Festival de Música em Paraty
IHAP

1993
Cartaz do 1º Encontro Nacional de Coros
IHAP



Jongo retomado no Quilombo do Campinho, e o aporte de gêneros musicais trazidos por novos moradores, vindos de Pernambuco, o *Maracatu*, ao Pará, o *Carimbó*, passando até pela Suíça, com o grupo de música antiga *Engenho Musical*; a incluir outros grupos mais, de reggae, tambores, etc. Com os festivais trazendo músicas de tradições também diferentes (entre brasileiras, norte-americanas, africanas e europeias), e a retomada da educação musical pública pela Casa da Cultura, mais e mais diálogos se estabeleceram, com o acesso à diversidade do mundo fomentando a música que se faz em Paraty.



2023
Jongo do Campinho em evento da Unesco
Secretaria de Cultura de Paraty



2023
Programa educativo musical da Casa da Cultura
Casa da Cultura de Paraty



As artes cênicas: dos festivais aos grupos locais

Paraty teve um teatro até o final da década de 1930, em sobrado onde hoje é uma pousada na rua do Comércio, próximo à ponte: além de produções locais amadoras, recebia companhias itinerantes de teatro de variedades chegando à cidade pela lancha; e teria sido o escândalo de um espetáculo mais ousado de uma delas que levou seu proprietário a fechá-lo. Pouco depois, as reformas do imóvel na Praça da Matriz para torná-lo um cinema incluíram um palco, para que funcionasse como um cineteatro, e conta-se que produções locais amadoras ali se apresentavam, mas nenhum registro delas se tem. A tradição oral ainda indica como frequente a presença de circos (e bem mambembes) na cidade; dada a própria natureza dessa arte, documentá-la é ainda mais difícil.

Registro há, entretanto, e a valer menção (também por antecipar a importância que o teatro de rua viria a ter na cidade), do grandioso desfile de comemoração do terceiro centenário de emancipação de Paraty em 1960. Produzido em colaboração entre José Kleber e a professora Benedita Calixto, com o apoio de Moura Brasil, diretor do Ginásio Paratiense, foi um cortejo de alunos em figurinos representando os grupos e personagens que fizeram a história da cidade desfilando por suas ruas, terminando na quadra, com o texto Narrativa dos Alevantados que a contava declamado pelo poeta, por meio do serviço de alto-falantes. Em 1967 – a data que viria a ser considerada oficial do tricentenário da emancipação de Paraty – o mesmo desfile se repetiu, com pequenas modificações.

Por essa época, já frequentavam a cidade, entre os paulistas a chegar pela Paraty-Cunha, nomes importantes da cena brasileira, como Maria Della Costa e Paulo Autran; mas era mais como um refúgio onde relaxar, ou ainda, um inesperado papel assumir na vida real, ambos como hoteleiros – embora depoimentos existam indicando que interesse deles houve em criar algum movimento teatral na cidade, em eventos ou grupos, nada afinal se concretizou.

É a partir da década de 1970, então, que se pode de fato falar de um movimento nas artes cênicas começando em Paraty; em paralelo

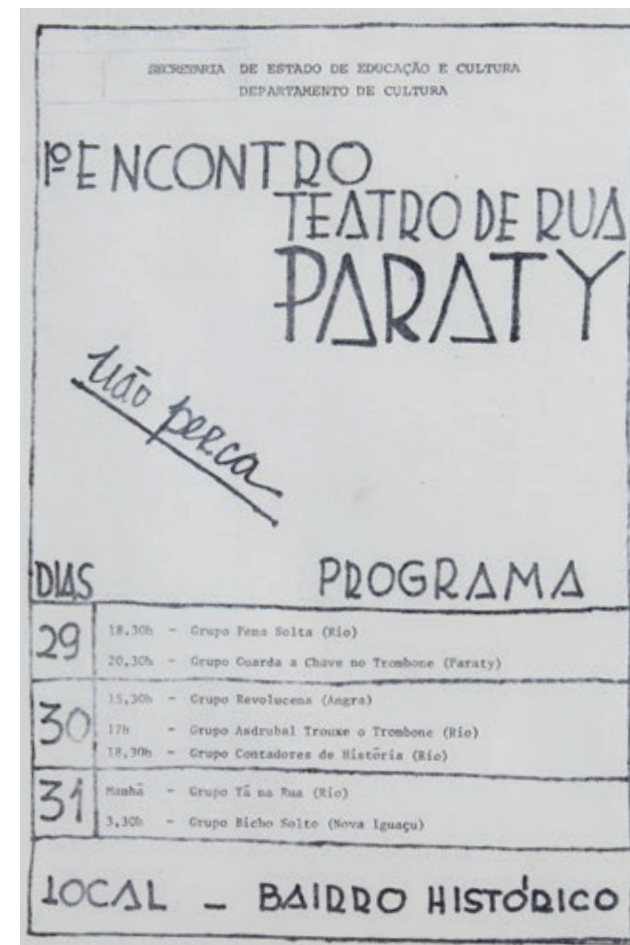


1980
Cartaz do 1º Encontro de Teatro de Rua em Paraty
IHAP

1980
Programa do 1º Encontro de Teatro de Rua em Paraty
IHAP

1983
1º Encontro de Teatro de Rua em Paraty
IHAP

1980
1º Encontro de Teatro de Rua em Paraty
IHAP

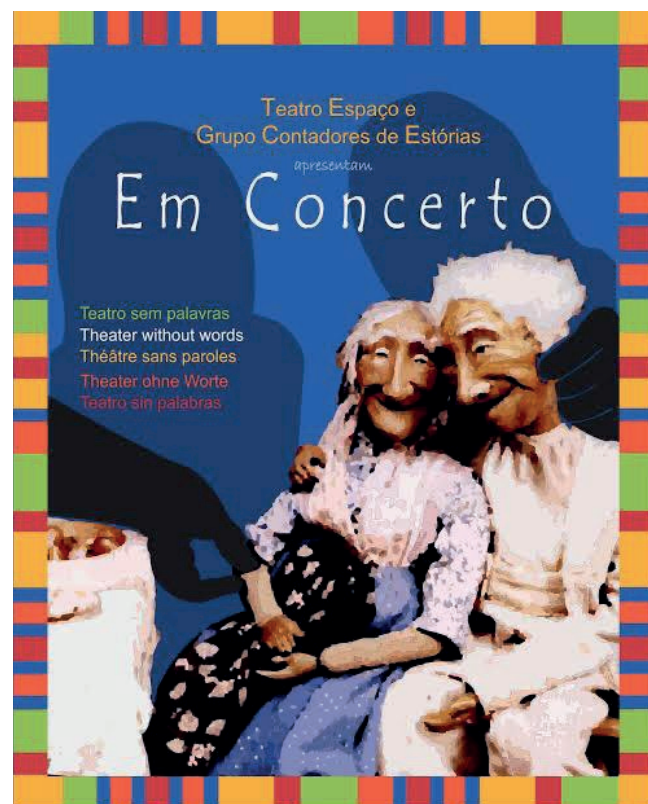


ao que acontecia no país. Impulso similar ao que fez, em seu início – os anos mais pesados da ditadura – cineastas aqui se refugiaram e produziram seus filmes, levou jovens no Rio de Janeiro a criarem, tornando a contracultura em resistência, um modo alternativo de fazer teatro de rua, ocupando espaços públicos. E Themilton Tavares, natural de Niterói, mas seguindo carreira de ator em São Paulo, dela desistiu para se fixar à beira-mar em Paraty, em 1975.

Onde, no ano seguinte, criou um grupo de teatro de rua amador juntando jovens paratienses, estreando com uma peça para crianças, mas já na seguinte apresentando um texto seu resultado de uma criação do grupo abordando a realidade que se vivia em Paraty: uma pousada que, em pleno feriado repleto de turistas, tem de lidar com sua fossa transbordando. O nome escolhido para o grupo foi *Guarda a chave no trombone*; e, embora exista uma anedota a justificá-lo, evidente fica sua inspiração no *Asdrúbal trouxe o trombone* – o grupo criado por Hamilton Vaz Pereira em 1974, dos que mais se destacou no movimento teatral acima mencionado, com seu sucesso de 1977, com Regina Casé e Luís Fernando Guimarães, *Trate-me Leão*; o qual Themilton conseguiu trazer para o histórico 1º Encontro de Teatro de Rua em Paraty, sendo um de seus organizadores, em 1980.

Além do Asdrúbal, o 1º Encontro de Teatro de Rua em Paraty (que viria a ter outras edições ao longo da década) trouxe o grupo *Tá na Rua*, de Amir Haddad; e, significativamente, com o espetáculo *Mansamente*, o grupo *Contadores de Estórias* de Marcos e Rachel Ribas, que escolheriam no ano seguinte Paraty para morar e como base para sua carreira internacional em ascensão. Com o que arrecadaram em suas turnês, em 1985 compraram o imóvel onde criaram o *Teatro Espaço*, como sede para o desenvolvimento de seus trabalhos e, com mais ênfase nos primeiros anos, também trazendo espetáculos de música popular e erudita, teatro e dança contemporânea. Com o espetáculo *Maturando*, de 1987, alcançaram o seu maior momento de repercussão internacional, culminando em sua apresentação no *Next Wave Festival* de Nova Iorque em 1991.

Além de seu trabalho singular, delicado e requintado, com bonecos, em 1990 estrearam *Impressões*, de teatro-dança, com 5 bailarinos em cena; no mesmo ano, reali-



2020
Cartaz do espetáculo *Em Concerto*
Teatro Espaço

2016
Teatro Espaço
Guido Nietmann

2016
Grupo Contadores de Estórias
Luciana Serra

2016
Espetáculo: *Chapeuzinho Vermelho*
Luciana Serra

1986
7º Encontro de Teatro de Rua em Paraty
IHAP



zaram o *Projeto Contatos Cênicos*, de intercâmbio cultural, que trouxe 21 companhias da dança de vários países para oficinas e apresentações em Paraty. Em 1993, optaram por fazer a estreia do espetáculo seguinte, *Rodin, Rodin* integrando bonecos e bailarinos e bonecos, no próprio Teatro Espaço, atraindo para a cidade ampla cobertura da mídia do Rio e São Paulo. Em 1994, outra opção singular: em vez de voltar a partir em turnês nacionais, valer-se de que o mundo vinha a Paraty, e tornar o teatro uma atração cultural ímpar para os turistas, com *Em Concerto*, antologia de cenas dos espetáculos anteriores que, em cartaz regularmente até hoje, criou a sustentabilidade do teatro, constituindo-se em significativo exemplo de economia criativa da cultura, com números expressivos: de 1994 a 2013, apenas no Teatro Espaço, foram 3.392 apresentações para 156.002 espectadores. Em 2001, o grupo comemorava 30 anos (20 em Paraty) com *Descaminhos*, espetáculo em formato de exposição onde os espectadores percorriam o espaço em que 3 histórias de momentos diferentes do Caminho do Ouro eram contadas; e a remontagem de *A fabulosa estória de Melão City*. Mais duas décadas seriam comemoradas com estreias: *Flutuações* em 2010 e *Amor Boneco* em 2020.



O *Guarda a chave no trombone*, de Themilton Tavares continuou em atividade até a década de 1990, destacando-se as peças *Liberdade para o Boi Malhado*, *Itaorna*, *Pedra podre*, *O reizinho mandão* e *Cala a boca já morreu*, entre outras. É de 1979 um dos raros documentos registrando a atuação do grupo, além das fotografias (também poucas): o disco compacto 33rpm *Carnaval Paraty 1979*, com 4 faixas e duração total de 8 minutos. A primeira traz o samba enredo *O Resgate*, do Grupo Recreativo Escola de Samba Villa de Paraty, interpretado por seu puxador; as outras faixas são cantadas pelo grupo (com todos seus integrantes da época listados na capa), com acompanhamento da Banda Santa Cecília e arranjo do maestro Potinho, destacando-se a *Marcha do Boi Malhado*, que encerrava a peça. No final da década de 1980, Themilton criou outro espetáculo que seria marcante nas artes cênicas em Paraty: o auto da Paixão *Um homem chamado Jesus*, texto de sua autoria que era uma verdadeira superprodução, envolvendo 120 atores e figurantes e até a Secretaria de Obras na preparação de seu cenário no Areal do Pontal; reencenado sucessivamente por anos na Semana Santa, contou com

1986
Espetáculo Um Homem Chamado Jesus
Themilton Tavares

1998
Espetáculo Um Homem Chamado Jesus
Themilton Tavares

1995
Mascarados
Themilton Tavares

1997
Espetáculo Uma Palavra Pela Outra
Guarda a Chave no Trombone



ampla participação de paratienses em sua realização.

Em 1995, Ailton Amaral transferiu sua experiência com o *Grupo Arteatro*, de que fora um dos fundadores em 1982 no Rio, à Paraty, onde viria a desenvolver, em particular no Colégio CEMBRA, montagens de peças e oficinas, voltadas sobretudo às possibilidades cênicas do resgate de uma singular tradição do Carnaval paratiense que se perdia, a dos mascaradinhos, crianças e adolescentes fantasiados e com máscaras de papel machê tornando-se irreconhecíveis para travessuras durante a festa; contribuindo também para a retomada do teatro de rua, como um dos organizadores da Mostra Rio São Paulo de Teatro de Rua.

Em 2001, Vanda Mota, bailarina de Teresina que viera do Rio para integrar o elenco do espetáculo *Impressões* e depois seguiria para estadias em Nova Iorque e São Paulo, criou em parceria com Luís Perequê o *Instituto Silo Cultural José Kleber*, dedicado às artes cênicas e música, e tendo como foco a cultura caiçara e seu desenvolvimento contemporâneo. A partir de oficinas de dança com jovens paratienses, montou a *Cia Dançante Ato*, estreando em 2006 com o espetáculo *Casa de Farinha*.

Em 2009, foi criada a *Companhia Imperial de Teatro*, para a encenação do espetáculo *Um passeio pela história* nas ruas de Paraty, com seus personagens ilustres em figurinos de época contando com texto de Diuner Mello e direção de Ana Rocha. De 2014 a 2015, uma segunda versão para palco, dirigida por Bernadete Passos, foi também regularmente apresentada na Casa da Cultura de Paraty.

2015
Ateliê de pesquisa do ator no Silo SESC Paraty
Marta Viana

2012
Cartaz do espetáculo De Porto e Alma
Silo Cultural

2015
Mascaradinhos no CEMBRA
Ailton Amaral

2015
Ensaio dos Mascaradinhos
Ailton Amaral

2015
Espectáculo Um Passeio pela História
Companhia Imperial de Teatro



A literatura de Paraty

Durante muitos anos, a sombra da obra de José Kléber – morto em 1989 – parecia impedir que novos autores florescessem nas terras férteis para a arte de Paraty. Em 1958, o poeta maior da cidade lançou o livro de poesias *Praia do Sono* com edição da Livraria São José, do Rio de Janeiro. Onze anos depois, em 1969, o autor ficou em 2o lugar no Torneio Nacional de Poesia Falada, com uma impressionante interpretação de *Lamentações Sobre Os Muros de Paraty*, poema que viria a integrar seu segundo livro, *Vertentes do Paraíso*, de 1983.

Além de poeta, Zé Kleber era também advogado, ativista político, e agente cultural: seu livre trânsito nos círculos literários e artísticos do Rio de Janeiro (com alguns outros amigos paratienses) teria parte na atenção que a cidade que se começava a redescobrir despertava; a curiosidade de vir conhecê-la de cronistas como Rubem Braga e Paulo Mendes de Campos, dedicando textos a ela durante a década de 1960; e de figuras do Cinema Novo que nela acabariam fazendo seus filmes. Um fato curioso, talvez relacionado ou não, e sem maiores repercussões: a poeta *Elizabeth Bishop*, com sua companheira Lota Soares, interessada em comprar uma casa numa cidade histórica, visitou e se encantou com Paraty (mas acabaria optando por Ouro Preto).

Muitos outros autores, no entanto, também contribuíram de maneira fundamental com as letras locais. Em 1985, com *Cem dias entre o Céu e o Mar*, Amyr Klink escreveu um relato da viagem entre África e América do Sul que entraria na lista dos clássicos da literatura navegante do Brasil. Apesar de paulista, Amyr passou boa parte da juventude nos mares de Paraty, cidade em que seu pai tinha negócios.

Protetor da memória paratiense, José Carlos de Oliveira Freire, o Zezito, também se destaca no cânone dos autores locais. Sua carreira iniciou-se tardiamente, ao ser convidado para escrever textos sobre o passado da cidade para o *Jornal de Paraty* em 1991. Compilados no volume *Crônicas de Paraty*, lançado em 1998, marcaram o começo de uma longa e prolífica produção, com mais de vinte livros, dez deles publicados, em sua



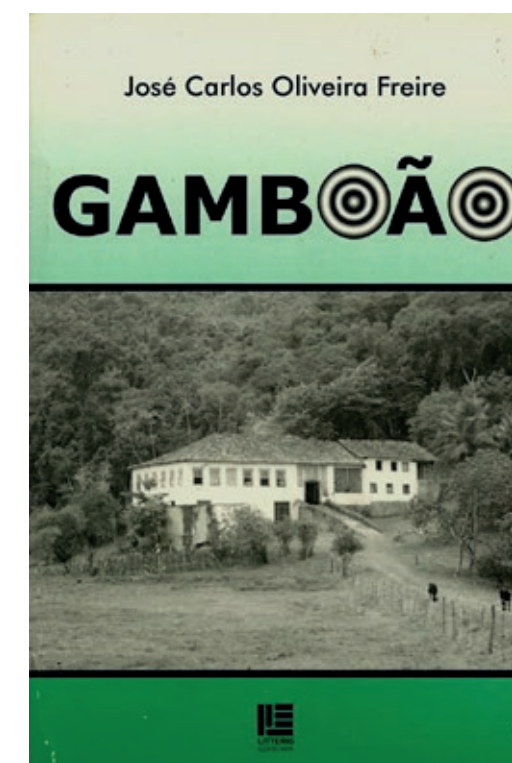
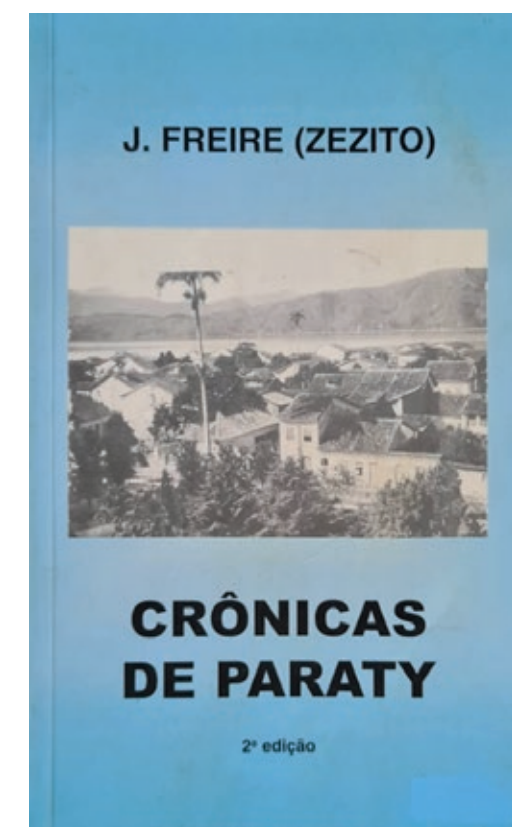
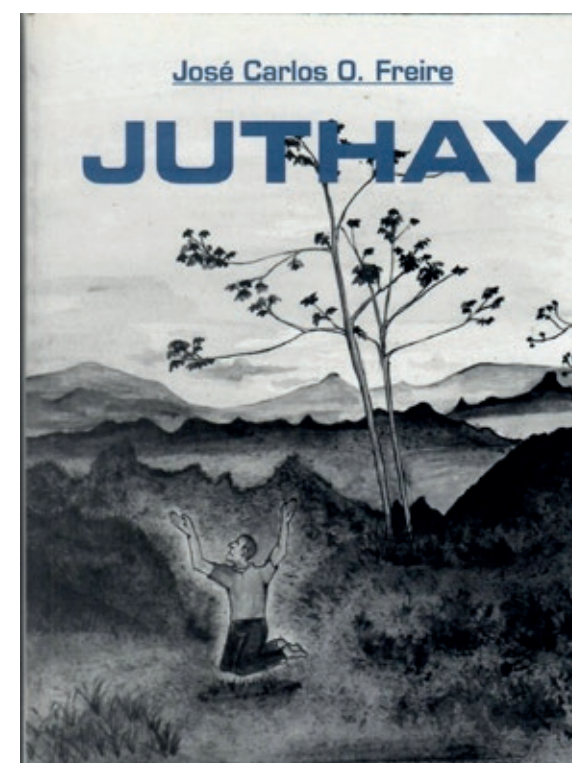
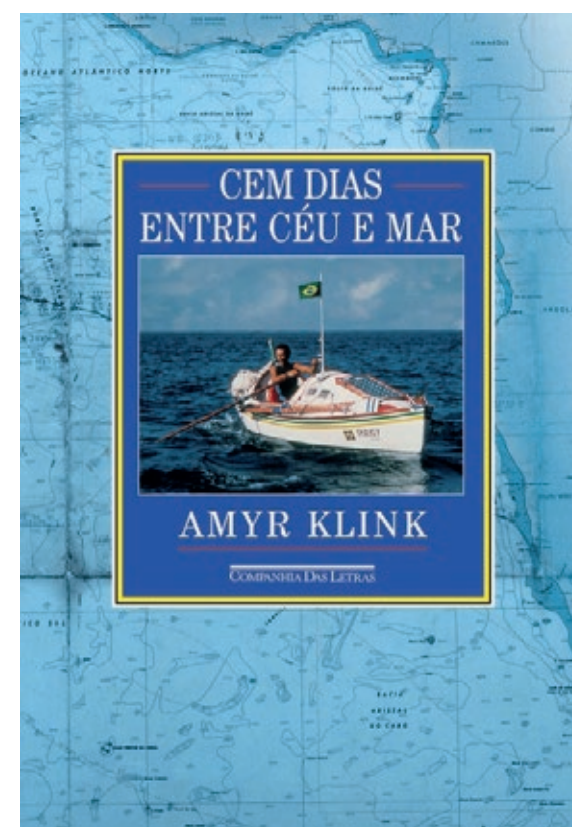
1958
Livro Praia do Sono
José Kleber

1985
Livro Cem Dias Entre Céu e Mar
Amyr Klink

1991
Livro Crônicas de Paraty
Zezito Freire

1992
Livro Juthay
Zezito Freire

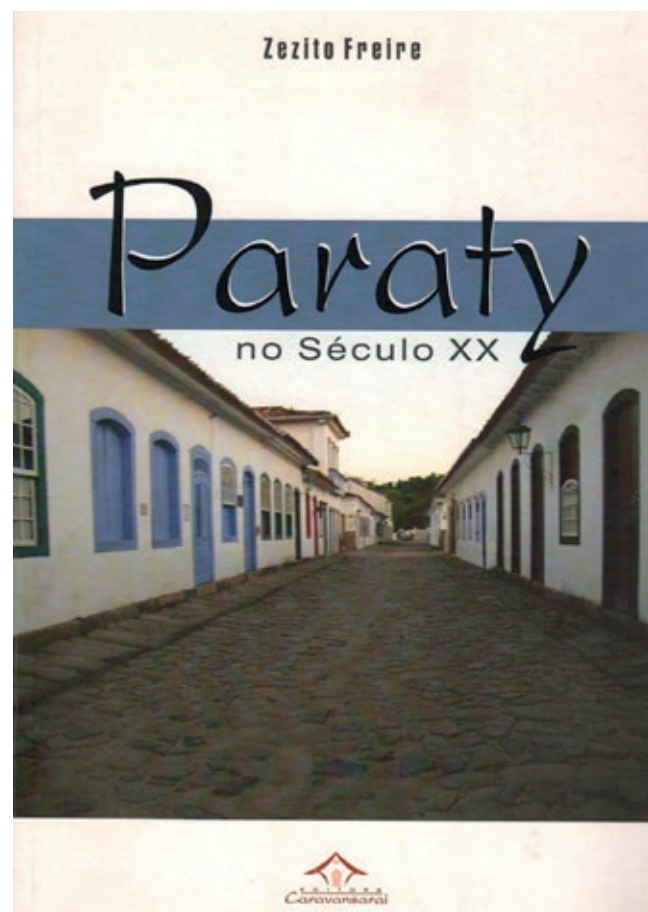
1993
Livro Gamboão
Zezito Freire



maioria aventurando-se na ficção, histórica ou contemporânea, sempre embasada em suas memórias e vivências de Paraty – como por exemplo *Juthay*, que trata da vida de colonos de uma fazenda afetados pela especulação imobiliária –, e vindo a se somar às suas crônicas (que tiveram uma segunda edição em 2002, e um novo volume com outras inéditas em 2009) e a sua significativa contribuição à historiografia do município com *Paraty no Século XX*, escrito em 2004 e lançado em 2012.

Zezeito Freire foi um dos convidados de honra da primeira Festa Literária Internacional de Paraty, em 2003, evento que foi um disparador importante para a oxigenação da literatura local. Em 2022, a obra de Zezeito foi relembrada juntamente com o trabalho de Irma Zambrotti, outra autora local que retratava o cotidiano de Paraty, na programação da Flipinha.

O sucesso da festa literária trouxe um novo alento à literatura na cidade, com talentos locais sendo revelados e novos autores se radicando na cidade passando a conviver em suas ruas e, não se vendo nela representados, promovendo eventos paralelos como a OFF-FLIP, iniciativa de paratienses e do escritor paulista Ovídio Poli Júnior, criando o prêmio literário do mesmo nome, a ganhar importância em suas sucessivas edições até hoje, e o *Selo Off-flip*, editora local que vem sendo não só responsável pela edição das coletâneas dos vencedores do prêmio, como de muitos dos novos talentos a despontar na literatura de Paraty, como os poetas Flávio Araújo (*Zangareio*, 2008), Elisa Pereira, e Brisa de Souza (*De tanto me deixar levar fiquei à deriva*, 2023).



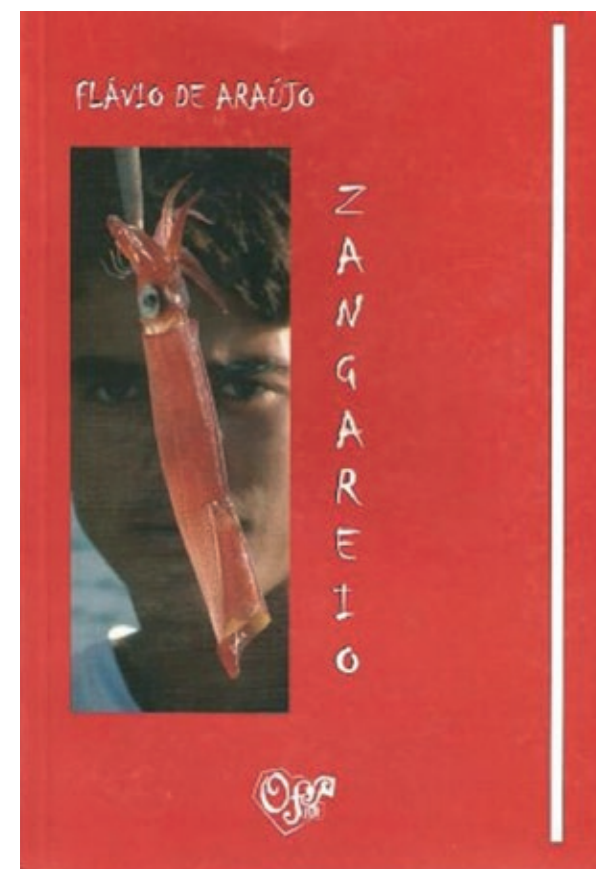
2017
Livro Paraty no Século XX
Zezeito Freire

2017
Zezeito Freire
Davi Paiva

2008
Livro Zangareio
Flávio de Araújo

2023
Livro De tanto me deixar levar fiquei à deriva
Brisa de Souza

2020
Árvore de Livros
FLIP



A historiografia de Paraty

A primeira menção escrita à Paraty ocorre, de passagem, no vertiginoso relato do aventureiro inglês Anthony Knivet, publicado em 1625: *As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet: memórias de um aventureiro inglês que em 1591 saiu de seu país com o pirata Thomas Cavendish e foi abandonado no Brasil, entre índios canibais e colonos selvagens*. O segundo registro histórico é do frei Agostinho de Santa Maria que, ao inventariar em 10 volumes todos os santuários à Virgem Maria em terras portuguesas, dedica uma página à Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios da Vila de Paraty no último deles, de 1723. O terceiro, de 1817, na *Relação Histórico-Geográfica do Reino do Brasil* de Manuel Aires do Casal, enfatiza o traçado regular da vila e os bons edifícios de pedra; mas seria o quarto, de monsenhor Pizarro, em suas *Memórias Históricas do Rio de Janeiro*, de 1820, que daria uma descrição mais completa e o primeiro relato de sua fundação e história. A parte de seu livro dedicada à Paraty seria reproduzida, junto com outros documentos, em *Tricentenário de Parati: notícias históricas*, editado pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1960, propondo-se então como a fonte de referência abalizada para a história da cidade.

O primeiro livro inteiramente dedicado à Paraty foi publicado em 1973: *Parati: caminho do ouro*, de Heitor Gurgel e Edelweiss Campos de Amaral. Em 1976, seriam duas as obras sobre a cidade: a primeira, não mais que um livreto, cabe destacar por seu caráter pioneiro, ao procurar explicar a cidade para os turistas cujo afluxo em muito aumentara com a recente abertura da Rio-Santos: *Parati: roteiro do visitante*, de Diuner Mello – historiador local que, entre outros livros posteriores, reiteraria o empenho na divulgação da história de sua cidade com *Paraty Estudante*, agora dedicado aos alunos e distribuído a todas as escolas da cidade pelo IHAP, que o editou em 2006. O segundo livro de 1976, como teve uma 3ª edição em 2015, inicia a lista a seguir, que apresentava na exposição uma seleção dos que se encontram atualmente disponíveis sobre a história de Paraty. Uma bibliografia mais abrangente sobre a cidade (incluindo teses e artigos disponíveis online) encontra-



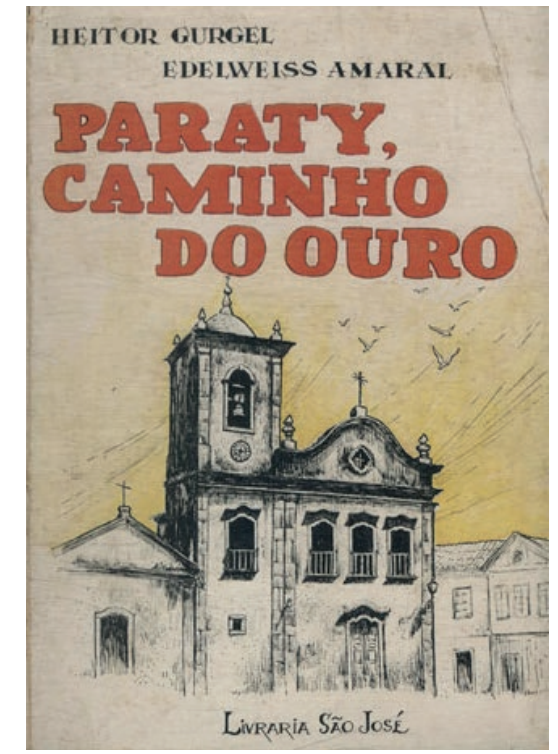
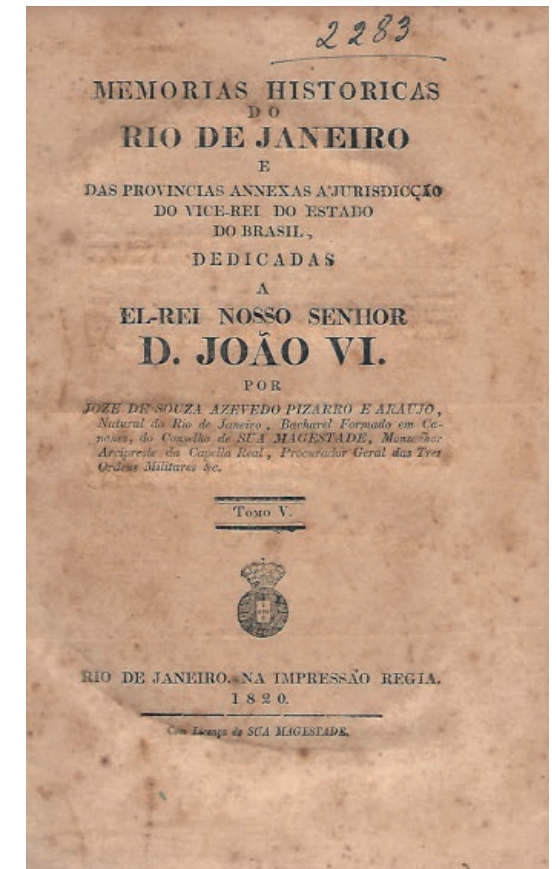
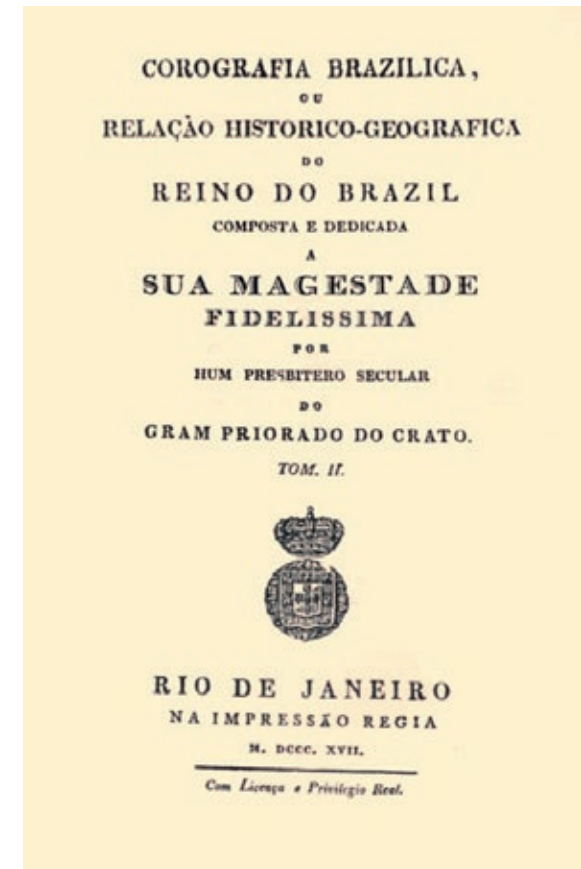
2007
Livro As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet
 Anthony Knivet

1817
Livro Relação Histórico-Geográfica do Reino do Brasil
 Manuel Aires do Casal

1820
Livro Memórias Históricas do Rio de Janeiro
 Joze de Souza Pizarro e Araujo

1960
Livro Tricentenário de Parati: notícias históricas
 Joze de Souza Pizarro e Araujo

1973
Livro Paraty, Caminho do Ouro
 Heitor Gurgel



-se na parte 6 deste catálogo.

1976 - Paraty religião & folclore, de Thereza e Tom Maia; 3ª edição ampliada e atualizada, 2015 (Aparecida, Editora O Lince)

1994 - Paraty: a cidade e as festas, de Marina de Mello e Souza; 2ª edição revista pela autora, 2008 (Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul)

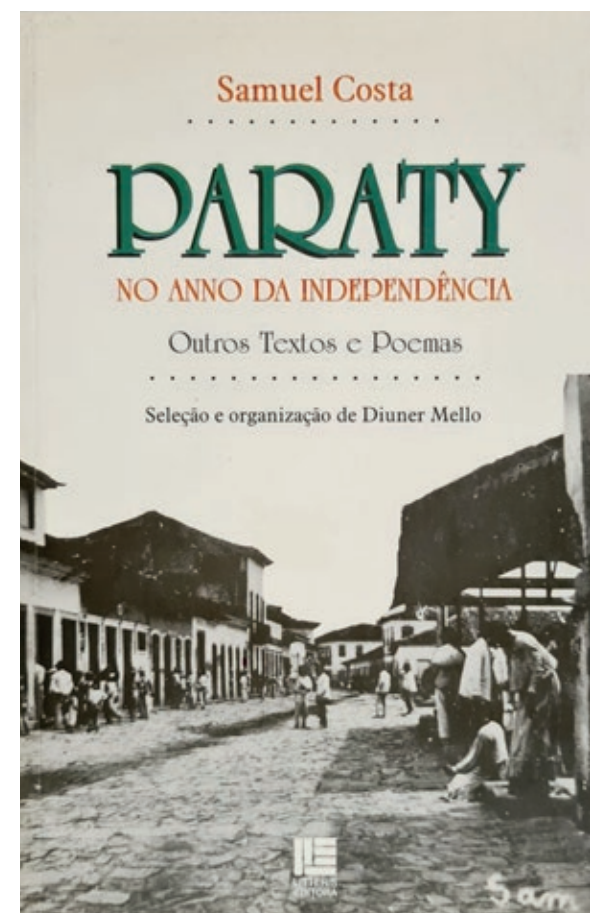
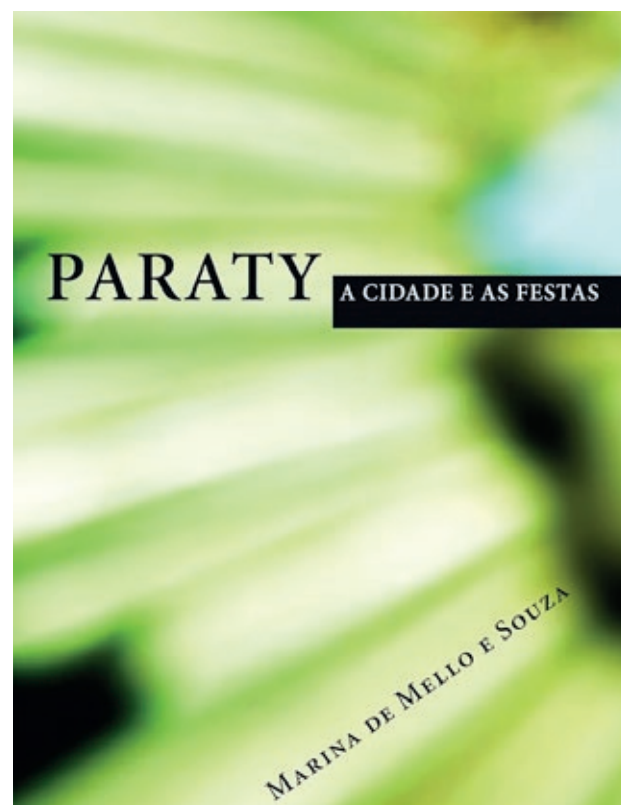
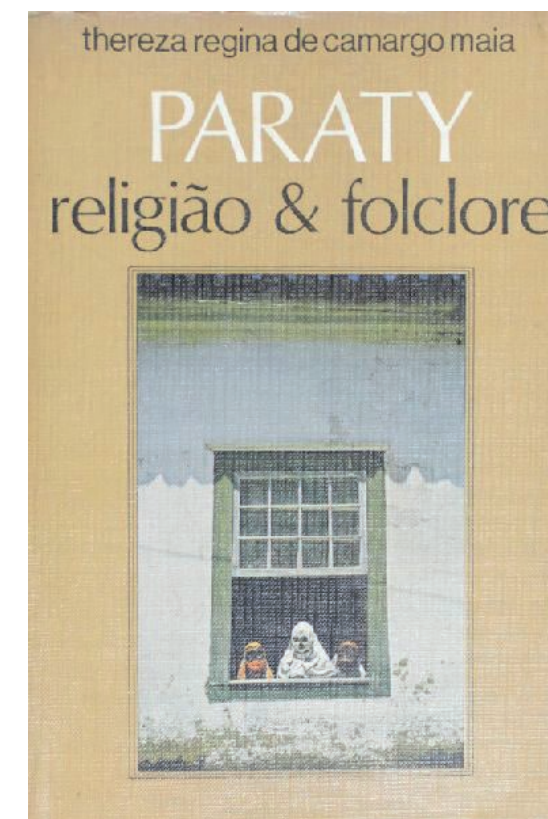
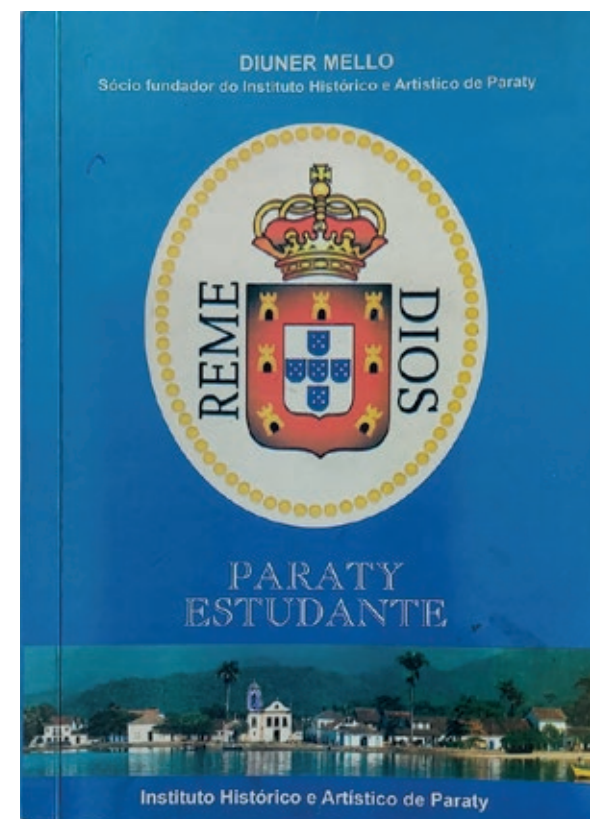
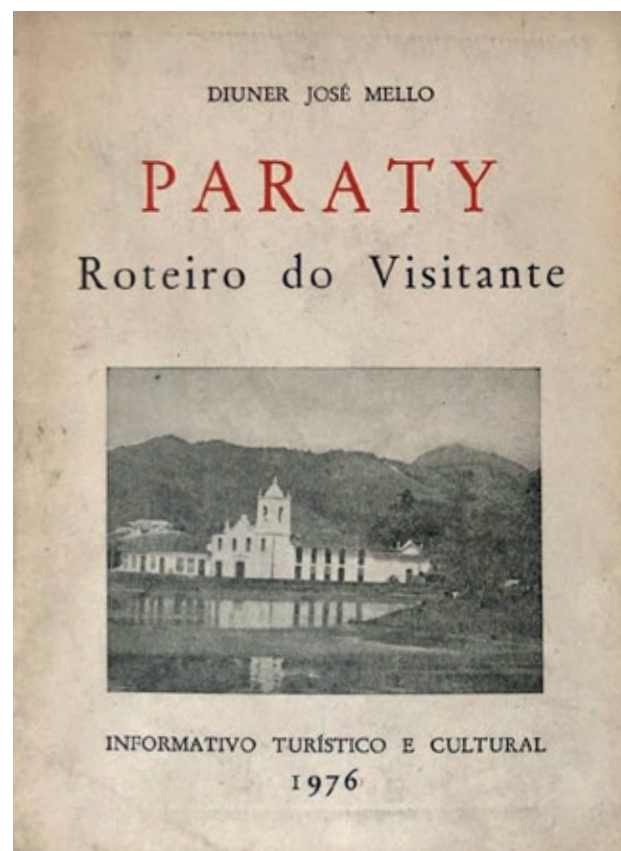
1997 - Julia Mann: uma vida entre duas culturas, vários autores, org. de Dieter Strauss e Maria A. Sene; (São Paulo: Estação Liberdade)

2003 - A história do Caminho do Ouro em Paraty, de Marcos Caetano Ribas; (Paraty: Contest Produções Culturais)

2003 - Festa do Divino Espírito Santo em Paraty: manual do festeiro, de Diuner Mello; (São Paulo: Editora Estímulo)

2012 - Paraty no século XX, de Zezito Freire; (Rio de Janeiro: Caravanserai)

2012 - Villa de Paraty, de Cássio Ramiro Mohallem Cotrim; (Rio de Janeiro: Capivara)



1976
Livro Paraty Roteiro do Visitante
Diuner Mello

1994
Livro Paraty A Cidade e as Festas
Marina de Mello e Souza

1998
Livro Paraty Estudante
Diuner Mello

1976
Livro Paraty Religião & Folclore
Thereza Maia

2000
Livro Paraty no Anno da Independência
Samuel Costa / Diuner Mello

2003
Livro A História do Caminho do Ouro em Paraty
Marcos Caetano Ribas

O primeiro ciclo cultural de Paraty

Porque Paraty é a cidade onde os caminhos do mar e os caminhos da terra se encontram, melhor, se entrosam – o tom deliberadamente poético das palavras de Lucio Costa sobre a pequena cidade à beira-mar acabaria conferindo a elas certo ar de profecia, sobretudo quando vieram também a ser usadas como metáfora recorrente para os encontros entre culturas. E, a princípio, já com inequívoco fundo de verdade: tanto em sua implantação entre beira de baía e começo de serra, com a maré indo e vindo e os caminhos e descaminhos interior acima, quanto no contínuo intercâmbio que era seu cotidiano de porto e entreposto comercial. Veio então o isolamento, com só a inconstante lancha de carreira a suprir o contato com o resto do mundo, cuja falta os paratienses ressentiam.

E foi dos caminhos da terra que os encontros se restabeleceram, a partir da abertura da Paraty-Cunha em 1954 (e na década de 1960, da estrada de Angra dos Reis). Ficavam no limiar do intransitável, entretanto: de neles só se atrever quem viesse com um espírito aventureiro, excêntrico, boêmio, artístico. A descobrir incrustada em paisagem esplendida a cidade a preservar sua arquitetura antiga (boa parte dela tendendo à ruína; comprar e restaurar esses imóveis de forma original como casas de veraneio, foi um passo a muito não demorar), seus costumes e tradições seculares; mas também a vontade de acolher forasteiros, como o porto e caminho de passagem que sempre fora. E deu-se o melhor: entrosaram-se, os locais e os paulistas (o nome genérico com que ficaram conhecidos, embora também viessem do Rio e outras cidades) que trouxeram de novo movimento à cidade, seu comércio, sua vida noturna.

É quando ocorre o que Marina de Mello e Souza usa a imagem do *despertar da Fênix* para descrever: um diálogo se estabelece (provavelmente, poucas não sendo as mútuas perplexidades) e vem a luz que *o que vai dar possibilidade de renascimento é justamente Paraty ter passado por esse período de adormecimento* – a preservação única de todo o seu patrimônio sendo revalorizada, e inclusive as antigas tradições que alguns até então viam como o sinal de um atraso irre-



1962
Vista do Mercado de Peixe e Igreja Santa Rita
Yoshiya Takaoka

1980
Mercearia no Centro Histórico
Jefferson Nubile

1967
Cartaz do tricentenário de Paraty
IHAP



Colaboração da Secretaria de Turismo da Guanabara
em convênio com o Est. do Rio-Flumitur

mediável assumem um significado contemporâneo positivo. E o fato dessa convivência trazer também um acentuado viés artístico e boêmio – já que muitos desses novos frequentadores eram pintores vindo retratar a cidade, poetas a buscar inspiração, atores a passar férias, cineastas vislumbrando seu potencial de locação para filmes – acabaria gerando um efeito cumulativo, desembocando no que se pode chamar do **primeiro ciclo cultural de Paraty**, iniciando-se já na década de 1970, intensificando-se com a abertura da Rio-Santos, mas dando frutos sobretudo na de 1980.

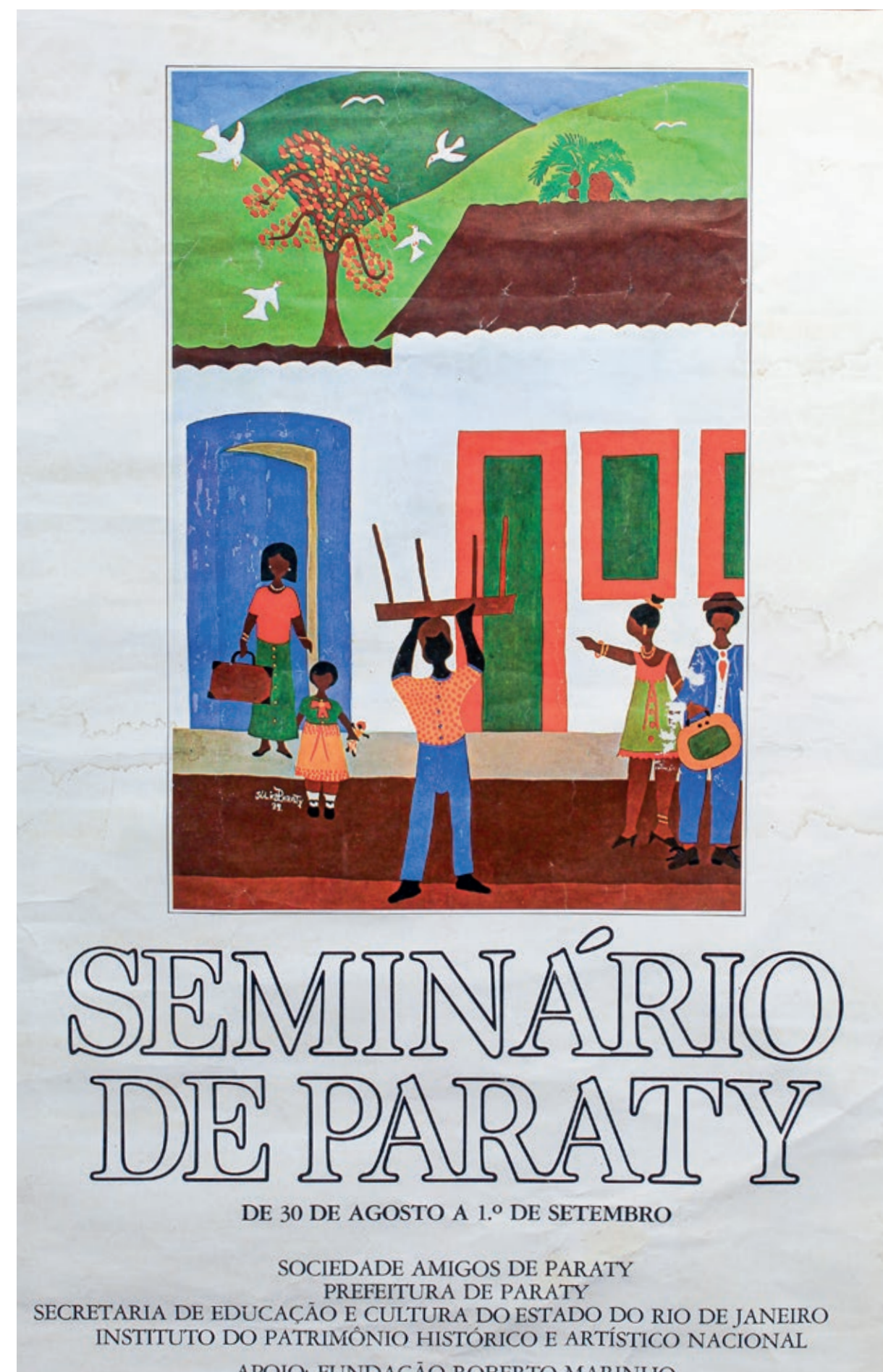
O cinema o iniciaria, com *Brasil Ano 2000*, de Walter Lima Jr em 1968, com Nelson Pereira dos Santos realizando em seguida três filmes; até 1990, seriam 16 longas e 7 curtas. As artes visuais, além dos artistas que já vinham instalando seus ateliês na cidade desde a década anterior, ganharam suas primeiras galerias. O grupo de teatro *Guarda a chave no trombone* foi criado em 1976; o mesmo ano do concerto do *Projeto Aquarius* na rua Samuel Costa, e da fundação do *Instituto Histórico e Artístico de Paraty*. Em 1978, é criado o *Museu de Arte Sacra* na Igreja de Santa Rita. Em 1979, é realizado o *Seminário de Paraty*, promovido pela Prefeitura, IPHAN, INEPAC e Sociedade dos Amigos de Paraty, com apoio de Fundação Roberto Marinho, tendo como tema o desenvolvimento ordenado do município. E em 1980 são os eventos culturais que começam a de fato prevalecer, contemplando quase todas as modalidades artísticas, boa parte deles tendo sucessivas edições ao longo da década. Para esse ano, registros foram encontrados da realização do *1º Encontro de Teatro de Rua*, *1º Encontro de Artistas Plásticos em Paraty*, *2ª Exposição de Arte Popular*, e do *1º Encontro de Folclore de Paraty*. Para o ano seguinte, da *1ª Mostra de Cinema de Paraty*, *4ª Exposição de Máscaras do Tradicional Carnaval de Paraty* e *1ª Mostra de Artesanato de Paraty*. Em 1983, foi realizado o *1º Festival da Pinga*; e em 1984, o *1º Festival de Música Sacra*. A *Festa de Santa Rita* volta a ser realizada de forma integral em 1985. Em 1988, o *Festival de Música de Paraty*, do Conservatório Musical Brasileiro; em 1989, o *SOMBANERJ*, ao ar livre, de música clássica, instrumental e popular brasileira. Os registros mostram-se todavia incompletos, e é difícil afirmar quantos e quais desses eventos lograram de fato uma periodicidade em várias edições; mas a variedade de focos e de entidades a promove-los são o suficiente



1981
Cartaz da 1ª Mostra de Cinema de Paraty
IHAP

2002
Exposição de prataria do Século XVII
Museu de Arte Sacra de Paraty

1979
Cartaz do Seminário de Paraty
IHAP



para se ter a imagem de uma cidade continuamente empenhada em fomentar a cultura em sua diversidade, já desde há quatro décadas atrás; e é significativo que, como a dar um desfecho desse primeiro ciclo, esteja a instituição pela Prefeitura da *Casa da Cultura de Paraty* em 1990.

Esua economia criativa: barquinhos, pinga, camisetas...

Um interessante aspecto complementar desse primeiro ciclo cultural – e do quanto, em parte por conta dele, os começos da expansão do turismo em Paraty teve de específico e singular – são os produtos locais que passaram a ser oferecidos pelos comércios dedicando-se aos visitantes da cidade. Era o que hoje se poderia chamar de um *kit Paraty*, que quase nenhum turista na década de 1980 ia embora da cidade sem levar: uma miniatura artesanal de barquinho, pintado ou ao natural (com preferência pelo de partes móveis de arrasto do camarão, modalidade de pesca depois proibida; mas não raro mais de um, chegando até as canoinhas com seus remos); uma garrafa amassada de pinga de uma das marcas da cidade (e eventualmente uma ou outra garrafa normal das outras); e as camisetas, em geral mais de uma, incluindo os tamanhos infantis para presentear toda a família.

Bem antes, portanto, que a expressão *economia criativa* viesse a ser criada (no final da década de 1990), Paraty já a praticara: não só posicionara dois produtos de seu artesanato e indústria tradicionais como objetos irresistíveis de consumo, as miniaturas de barcos e a pinga, como ainda criara toda uma linha única de produtos que por um bom tempo se associariam à cidade como também uma marca sua: as camisetas. Quando e como essa tendência se iniciou não foi possível averiguar; mas o fato é que, na década de 1980 até meados da seguinte, praticamente todos os comércios (e também serviços: hotéis, restaurantes, saveiros; até instituições culturais como o teatro) ofereciam camisetas com estampas cada um a seu estilo, dos mais singelos ou simplórios aos mais requintados ou pretensiosos, de autoria amadora ou de designer, em variações dos temas arquitetura, cultura, mar e Mata Atlântica todos tão próprios de Paraty; e algumas até com linhas especiais nos tamanhos para crianças. E a averiguar é porque, se por muito tempo um sucesso econômico e criativo, foram rareando (contra-

riamente aos barquinhos perseverando, e a bem-sucedida expansão e qualificação da cachaça), a quase inexistir ao se adentrar o século XXI.



1980
Seu Dito e seu artesanato em caxeta
IHAP

1991
Cartaz do IX Festival da Pinga
IHAP

IX
FESTIVAL DA PINGA
e Produtos Típicos

PARATY
23,24 e 25 de Agosto de 1991
— Praça da Matriz —

SHOWS, CONCURSO E BRINCADEIRAS
EXPOSIÇÃO: OBJETOS CARACTERÍSTICOS
Barracas de Bebidas, Comidas e Doces.

Participação dos Alambiques:
ANTÍGUA, CORISCO, COQUEIRO, FIM DE SÉCULO
MARÉ ALTA, MURYCANA E VAMOS NESSA

Apoio: **ACIP** Realização: **CASA DA CULTURA - SEC. DE TURISMO**
PREFEITURA MUNIC. DE PARATY.

UBATUBA ARTES GRÁFICAS - 32.1241

MARIA ELY (Criação de cartaz premiado em 18. Lugar no concurso.) Arte final UBATUBA ARTES GRÁFICAS (Oboury)

O patrimônio de Paraty: comunidades tradicionais

Paraty não é – e nunca foi – apenas o seu Centro Histórico. As zonas costeiras e rurais sempre desempenharam papel importante na vida social e cultural do município. De Norte a Sul, de Tarituba ao Patrimônio, dezenas de bairros e comunidades contribuíram de maneira decisiva na construção da identidade paratiense. No entanto, entre 1945 e 2019, grande parte dessas populações enfrentou desafios que botaram em risco sua própria existência.

A estrada Rio-Santos, finalizada em 1974, trouxe benefícios para o turismo e para os negócios da cidade, mas valorizou terras e praias que antes não tinham importância para os grandes empresários. Tais terrenos se tornaram alvos de ambiciosos projetos imobiliários, muitas vezes implantados com força bruta. Crimes como a grilagem de terra e conflitos fundiários eclodiram em diferentes áreas, sobretudo em territórios como a Trindade e a Praia do Sono. Esses dilemas estão retratados por Adriana Mattoso no filme *Vento Contra*, de 1979. Com muita luta, os caiçaras reivindicaram seus direitos – muitas vezes sem sucesso. Outros foram bem-sucedidos em proteger suas comunidades – como os trindadeiros.

A luta não se restringiu apenas aos habitantes da zona costeira. Desde os anos 1970, os moradores do Quilombo do Campinho da Independência, que ocupam a área há muito tempo, se viram ameaçados e foram obrigados a proteger o próprio território. A vitória dessa comunidade veio apenas em 1999, quando a então governadora Benedita da Silva concedeu a titulação das terras aos descendentes de escravizados que habitavam o local desde o século XIX. E o município conta também com comunidades dos povos originários Guarani, que para ele migraram em meados do século XX, e viriam a ter seus direitos reconhecidos nos anos 1990, com a criação, em 1995, da Terra Indígena Guarani de Araçongá, homologada por decreto. No ano seguinte, a Terra Indígena Parati-Mirim também foi criada.



1999 (fotos 1 e 2)
Governadora Benedita Calixto no Quilombo do Campinho
Arquivo Nacional



1998
Grupo afro do Quilombo do Campinho
IHAP

2018
Indígenas Guarani na Aldeia Araçongá
Acervo Aldeia Araçongá

2008
Matéria sobre imobiliárias em Trindade
2008

1979
Cartaz do filme *Vento Contra*
IHAP

1977
Casa de pau-a-pique em Trindade
Arquivo Nacional

1977
Crianças na vila da Praia do Sono
Arquivo Nacional



O patrimônio de Paraty: saberes e fazeres

O patrimônio imaterial de Paraty é vasto, e vai muito além das famosas festas religiosas que se destacam no calendário cultural da cidade. Os paratienses são guardiões de saberes e fazeres antigos, passados adiante de geração em geração com esmero por seus mestres. Do artesanato à gastronomia, nesta região existem tradições únicas, cuja singularidade é motivo de orgulho para a população. Essas práticas são resultado de conhecimentos ancestrais diretamente vinculados ao cotidiano de suas comunidades tradicionais – caiçaras, quilombolas e indígenas.

Como a pesca foi – e ainda é – uma atividade econômica fundamental para a vida da cidade, o artesanato vinculado a ela floresceu ao longo dos anos. Diversos itens de finalidade prática, pensados para auxiliar os pescadores na lida diária com o mar, foram sendo desenvolvidos pela população local. A canoa, o remo, as redes e o covo, uma espécie de armadilha para capturar os peixes, são os melhores exemplos disso.

A confecção de canoas a partir de uma única tora de madeira é uma arte quase extinta em Paraty. Um dos seus maiores artífices era o senhor Dito Canoeiro. Original de Bom Jardim e depois morador da Ilha das Cobras, fabricava também as ferramentas específicas para a confecção dos barcos, cuja durabilidade é atestada até hoje pelos pescadores. Algumas canoas que ainda singram os mares de Paraty têm mais de cem anos de existência.

Além dos itens fabricados para a pesca, outros objetos também se destacam. Advindo das tradições indígenas, o tipiti é um espremedor de mandioca feito de palha e usado na confecção da farinha. Da cultura quilombola, representada pela comunidade do Campinho da Independência, vêm as cestarias trançadas em fibra de taboa, usadas para a armazenagem de toda a sorte de produtos. As colchas de retalhos e os fuxicos, ambas feitas a partir do aproveitamento de restos de tecido, também têm espaço na galeria dos artesanatos paratienses.

Objetos meramente estéticos também fazem parte da história do artesanato local.



1976
Casa de farinha
IHAP



1982
Dona Madalena na confecção do tipiti
Livro *O Modo de Fazer*



1982
Tipitis empilhados para escorrer o suco da mandioca
Livro *O Modo de Fazer*



1998
Seu Dico do Mamanguá na confecção da canoa caiçara
IHAP



1998
Artesão na finalização da canoa caiçara
IHAP



1998
Mulher caiçara na pesca de siri com armadilha covo
IHAP

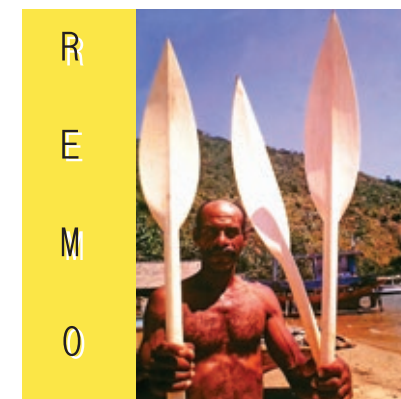
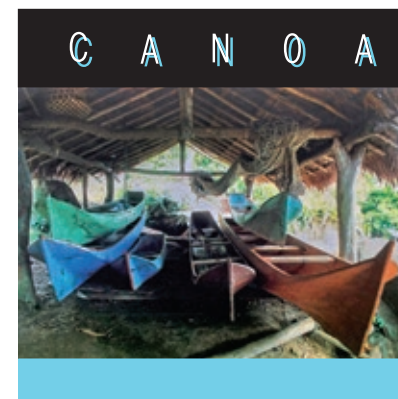
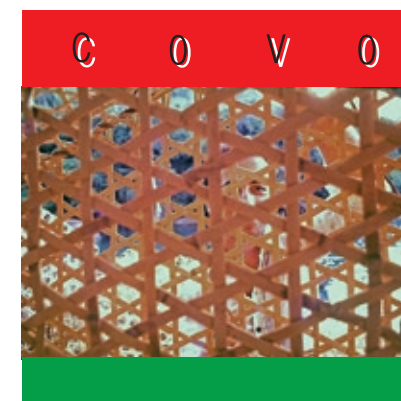
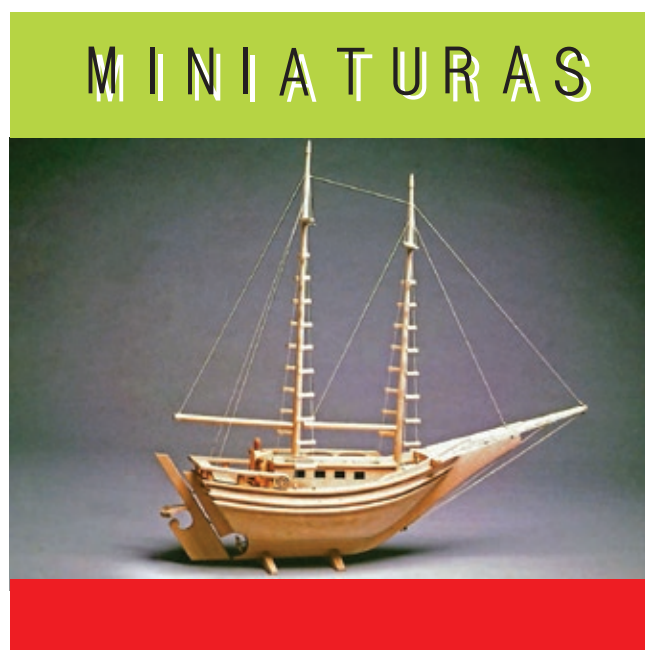


2005
Peixe secando ao Sol na praia do Sono
IHAP

A miniatura de barcos em caxeta é um deles, assim como as máscaras em papel machê - utilizadas nos carnavais do passado. Toda essa multiplicidade de métodos e estilos foi registrada ainda em 1982 no livro *O Modo de Fazer: Estudo sobre alguns processos de confecção artesanal na cidade de Paraty*, de Marcos e Rachel Ribas. A pesquisa, inovadora para a época, resultou em uma exposição que marcou época na cidade e chamou a atenção para a necessidade de proteger o patrimônio imaterial local.

A gastronomia local é também motivo de orgulho do paratiense. Calcada no uso dos frutos do mar, da banana e da farinha de mandioca, a cidade produziu pratos ao mesmo tempo simples e complexos em sabor e texturas, como o peixe com banana e o camarão casadinho. A cachaça de Paraty, outro item fundamental para a economia da cidade desde o tempo do Brasil colônia, também foi se aperfeiçoando ao longo dos anos.

Em 1983, a cidade realiza o primeiro Festival da Pinga, com o objetivo de divulgar ainda mais a produção local. Após a filmagem de *Gabriela* (1983), a cidade também desenvolveu uma mistura de cachaça, cravo e canela em homenagem à protagonista do romance de Jorge Amado. O próprio escritor baiano foi homenageado anos depois com a criação do drink que leva seu nome e é composto por Gabriela, limão, maracujá e gelo. Foi criado pela bartender Camila Paiva em 2014 em um concurso de drinks com cachaça. A excelência paratiense nos saberes e sabores foi reconhecida em 2017 pela Unesco com o título de Cidade Criativa da Gastronomia.



1982
Páginas do livro *O modo de fazer*
Marcos e Rachel Ribas

2017
Logotipo do título de Cidade Criativa da Gastronomia da Unesco
Secretaria de Cultura de Paraty

1997
Faixa do 14º Festival da Pinga
Joncockley

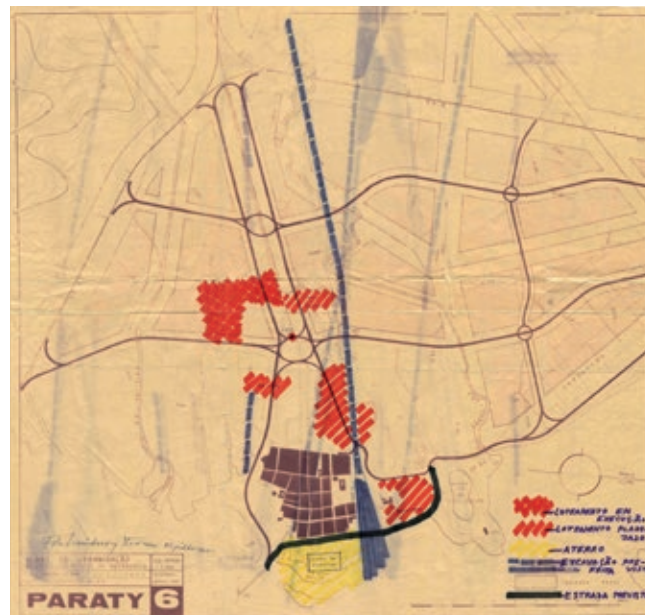
Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

- Designada Cidade Criativa da UNESCO em 2017

ficando em Paraty. E, significativamente, a área que ocuparam não se encontrava prevista em nenhum dos planos propostos para seu desenvolvimento urbano: a Ilha das Cobras, de mangue e/ou alagadiça pela maré, na direção do rio Mateus Nunes. Tanto que as primeiras casas se construíram sobre palafitas; sucessivos aterros a tornariam terra firme, inclusive unindo a ilha ao continente, e levando sua expansão também a oeste, no bairro da Mangueira; ambos acabando por se consolidar como os de maior densidade demográfica da cidade, aos poucos recebendo também melhorias urbanas, entre elas a construção em 1984 da maior escola municipal até então, a do Parque da Mangueira. Acrescente-se ainda que essa expansão se deu mesmo com a existência do campo de pouso (ou, talvez, por causa dela), desde 1946 e até hoje em operação para aviões e helicópteros privados, separando esses bairros do resto da cidade com o corte de sua pista indo quase desde o mar até a BR-101 (e cabe dizer, também nunca prevista nos planos urbanísticos).

Com a Rio-Santos, o crescimento da cidade se intensificou: em 1980, a população quase duplicara, mas aumentando sobretudo na área urbana, com 8.934 habitantes – seis vezes mais que em 1940 – no total de 20.622. Desde 1976, o Centro Histórico ficara definitivamente interditado ao tráfego de veículos, com as notórias correntes; e o afluxo cada vez maior de turistas viria a acelerar sua transformação (ou o que viria se chamar de processo de *gentrificação*: a valorização de espaços urbanos históricos a deles excluir a população local e a vida cotidiana que nele levavam, para atender a interesses e padrões de consumo de novos frequentadores e moradores mais afluentes). Se apenas incipiente em 1980, com as já muitas residências de veraneio, bem como algumas pousadas, restaurantes e lojas voltadas ao turismo – mas ainda mantendo serviços e comércio atendendo aos moradores (a própria Prefeitura, padarias, farmácias, mercados, lojas de ferragens, de vestuário, papelerias, etc.) – logo se tornaria abrangente, com o continuado decréscimo do número de moradores, a transferência dos comércios e serviços locais para fora das correntes, e o aumento dos estabelecimentos direcionados sobretudo a turistas.

Enquanto isso, a cidade foi se expandindo em todas as direções, sucessivamente ocupando com loteamentos e condomínios



1948 (p. 147)
Mapa de Paraty
DPHAN

1965
Planta anexa ao ofício de 9 de julho de 1965 do arquiteto Frederic Limburg ao DPHAN advertindo sobre as ameaças ao conjunto histórico de Paraty
IPHAN

meu este processo? 49

A DIRETORIA
DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
N E S T A

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
GABINETE DO MINISTRO
SECRETARIA PARTICULAR
N.º 1 14/7/65

REF:- AMEAÇAS SOBRE "PARATY" DESDE 1965

A DRAGA:- Com a draga a margem está se pretendendo a escavação do leito do RIO "PERAQUÊ-ASSÚ" (1). A draga acaba de fazer a escavação do desembocadouro deixando uma quantidade imensa de areia na margem direita do rio, tendo esta causado uma série de agitação na população, querendo aproveitar esta areia / para fazer construção. No momento a draga está parada por motivo de defeitos na mesma.

ESTÁ PREVISTO:- 1ª)- Aterrizar o terreno ao leste da cidade bem em frente ao mar, com a criação de um campo de esporte. Também a construção de uma estrada na Rua Prêscaca que ligará o Pontal ao Cais.
2ª)- Aterrizar o terreno entre o "RIO-MORTO" e o "PERAQUÊ-ASSÚ" a fim de ser criado um outro loteamento.
3ª)- Lotear todo o Pontal.
4ª)- Construir um Clube no sudoeste da Cidade, ligado ao mar por um canal.
5ª)- Lotear a parte leste da "Chacara do Portão de Ferro".

ESTÁ EM EXECUÇÃO:- Um loteamento do outro lado da estrada bem em frente ao "Portão de Ferro". O terreno / se encontra plano e com estradas já feitas e varios lotes vendidos.

JÁ SE ENCONTRA FEITO:- A demolição de uma casa Colonial e sua substituição feita por uma grande construção, bem na esquina em frente ao "Campo de Futebol".

"BAIRRO HISTÓRICO":- Uma floresta de antenas de televisões sobre os telhados, que chegou ao ponto de ser estudado pelo próprio Prefeito a criação de uma antena geral de captação a ser colocada em cima do "MORRO DE VILA VELHA".

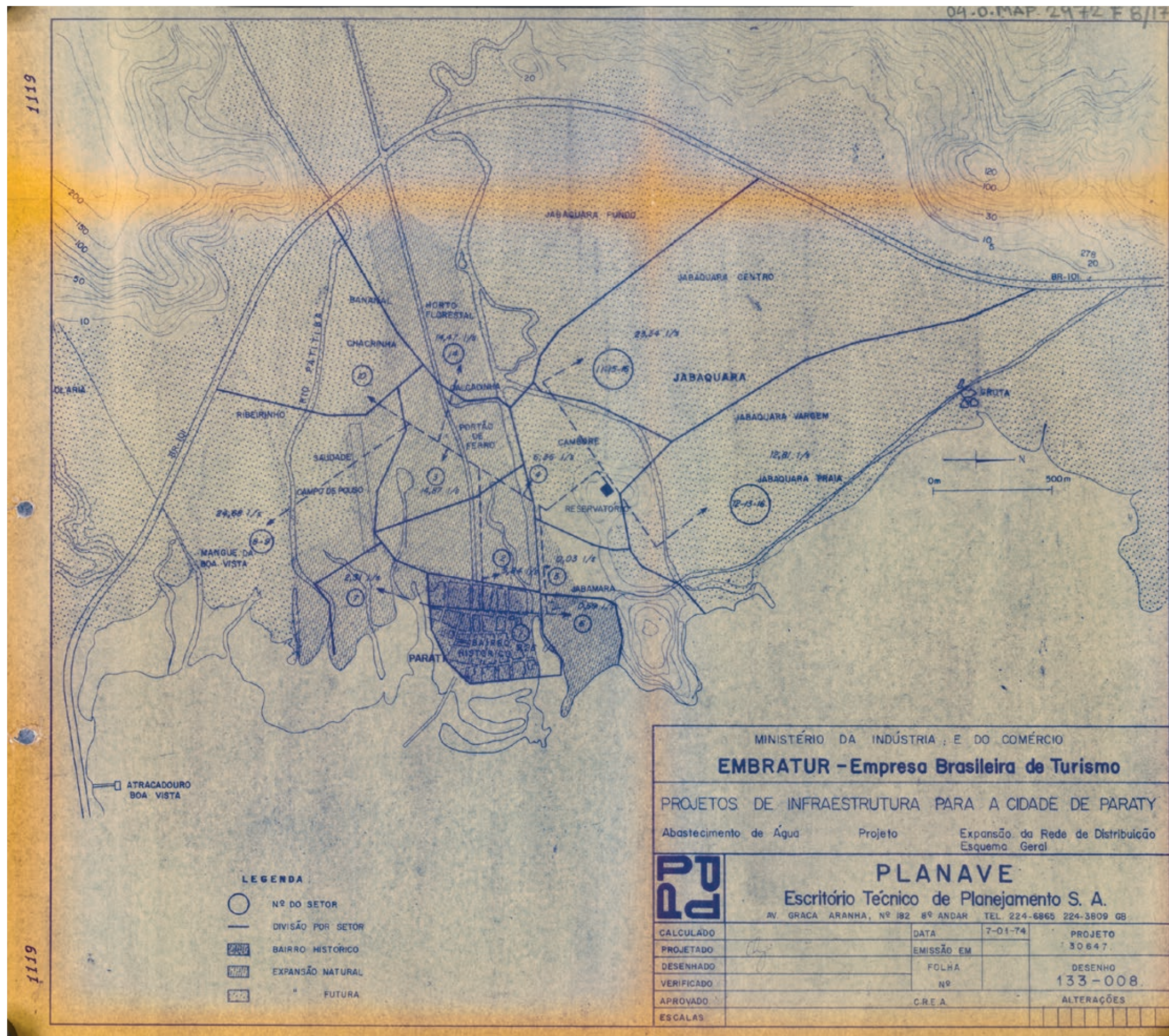
PREÇOS DOS TERRENOS:- Tem tido uma super valorização, artificial, nos preços, atingindo totais de milhões para a venda dos mesmos.

CONCLUSÃO:- Há um ano atrás era possível haver um plano diretor com pouco trabalho. Hoje já se torna difícil e oneroso. Dentro de 6 meses já se tornará tarde demais. " PARATY " será irrecuperável.

Rio de Janeiro, 9 de Julho de 1965.-
F. Limburg

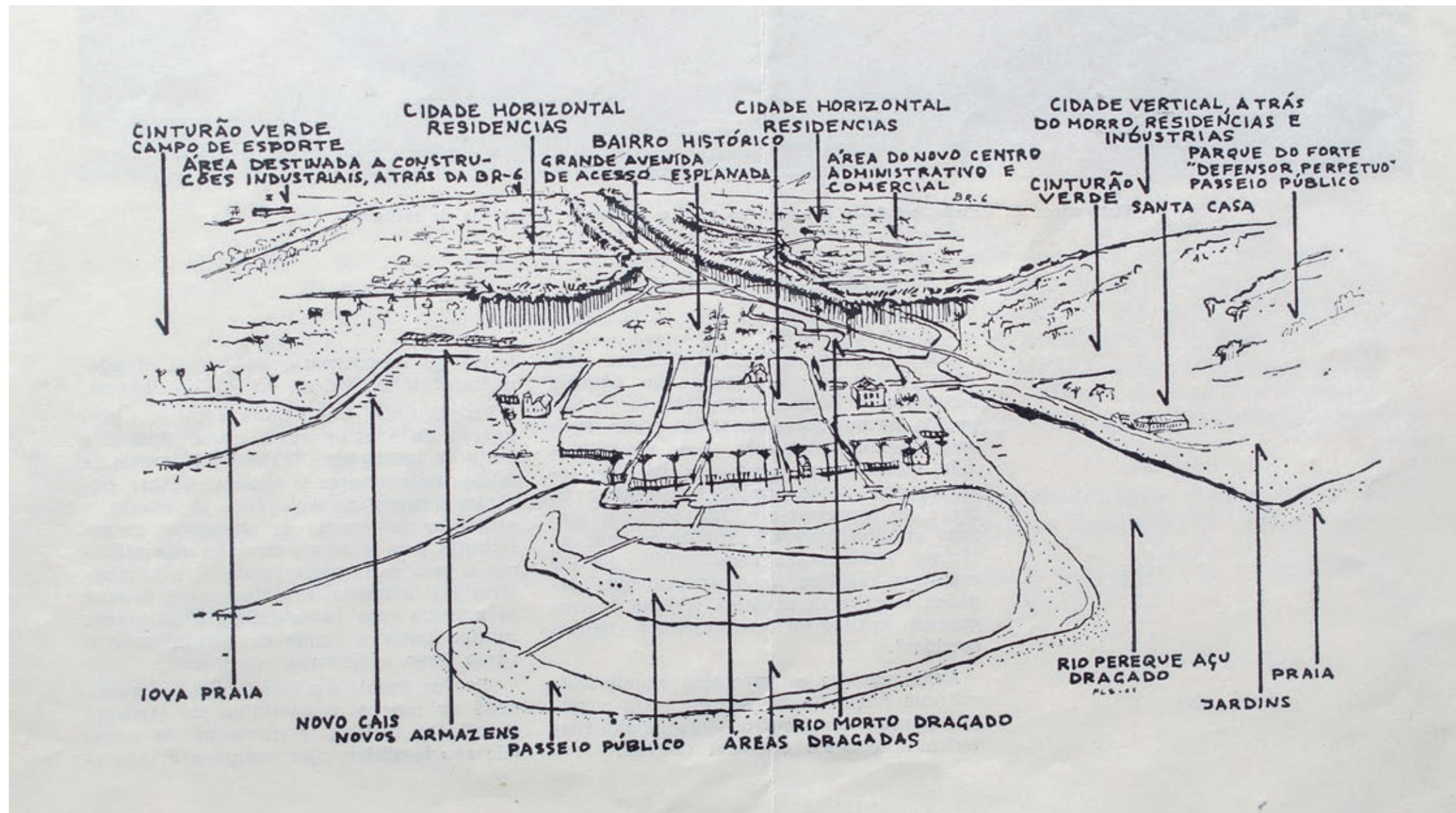
(1) a fim de fazer um canal reto.

criando novos bairros todos os espaços disponíveis entre o mar, a Rio-Santos e os dois rios de sua implantação original; bem como nas outras margens de ambos, o Ribeirinho ao longo do Mateus Nunes, e depois da ponte nova sobre o Perequê-Açu em 1998, o Caborê e o Portal, com o Jabaquara afinal se consolidando com mais uma via de acesso. A oeste, do outro lado da Rio-Santos, a povoação antes esparsa ao longo da Paraty-Cunha, tendo como pequeno núcleo a Ponte Branca, veria dois bairros – Pantanal e Condado – se desenvolvendo com uma alta densidade demográfica, e mais uma variedade de condomínios e loteamentos de diferentes padrões ocupando progressivamente boa parte das áreas remanescentes. E, ainda que em menor grau, a região adjacente do Corisco também em muito aumentaria sua população e zona construída, e já até serra acima. A leste, do outro lado do fundo da baía em que se instalou o cais de Paraty, da Marina Boa Vista criada em 1986, outras mais se juntariam, coalhando de barcos seu contorno final, e de apartamentos para seus proprietários (e/ou loteamentos de alto padrão) suas encostas. As duas fotos aéreas que abrem esta exposição, da década de 1950 e atual - As duas fotos aéreas que se encontram na Introdução deste catálogo (p. 11), dão uma clara visão desse processo de expansão, com o município chegando aos 45.000 habitantes.



1966, que dedicou à cidade extensa seção de seu relatório final, *Proteção e valorização do patrimônio cultural brasileiro no âmbito do desenvolvimento turístico e econômico*. Nele, cabe ressaltar um detalhe interessante: se destaca que “o principal interesse de Paraty resulta da excepcional homogeneidade de sua arquitetura urbana”, termina a descrição que dela faz com algo a hoje surpreender sobre as fachadas: “...paredes geralmente coloridas com contrastes quentes e realçadas pela coloração dos enquadramentos das aberturas, e balcões no primeiro andar dos sobrados”. Ocorre que as diretrizes adotadas pelo IPHAN para a preservação da cidade viriam cada vez mais a dar primazia à homogeneidade do conjunto, em detrimento da integridade individual de cada imóvel; assim, além de o critério da cor branca para as fachadas das edificações coloniais como nas cidades mineiras, as orientações seriam sempre no sentido de retornar as edificações às feições coloniais do século XVIII (a incluir até as que são posteriores), retirando os acréscimos decorativos dos séculos XIX e sobretudo do início do XX, e até mesmo inteiramente as reconstruindo, em alguns casos.

Michel Parent cita o plano de Stirum, e entre suas recomendações finais inclui-se o desenvolvimento do estudo do plano diretor da região e do plano urbanístico de Paraty. E em 1972 foi elaborado o *Plano de Desenvolvimento Integrado e Proteção do Bairro Histórico do Município de Paraty (PDIPBH)*, contratado pelo Iphan e desenvolvido pela Companhia Nacional de Planejamento Integrado (CNPI) com a participação de Frederic de Limburg Stirum e Roberto Burle Marx, e segundo consta, também de muitos paratienses, buscando harmonizar a preservação do acervo arquitetônico e natural e a expansão e desenvolvimento do município. A partir da realização do Seminário de Paraty em 1979, modificações seriam propostas para a revisão do Código de Obras incorporando as diretrizes desse plano para a preservação do conjunto arquitetônico e paisagístico em sua nova versão (a Lei 655 de 1983), e sugestões de legislação da área urbana e de expansão e o zoneamento do município, que viriam a embasar o Plano Diretor do Desenvolvimento Integrado de Paraty realizado na década seguinte.



1968
O Plano de Paraty, Revista de Arquitetura
IPHAN



Notícia Histórica

Paraty está situada à margem ocidental da Baía de Ilha Grande, na costa do Estado do Rio de Janeiro. O seu território foi ocupado primitivamente pelos índios goianeses no início do século XVII, no lugar hoje chamado Vila Velha, fixou-se sua primeira população, que edificou uma capela consagrada à São Roque. Mais tarde, em 1646, seus habitantes transferiram-se para o local onde hoje se ergue a cidade de Paraty, levantaram uma igreja dedicada a N. S.ª dos Remédios, prosperaram e viram sua povoação ser elevada à categoria de vila em 1680.

A vila era o ponto de passagem obrigatório dos viajantes que demandavam o interior do País, e daqueles que, vindos do Rio de Janeiro, queriam chegar a Minas Gerais fazendo o percurso marítimo-terrestre. Com o comércio do ouro, Paraty conheceu grande prosperidade, chegou a ter 16 mil habitantes, 1.700 casas, 12 engenhos e mais de 100 alambiques. O fausto durou até 1725 quando foi aberta nova estrada de acesso a São Paulo e ao interior. O isolamento a que ficou relegada, no entanto, foi um dos fatores da preservação de sua integridade como cidade colonial.

recomendados o uso de ônibus até Angra ou Mangaratiba e das lanchas do Serviço de Navegação Sul Fluminense, a incluir a beleza da paisagem no percurso por mar.

Por terra, todavia, a precariedade das estradas (tanto a Paraty-Cunha quanto a de Angra, ainda pior) logo se tornaria um tópico recorrente nas reportagens turísticas, que aumentam em número após o título de Monumento Nacional e a comemoração do tricentenário em 1967. *A vida começa aos trezentos* é o título de uma breve matéria na revista O Cruzeiro, que faz uma curiosa afirmação: *o impulso do patrimônio histórico e o capricho de milionários paulistas a estão transformando numa cidade-museu*. Algumas delas chegam a dedicar mais parágrafos às dificuldades enfrentadas na serra do que aos encantos da cidade (uma delas com o título *Prós e Contras de Paraty* – os contras sendo a estradas), caracterizando-a como um destino mais para aventureiros, mas a recompensar quem se dispunha. Mesmo dois cronistas famosos estendem-se sobre a dificuldade da viagem: Paulo Mendes Campos, que chama Paraty de a verdadeira terra-do-nunca, tanto pela indiscutível magia que encontraria na cidade, quanto por parecer a ela nunca se chegar aos solavancos e atolamentos da estrada; ainda mais porque em certa altura da serra, quase como uma miragem, se fazia visível em sua baía esplêndida. E Rubem Braga, em duas crônicas, na segunda delas diz que não recomenda a estrada nem à sua pior sogra (e depois, se a cidade continua linda, aborrece-se com a falação infundável do serviço de alto-falantes).

De resto, o teor das matérias se repete, sempre sendo citada a frase de Lúcio Costa sobre *os caminhos que se encontram, ou melhor se entrosam* (o breve texto que a inclui fora publicado em edição do DPHAN comemorando o tricentenário), e evocando-se a sensação de volta na história com o passado preservado no presente, a tranquilidade bucólica, a beleza do conjunto arquitetônico e da paisagem; com algumas se demorando também na cachaça local e em ser um refúgio e inspiração de muitos artistas (a Manchete dedicando uma matéria a Paulo Autran e Maria Della Costa como hoteleiros em 1971), dando-lhe um ar boêmio; e dizer da *magia* do local sendo recorrente.

Com as reportagens aumentando em número, dois novos tópicos são introduzidos. Um é o cinema, com os filmes que realizam Wal-



1982
Trecho da estrada Paraty-Cunha
Arquivo Nacional

1979
Trecho da estrada Rio-Santos
Arquivo Nacional

1970
Matéria sobre Paraty
O Cruzeiro

1970
Matéria sobre Paraty
O Cruzeiro



O turismo em Paraty: solução, vocação e destino

Na mesma década de 1960 em que se dá a redescoberta de Paraty e se inicia precariamente o turismo, esta atividade econômica começa a assumir mundo afora importância cada vez maior como a solução possível para a questão da preservação do patrimônio cultural face ao desenvolvimento. As *Recomendações de Paris*, das Conferências Gerais da Unesco de 1962 e 1968, e as Normas de Quito, na Reunião sobre conservação e utilização de monumentos e sítios de interesse histórico e artístico da OEA de 1967, em suas ênfases na preocupação com os impactos do desenvolvimento, indicam todas o entendimento do turismo como uma atividade que compatibilizaria e harmonizaria as necessidades de desenvolvimento social e econômico e preservação do patrimônio.

A colaboração entre o IPHAN e a UNESCO, inicialmente voltada mais à busca de assistência técnica e financeira, acabaria por trazer essa percepção também ao Brasil, ainda que a princípio não sem certa surpresa: o diplomata delegado do país junto à organização escreveu ao presidente do IPHAN que conseguira dela uma missão ao Brasil “*sob a denominação mais ou menos esdrúxula de ‘turismo cultural’*.” E seria justamente a de Michel Parent, que viria a reorientar a atuação do instituto quanto a essa questão, já no título de seu relatório, indicando a importância que dá ao turismo. Nele, salienta a potencialidade que a atividade turística representava para um país em desenvolvimento e com as virtudes com que essa nação contava – nas quais incluía não só o patrimônio edificado, mas ainda a natureza, as tradições, as manifestações culturais – propondo-a também como um processo de intercâmbio cultural. Não deixa, entretanto, de advertir quanto aos possíveis danos que o turismo poderia causar ao se aliar aos “*demais fatores de degradação e, tanto material, como psicologicamente, contribuir para degradar os bens naturais e culturais e, por conseguinte, negar-se a si próprio*”.

Seja como for, a proposição não tardaria a se enraizar para Paraty: o *Plano de Desenvolvimento Integrado e Proteção do Bairro Histórico do Município de Paraty*, de 1972 (CNPI), já afirma em suas primeiras páginas: “*o turismo deverá se tornar a principal atividade*



1975
Vista panorâmica do cais
IHAP

1972
Rua Dr. Samuel Costa
Arquivo Nacional

1970
Matéria sobre Paraty
Revista Realidade



Em Parati o Brasil continua colônia. Há paz, sossego e beleza nas suas praias e na baía com 42 pequenas ilhas

mas em mar aberto e perigoso. Antes que a estrada Rio—Santos fique pronta, é preciso alugar um barco no trapiche e conhecê-las, uma a uma, ou seguir por uma estrada de terra, mal conservada, em direção ao sul, até atingir o povoado de Patrimônio. Daí, por uma nova estrada de 3 quilômetros, também de terra, alcançar a praia de Trindade, uma das mais belas da região. De Trindade sai uma picada para as praias de Laranjeira e do Sono, já na divisa com Ubatuba, norte de São Paulo.

Pode-se também visitar as ilhas, alugando uma baleeira que leva até dez pessoas, no trapiche ou na Serra Mar (rua Tenente Francisco Antônio, 5, telefone 8323). Em mais ou menos duas horas, é possível conhecer as ilhas da Bexiga, Sapecá, Comprida, Malvão, Ponta Grossa, Mamangá e Cotia. E as praias Vermelha, Brava e de Mamambucaba, que são ótimas para banhos. O roteiro pode ser feito livremente. Qualquer que ele seja, será sempre um bom passeio.

Hotéis

Pousada Pardieiro (rua Tenente Francisco Antônio, 74, telefone 8448). Pertence a Paulo Autran e Fábio Vilaboim de Carvalho. Tem piscina, bar, sala de estar, apartamentos com geladeira. Preço das diárias, incluindo café da manhã: casal, Cr\$ 150. Crianças e solteiros pagam o mesmo preço. Cartão de crédito: Credicard. Coxixo (rua Tenente Francisco Antônio, 62, telefone 8357). Pertence a Maria

Della Costa. Tem 16 apartamentos e uma suíte com saleta. Bar e restaurante. Preço das diárias: apartamento de casal, Cr\$ 120; suíte com saleta, Cr\$ 160; apartamento para três pessoas, Cr\$ 150; apartamento para casal, com mais um beliche, Cr\$ 140. Não aceita cartões de crédito.

Restaurantes

Abel (rua Tenente Francisco Antônio, 40). Aberto todos os dias até as 2 horas. Serve uma boa peixada a Cr\$ 30. Pratos variados de carne, Cr\$ 25. Não aceita cartões de crédito. Chez Regine (rua Doutor Pereira, 38). Aberto todos os dias até as 2 horas. Um prato bem recomendado é o filé de peixe à Regine, Cr\$ 30. Filé de peixe à Meunière, também Cr\$ 30; filé mignon ao molho madeira, Cr\$ 30. Não aceita cartões de crédito. Santa Rita (rua Santa Rita, 2, telefone 8344). Simples e com cozinha variada. Preço médio por pessoa, Cr\$ 30, sem bebida. Aberto até as 2 horas. Não aceita cartões de crédito. A Luz Difusa do... (rua Dona Geralda, 40). Funciona a partir das 22 horas e só fecha com a saída do último cliente. Local de encontro de artistas. Música de fita e, eventualmente, ao vivo, com violão e flauta doce. Especialidade da casa: picadinho, Cr\$ 20; massa com vôngole, Cr\$ 20.

Transportes

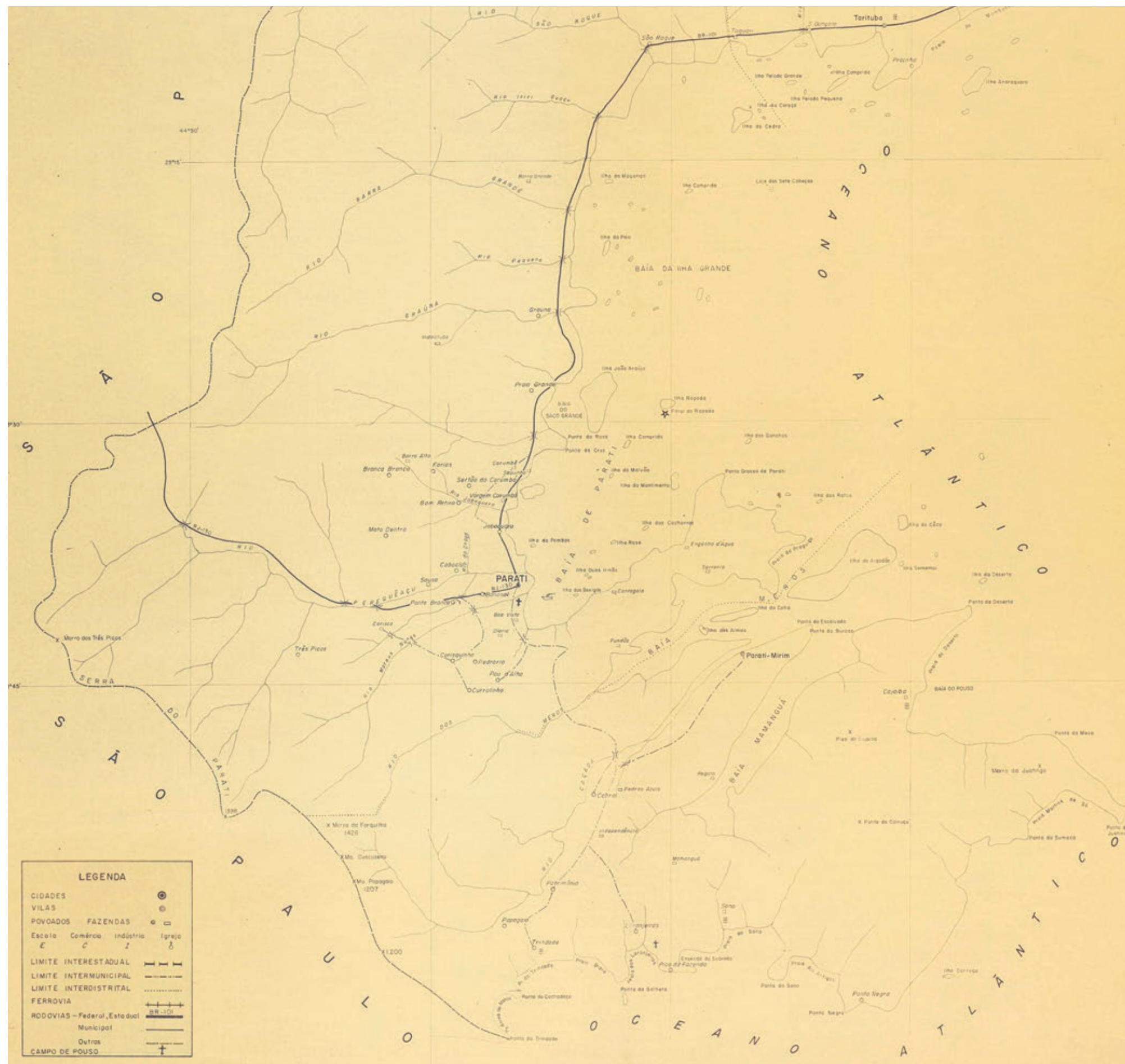
Não há trens para Parati. Mas três empresas de ônibus (com par-

tida da Estação Rodoviária de São Paulo) fazem o percurso até Guaratinguetá, onde é preciso tomar o ônibus da empresa São José, com saída somente às 14 horas e que percorre, até Parati, 98 quilômetros. A viagem a Guaratinguetá leva quase duas horas e meia e quem não quiser pernoitar naquela cidade do vale do Paraíba terá de partir de São Paulo no máximo às 10 horas. Relação das empresas, horários e preços. São Paulo—Guaratinguetá: Empresa São Jorge - 6h00, 7h00, 7h35, 8h00, 9h00 e 10h00, depois de hora em hora até as 20 horas. Pássaro Marrom - 5h30, 6h30, 7h15, 8h30, 8h45, 9h30, 10h30, 11h30, 12h30, 12h40. Depois, de hora em hora até 16h20 e a partir das 16h40 de hora em hora até as 20 horas. Viação Cometa: 6h20, 7h05, 8h05, 9h30, 10h45, 12h05, 15h30, 18h10. Preço da passagem para todas as empresas, Cr\$ 13,35.

Do Rio de Janeiro não há ônibus para Parati. É preciso ir a Angra dos Reis. Embarcar no Rio das 5 às 19 horas. Em Angra dos Reis só há ônibus para Parati às 6, 13 e 17 horas (com ônibus extras nos fins de semana e durante as temporadas). A Viação Eval, na Estação Rodoviária carioca, dá informações pelo telefone 243-5643. O preço da passagem é Cr\$ 13,70 e a duração da viagem, quatro horas. Para quem deseja ir de automóvel, são 275 quilômetros de São Paulo até Parati. Do Rio até Parati são 362 quilômetros pela via Dutra até Guaratinguetá e 98 daí até a cidade de Parati. ▶

econômica em Paraty, devendo todas as outras de uma forma ou outra se vincularem cada vez mais a esta". Cabe acrescentar que, paralelamente, dois outros planos abordaram o desenvolvimento de Paraty sob a exclusiva ótica do turismo, ambos contratados pela Embratur, em função da construção da Rio-Santos. O Projeto Turis, de 1971-2, elaborado por uma consultoria estrangeira (SCET International), previa praia a praia a ocupação turística de todo esse litoral, dividido em zonas em que se indicavam suas potencialidades, incluindo o número de leitos em hotéis (por exemplo, *Zona Homogênea nº 9 Taquari-Paraty: 44.610 leitos em superfície de 872 hectares*), julgando que pela somatória de suas características a cidade de Paraty poderia se tornar uma *Saint-Tropez fluminense*. E o da PLANAVE (Escritório Técnico de Planejamento S.A.), de 1973, um programa de investimentos para a Rio-Santos incluindo o subproduto *Urbanização da área de expansão da cidade de Paraty* o qual, embora alertasse que com a conclusão da estrada a implantação de atividades turísticas na cidade poderia causar prejuízos irreparáveis ao acervo histórico e paisagístico, buscava minimizá-los com a solução já usual de manter o Centro Histórico o tanto quanto possível isolado através de áreas livres de reserva paisagística ou de lazer, concentrando as novas acomodações turísticas atrás da praia do Jabaquara, permitindo criar uma segunda Paraty, próxima à original.

É difícil asseverar quanta incidência direta, bem ou mal, esses planos tiveram na realidade (por exemplo, se os projetos de loteamentos, condomínios e resorts que afinal não se realizaram, como os de Trindade e São Gonçalo, a eles correspondiam ou à mera especulação imobiliária; ou o quanto influíram no plano diretor da cidade), exceto talvez contribuir para confirmar como a vocação incontornável de Paraty ao turismo. E com a Rio-Santos, sua expansão viria a se dar continuamente e cada vez mais em todas as direções e aspectos, com pouca ou nenhuma ordenação, sem muito atentar ao risco apontado por Michel Parent de "negar-se a si próprio". De fato, compreender que o turismo dito *de qualidade* pelos próprios empresários do setor durante a década seguinte à abertura da estrada – a de 1980, a coincidir com o primeiro ciclo cultural que esta exposição busca apresentar – correspondia a noção mais ou menos esdrúxula de 'turismo cultural' só ocorreria com o im-



pacto enorme que teria para seus negócios a FLIP, apenas em 2003 (pouco tendo ressoado os esforços nesse sentido de Marcos Ribas como Secretário de Turismo e Cultura em 1997). Tarde demais, talvez, já que nem mesmo o calendário cultural a somar outros festivais de índole cosmopolita como a FLIP às festas tradicionais, trazendo a designação de Paraty como destino referência em turismo cultural em 2008 pelo Ministério do Turismo, levaria a reconsiderar a opção já consagrada pelo turismo de massa em roteiros padronizados de sol e mar nas escunas, cachoeiras e alambiques em jipes, e outros insistentemente oferecidos. Ou ainda para indicar que, se a inscrição na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO de Paraty em 2019 como sítio misto, natural e cultural, pode implicar em considerável aumento do fluxo turístico internacional, será só na medida em que se venha a oferecer uma experiência próxima da realidade, de fato, desse seu patrimônio.



1970 (p. 165)
Mapa Municipal Censitário IBGE
IPHAN

2018
Turistas em Paraty
Luy Albino

A história contada por quem
a viveu: os depoimentos

3

A História contada por quem a viveu: depoimentos

Aqui estão reunidas entrevistas com alguns personagens que testemunharam as transformações ocorridas em Paraty nos séculos XX e XXI. Paratienses de nascimento ou de coração, eles também fizeram parte dessas mudanças que levaram a cidade do isolamento geográfico à consagração como Patrimônio Mundial da Unesco. São professores, artistas, arquitetos, pesquisadores, radialistas e cirandeiros que ajudaram a construir a História cultural de Paraty. Em suas falas, as lembranças de um vilarejo pacato, em que se podia dormir com as janelas abertas e portas destrancadas, convivem com as reflexões sobre o progresso, que chegou em fases a partir da Paraty-Cunha (1954) e da Rio-Santos (1974).

Entrevistados



Acesse o QR Code e assista aos depoimentos



Amaury Barbosa
Sociólogo e Professor



Flora Salles França Pinto
Professora



Luis Perequê
Cantor e Compositor



Marli Machado
Professora



Cláudio Aquino
Professor



Jubileu
Professor



Marcos Caetano Ribas
Diretor Teatral



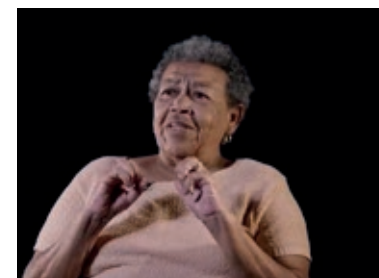
Nena Gama
Educadora



Dalcir Ramiro
Artista Ceramista



Julio Cezar Dantas
Arquiteto e Museólogo



Maria da Baiaia
Funcionária Pública



Paulo Vidal
Radialista



Dito da Ciranda
Músico



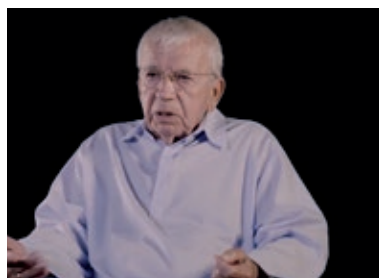
Lucio Cruz
Artista



Maria Izabel
Produtora de Cachaça



Thereza Maia
Historiadora



Diuner Mello
Pesquisador



Luiz Carlos Lacerda
Cineasta



Marina Gouvêa
Professora



Zezeca
Motorista

“Era comum você ver esse acolhimento. Era uma coisa muito espontânea. A gente diz que Paraty se perdeu e se achou pelo isolamento. Talvez até essa era uma necessidade de receber outras pessoas, ver outras pessoas, saber mais das outras pessoas.”

Amaury Barbosa
Sociólogo e Professor

“Não é simplesmente uma graça divina que Paraty se tornou patrimônio da humanidade. É mérito de muitas pessoas, de muitas gerações. A nossa geração fez uma pequena parte, mas teve contribuição de muitas pessoas, de muitas famílias.”

Claudio Aquino
Professor

“Paraty foi abandonado por um tempo. Acho que esse abandono faz parte da nossa cultura. Da nossa preservação. Faz parte da gente ter esse tempo, esse respiro para poder termos uma boa formação cultural. Acho que é isso que nos sustenta, é isso que nos faz gerar a beleza de Paraty.”

Dalcir Ramiro
Artista Ceramista

“Saiu a Rio-Santos, meu sogro comprou um terreno na Ilha das Cobras e me deu um pedaço. Era só mangue. Até hoje a maré enche e invade tudo lá. A Ilha das Cobras era só mangue puro, só lama. Eu tinha uma canoa, quando acordava para pescar a maré ia lá embaixo. E para empurrar a canoa? Ia com a lama até o joelho para pescar.”

Dito da Ciranda
Músico

“A Rio Santos traz um turismo massivo, em termos até agressivo, e o paratiense descobre que ele é que é importante. Todo mundo vem ver Paraty. E ele percebe que é ele que sabe jogar tarrafa, remar em pé na canoa, pegar siri, ostra, camarão e caranguejo. Ele passa a se assumir caíçara.”

Diuner Mello
Pesquisador

Flora Salles
Professora

“O CEMBRA era uma casa aberta aos jovens onde se fazia cultura na cidade, que não tinha outros equipamentos culturais.”

Jubileu
Professor

“O bairro histórico era uma cidade habitada: você sentia a vida. Hoje parece mais um shopping a céu aberto.”

Julio Cezar Neto Dantas
Arquiteto e Museólogo

“Nada melhor do que deixar informação para gerações futuras. Acho que fiz a minha parte com a pesquisa do patrimônio integral de Paraty.”

Lucio Cruz
Artista

“Na realidade, o Zé Kléber foi um ser iluminado. Fazia de tudo, além de ser um grande homem. Era caridoso, ajudava as pessoas, tinha um amor dentro de si. Era uma figura espiritualmente muito elevada. A minha tia até falava que se você quisesse alguma coisa, era só pedir a ele. Que ele era um santo.”

Luis Perequê
Cantor e Compositor

“Para mim, existe Paraty antes da Rio-Santos e depois da Rio-Santos. Qualquer pessoa que viveu nessa época sabe disso. Até então, existia uma Paraty que você chegava por Cunha ou por barco e de repente você tem uma Paraty na esquina do Brasil. As terras que não tinham valor passam a ser valorizadas, as praias que eram só dos pescadores passam a ser um bem valioso. Muda-se completamente.”

“Nós fomos recebidos com muita aceitação, com muito carinho e com muita curiosidade. A gente andava com as roupas dos personagens, íamos aos jantares fantasiados. Virou um grande estúdio. O paratiense é muito afetuoso. Teve uma integração muito espontânea.”

Luiz Carlos Lacerda
Cineasta

“O turismo cultural é a vocação que a cidade tem. Não é só praia e cachoeira, essas coisas são legais, mas tem por aí tudo. Paraty tem uma riqueza cultural que é o que faz o diferencial. E não é folclore, que é importante, mas a cidade tem uma riqueza tal que consegue mesclar a cultura que ela tem, da ciranda, do artesanato, das festas religiosas com a cultura de arte contemporânea.”

Marcos Caetano Ribas
Diretor Teatral

“A Companhia Telefônica Tupi instalou aqui 78 aparelhos de telefone. Aquilo foi uma novidade na cidade. A gente sabia até os números de cor, eram tão poucos. Ali virou o lugar de atração da cidade. Tudo que acontecia passava por ali.”

Maria da Baiaia
Funcionária Pública Aposentada

“Sempre me senti feliz de ter nascido onde eu teria escolhido para nascer. O conjunto da natureza com o centro histórico era maravilhoso.”

Maria Izabel
Produtora da cachaça Maria Izabel

“Quando vim pra Paraty, a cidade era muito diferente de agora. O transporte era muito precário, só tinha um ônibus que descia a serra. Quando eu cheguei aqui, tive uma surpresa muito grande. Fui muito bem recebida. Vim para ficar dois anos e estou até hoje.”

Marina Gouvêa
Professora

“Toda oportunidade que a gente tiver de andar por Paraty, de mostrar Paraty para nossas crianças, nossos adolescentes, de mostrar para eles que isso nos pertence, é muito importante vai fazer a diferença no futuro.”

Marli Machado
Professora

“Paraty tem uma coisa que acho muito interessante, que é uma veia de intelectualidade. A gente gosta de saber, tem essa curiosidade pelo mundo e por tudo que está fora daqui. Desde muito pequena, eu já tinha minha carteirinha de leitora da biblioteca municipal, que ficava na Prefeitura.”

Nena Gama
Educadora

“O PAC tinha baile de gala. Se você não estivesse de terno, bonitinho, não entrava. E o carnaval também era muito bom. Foi uma época boa.”

Paulo Vidal
Radialista

“Eu e o Tom temos em torno de 60 livros sobre memória nacional e de Portugal. Conheço esse patrimônio histórico. Paraty merece mesmo. As cidades mineiras também são lindas, muitas são Patrimônio Mundial, mas como Paraty, e com mar, é só ela.”

Thereza Maia
Historiadora

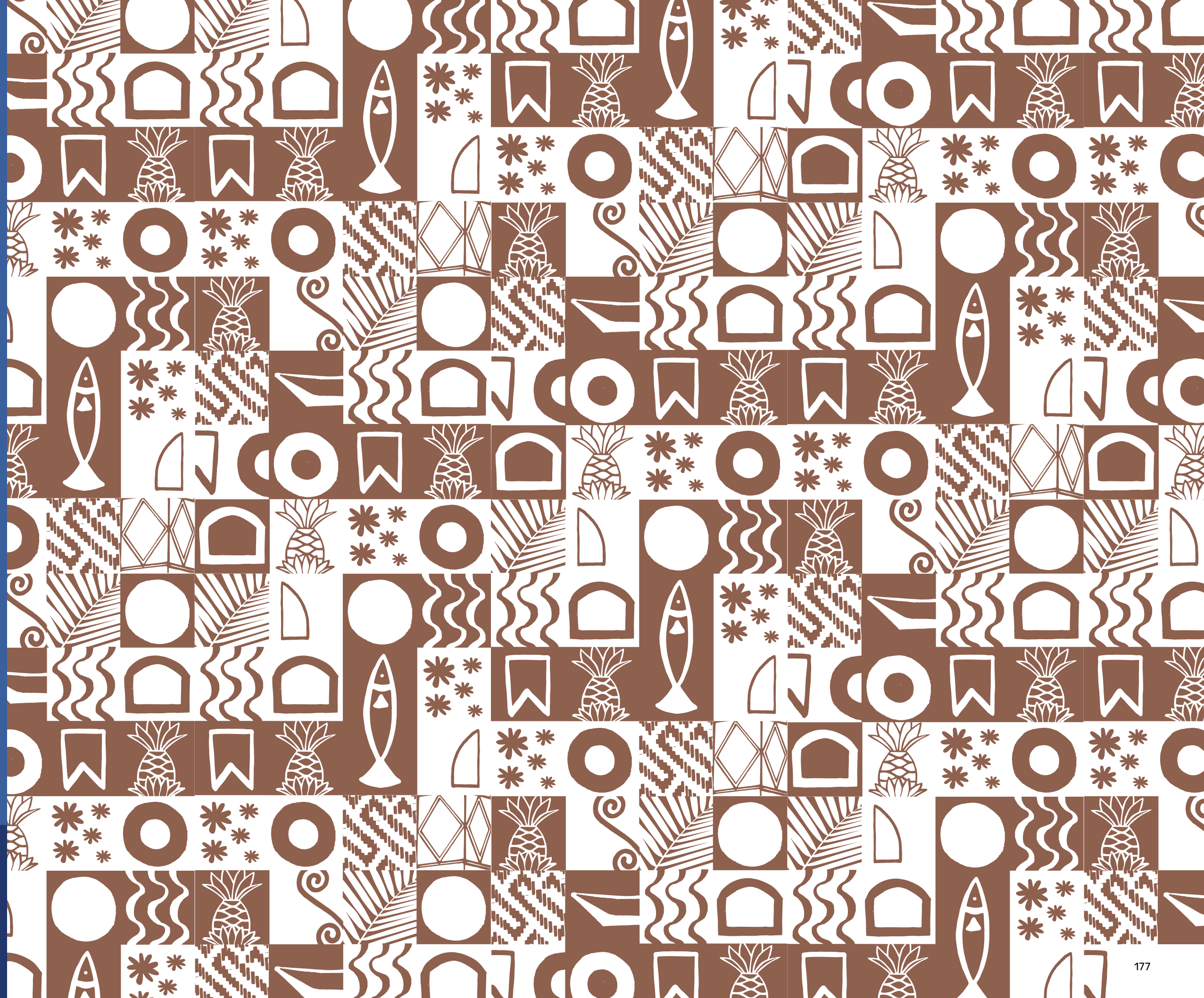
“O povo era bem acolhido, bem recebido. Quando falava que tinha um filme em Paraty, enchia. E na época pagava legal. Nunca ganhei tanto dinheiro na minha vida. Era dinheiro para ninguém botar defeito. Comprei terreno, carro, fiz minha casa.”

Zezeca
Motorista e Ator

A história onde aconteceu:
os locais na cidade

PARA UMA
HISTÓRIA
CULTURAL
de PARATY
1945
2019

CASA
DA CULTURA
DE PARATY
CÂMARA TORRES



Exposição expandida

Como extensão do acervo presencial da exposição “Para uma História Cultural de Paraty 1945 2019”, 21 placas com QRcodes foram instaladas em prédios do Centro Histórico, contando suas histórias e a ligação com outras décadas. O roteiro incluiu antigas vendas, residências, cinemas, ateliês e bares que fizeram parte do cotidiano de Paraty. Veja ao lado o mapa com a localização de cada um dos pontos.



PARA UMA HISTÓRIA CULTURAL DE PARATY
1945 2019

O roteiro da exposição expandida

CASA DA CULTURA DE PARATY
CÂMARA TORRES

01 - P.A.C. [Casa da Cultura de Paraty]
02 - Galeria Maramar [Casa da Dona Cecília]
03 - Mercado de Peixe [Mercado das Artes]
04 - Antiga Cadeia [I.H.A.P.]
05 - Pousada Pardieiro
06 - Hotel Coxixo [Pousada Literária]
07 - Armazém do Décio [Restaurante Thai Brasil]
08 - Padaria do Rael [Livraria das Marés]
09 - A Preferida [Armazém da Cachaça]
10 - Bar do Abel [Loja Richards]
11 - Padaria Esperança
12 - Grupo Escolar [Pousada do Sandi]
13 - Toronto [Restaurante Caminho do Ouro]
14 - Trecos & Trapos [Casa da Maria José]
15 - Farmácia Santa Rita [Café Pingado]
16 - Valhacouto [Sobrado particular]
17 - Casa da Djanira [Restaurante Bartholomeu]
18 - Sancho Pança [Casa da Ashraf Klink]
19 - Cine São Jorge [Cinema da Praça]
20 - Posto Telefônico [Loja Átame]
21 - Correntes [Hotel Porto Imperial]

2023
Modelo da placa
Marcus Prado

2023
Mapa indicando os antigos pontos e seus respectivos nomes em 2023
Marcus Prado

2023
Placas espalhadas pelo Centro Histórico
Rafaela Marsico



Paratiense Atlético Clube (P.A.C.)

O imponente casarão situado na esquina das ruas Dona Geralda e Dr. Samuel Costa foi parte importante da história cultural de Paraty entre 1945 e 2019. Em um levantamento feito pelo Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) em 1940, o prédio de 1754 já é listado como um dos monumentos históricos da cidade.

Ao longo do tempo, o lugar teve diferentes finalidades: de colégio a serralheria. Destacou-se como sede do Paratiense Atlético Clube (PAC), instituição social e esportiva fundada em 1944. No seu salão principal, foram realizados bailes - de gala e de carnaval - que marcaram época entre a população local.

No filme “Gabriela” (1983), inspirado no romance de Jorge Amado, a pista de dança do famoso cabaré Bataclan foi filmada no salão nobre do clube. Em 1990, a Casa da Cultura foi instituída no local, acolhendo a Biblioteca Municipal Fabio Villaboim e iniciando uma série de atividades em diferentes modalidades artísticas. Hoje, o espaço gerido pela Associação Paraty Cultural é o principal equipamento cultural público do município.



1980
Fachada do Paratiense Atlético Clube
Reprodução

1980
Cabaré Bataclan
Filme Gabriela

1975
Fachada antiga do prédio
Reprodução

1940
Fachada do prédio
FGV

1970
Antiga cartela na fachada do prédio
Arquivo Nacional



Galeria Maramar

A Galeria Maramar foi uma das primeiras galerias de arte de Paraty. Foi inaugurada na Rua Dona Geralda, onde hoje é o Teatro Espaço.

Depois, nos anos 1980, funcionou neste imóvel localizado na esquina da Rua da Ferraria com a Dona Geralda. Com carreira extensa nos palcos do Rio de Janeiro e de São Paulo, Ribeiro ficou conhecido no circuito das artes cênicas como um dos propulsores do Teatro de Revista, estilo que unia números musicais com esquetes cômicas, no Brasil.

Em entrevista à revista "Manchete" em 1977, ele disse que se apaixonou por Paraty em 1963: "Foi amor à primeira vista. De lá para cá, dirigi a minha vida no sentido de vir morar definitivamente aqui, o que aconteceu no final do ano passado, quando consegui me desvencilhar dos negócios em São Paulo". Junto a Maria Della Costa e Paulo Autran, ele fazia parte da "turma do teatro" que criou vínculos com a cidade.



ZILCO, O "NOVO"
Ele trouxe a erigência pelo teatro e está conseguindo moralizar muita coisa, consertar muito defeito e apresentar ao público espetáculos leves e de classe.



ZILCO é o "faz tudo" de Fellus. Tanto se preocupa com os problemas de guarda-roupa, como dá seus palpites na...



CENOGRAFIA, nos problemas de carpintaria, bilheteria, iluminação, etc. E ainda quem controla o pessoal e...



...RESOLVE as mil dificuldades administrativas da companhia. Está trabalhando muito e ganhando muito dinheiro.

ZILCO RIBEIRO TOCA OITO INSTRUMENTOS

ENQUANTO O PÚBLICO RI

Pequena história de um jovem empresário que está revolucionando (e moralizando) o teatro de revista — Reabilitação de uma sala "condenada" e oportunidades para os novos.

Texto de EDUARDO GRACO
Fotos de ANTONIO RUJGE e UTARO KANAI

—NÃO sei como um sujeito tão magriço ainda conseguiu cinco quilos para emagrecer...
Isso dizia-me outro dia um amigo, referindo-se a Zilco Ribeiro, o mais alto, o mais jovem e o mais magro dos empresários teatrais do Rio de Janeiro. Zilco, gaúcho de 32 anos, ex-Oficial da FAB, sempre teve mania de teatro. Logo que chegou ao Rio, meteu-se a empresário, voou muito alto, como era natural, e foi obrigado a fazer uma aterrissagem forçada. Depois fez uma segunda tentativa, já no Teatrinho Jardel, de Copacabana, tendo lançado Mariene como atriz, embora em pontas. Mas não se deu certo com os

Mercado de Peixe

Até os anos 1970, quando Paraty esteve praticamente isolada do resto do país, sem ligação rodoviária com os grandes centros, a área da Rua da Praia era um ponto importante da vida comercial da cidade. Afinal, era nas proximidades do cais que os barcos chegavam lotados de pescado para abastecer a população.

O antigo prédio do Mercado de Peixe, que hoje recebe uma feira de artesãos locais, reunia os pescadores e compradores, que também podiam encontrar produtos agrícolas da região. No documentário “Vila de Nossa Senhora dos Remédios de Paraty” (1968), é possível ver a pintora Djanira comprando alimentos no local.

Ao longo dos anos, a Rua da Praia ganhou diversas vendas, que foram fechando com o crescimento do turismo nos anos 1990. Uma cena do filme “Running Out of Luck” (1987), estrelado por Mick Jagger, mostra o líder dos Rolling Stones na antiga Merceria São Pedro, um dos melhores exemplos dos pequenos mercados que existiam nesta rua.



1969-1982
Mercado municipal
Arquivo Nacional

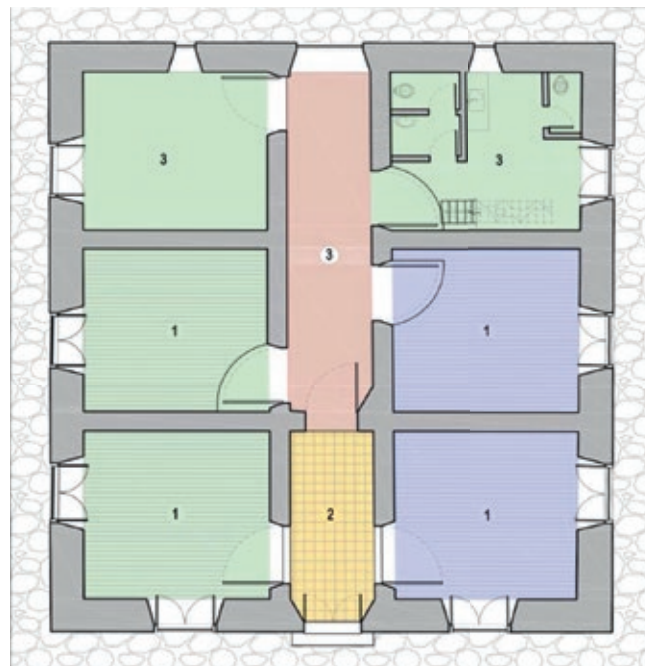
1987
Mick Jagger na Merceria São Pedro
Clipe Running Out of Luck

Antiga Cadeia

O prédio do Século XVIII foi erguido para ser alojamento de tropas que guardavam uma fortaleza na foz do Rio Patitiba. Mas em poucos anos o espaço se transformou na Cadeia Pública. Como os índices de criminalidade da cidade eram baixos, o pequeno espaço com portas e janelas gradeadas serviu de casa de detenção por mais de um século até o ano de 1980, quando foi desativado pela Prefeitura.

Em seu lugar, ali passou a funcionar a Secretaria de Turismo e Cultura, um sinal da importância que o setor passava a ocupar na administração municipal. Na gestão de José Cláudio de Araújo como secretário, o lugar recebeu também o Instituto Histórico e Artístico de Paraty (IHAP), órgão fundado em 1976 por acadêmicos e pesquisadores. O Ihap permaneceu lá até fins dos anos 1980.

Em 1997, o município concedeu o prédio para o Ihap, quando a Secretaria foi para a Praça do Chafariz. No mesmo ano, o espaço também recebeu a Biblioteca Municipal Fabio Villaboim, hoje localizada na Rua do Comércio.



2019
Grades
Reprodução

2015
Planta do prédio
IHAP

2018
Vista externa da antiga cadeia
Mike Peel

2010
Vista interna da antiga cadeia
IHAP

Pousada Pardieiro

A Pousada Pardieiro foi fundada em 1971 pelo ator Paulo Autran – que atuou em clássicos do cinema, como Terra em Transe (1967), e da televisão, como “Guerra dos Sexos” (1983) – juntamente com seu sócio Fábio Villaboim. O lugar começou com apenas 3 quartos e foi crescendo. Desde o princípio, a hospedagem se destacou pelo requinte do serviço. Em cada quarto, havia um frigobar repleto de queijos franceses, salmão defumado, bebidas diversas e outras iguarias. O público de alto padrão rapidamente descobriu o local e passou a frequentá-lo nos feriados, fins de semana e férias de verão.

Em entrevista à revista “Manchete” em 1975, intitulada “Profissão: Hoteleiros”, Autran revelou como o empreendimento começou: “Sem querer, realmente se transformou numa atividade econômica. Mas a ideia principal ainda é de que a pousada seja um lugar agradável onde as pessoas se sintam bem. Foi uma ideia fortuita que acabou dando certo. Eu não sou exatamente hoteleiro. Sou simplesmente um dos donos do hotel. No fundo, quando venho aqui, me sinto um pouco hóspede”.



1975
Foto de matéria com Paulo Autran
Manchete

2015
Vista externa da Pousada Pardieiro
Pousada Pardieiro

2017
Vista externa da Pousada Pardieiro
Pousada Pardieiro

2018
Pátio da Pousada Pardieiro
Pousada Pardieiro



Hotel Coxixo

Fundado em 1971 na Rua do Comércio, o Coxixo foi um dos primeiros hotéis a atender o segmento de luxo em Paraty. O glamour começava logo pela proprietária: Maria Della Costa, uma das grandes damas do teatro brasileiro. Apaixonada por Paraty, a atriz decidiu investir o que ganhou com a novela “Beto Rockfeller” (TV Tupi) na reforma do antigo imóvel quando percebeu que faltavam boas pousadas na cidade.

Em entrevista à revista “Manchete”, em 1975, a então secretária de Turismo e Cultura de Paraty declarou: “Eu pensei em fazer o Festival de Artes de Paraty porque acho que esta cidade se presta muito a isso pela sua paisagem, pureza de arquitetura e poesia. A cidade não tinha acomodações e resolvi construir o hotel. Como o festival foi sendo adiado, comecei a alugar os quartos e virei hoteleira”.



1975

Foto de matéria com Maria Della Costa
Manchete

2001

Cartão postal do Hotel Coxixo
IHAP

Armazém do Décio

Quando Paraty ainda estava geograficamente isolada do resto do país - acessível apenas por barcos ou por uma péssima estrada de rodagem na serra de Cunha - até mesmo itens básicos de consumo eram difíceis de ser encontrados nas casas comerciais da cidade.

As poucas vendas que o município tinha eram responsáveis por abastecer os moradores com produtos como querosene, ferramentas, utilidades domésticas, além de artigos a granel. O armazém Ferragens Santa Rita, comandado por Décio Ramiro, era um dos melhores exemplos desse tipo de estabelecimento que não existe mais no Centro Histórico. Nas palavras do ceramista Dalcir Ramiro, um de seus filhos, “naquela época, o comerciante tinha uma responsabilidade muito grande com a comunidade, de buscar as coisas fora daqui. Meu pai foi um brilhante artista-comerciante, tinha um olhar amoroso para servir as necessidades da população”. O negócio passou de pai para filho e foi comandado por Décio Ramiro de Alcântara Filho até fechar as portas nos anos 1990.



Padaria do Rael

A história da Padaria Nossa Senhora Aparecida começa nos anos 1950, mas foi quando ela mudou de donos que sua fama realmente começou em Paraty. Em 1963, Agílio Ramos, antigo padeiro da casa, comprou o negócio. Anos depois, em 1970, seu irmão Israel Félix Ramos, que também havia trabalhado na panificadora, assumiu o comando do balcão. Além do excelente atendimento, a “Padaria do Rael” notabilizou-se por suas bisnagas de massa fina ou massa grossa - ambas feitas em processo de fermentação natural. Broas de milho e broinhas de coco ajudavam a adoçar o paladar da clientela, que crescia a cada ano.

Em 2002, já sob o comando do filho Israel Reinaldo Ramos, a padaria deixou o Centro Histórico para um novo endereço no Portal de Paraty, bairro que na época ainda estava em desenvolvimento. Desde então, o negócio chama-se Portal do Pão e trabalha com as mesmas receitas que faziam sucesso na antiga padaria.



A Preferida

Desde adolescente, José Murilo Melo da Silva trabalhou em armarinhos da cidade: primeiro na firma França & Irmão, depois na França & Sobrinho e na lendária Casa Costa, de Josephina Gibrail.

Aos 27 anos, no ano de 1968, tornou-se um dos comerciantes mais jovens da cidade ao abrir o seu próprio armarinho: a loja A Preferida. A simpatia do atendimento e a qualidade dos tecidos conquistou clientes do bairro histórico e também das zonas rurais e costeiras. No convívio cotidiano com os tecidos viu nos retalhos e pedaços de pano matéria-prima para uma arte paratiense que hoje está em declínio: a colcha de retalhos.

Zé Murilo unia com sutileza e bom gosto diferentes formas geométricas e estampas, criando peças verdadeiramente únicas. Um de seus mais célebres trabalhos, uma grande colcha com mais de 10 mil retalhos, está guardado no acervo do Memorial da América Latina, em São Paulo.



2016
Colcha de retalhos do José Murilo
Casa da Cultura de Paraty

2016
Detalhe da embalagem da loja A Preferida
Casa da Cultura de Paraty

2016
Cinzeiro e etiquetas da loja A Preferida
Casa da Cultura de Paraty



Bar do Abel

Fundado em 1958, o Bar do Abel rapidamente se transformou em uma referência para a boemia de Paraty. Era em suas mesas que os artistas terminavam suas noites, invariavelmente com serestas e cantorias regadas com as melhores aguardentes locais. Zé Kléber, poeta e agitador cultural paratiense, era um de seus frequentadores mais assíduos. Nas paredes do bar, o artista nipon-brasileiro Yoshiya Takaoka desenhou seus célebres cavalos (reproduções dessas obras atualmente podem ser vistas no Restaurante do Engenho na Rua da Lapa).

Além de talento para o comércio, Abel de Oliveira tinha uma sensibilidade incomum para as artes plásticas e se tornou uma espécie de mecenas para os muitos artistas que trabalhavam na cidade. Ao longo do tempo, muitos deles o presentearam com pinturas e desenhos em agradecimento à sua generosidade e apoio. Abel chegou a ter uma das primeiras galerias de arte da cidade, juntamente com Toninho Foz e, posteriormente, Marino Gouveia.



Padaria Esperança

A Padaria Esperança é a mais antiga casa comercial a funcionar no mesmo imóvel em Paraty. A panificadora foi fundada no Dia da Esperança (31 de dezembro) por Gabriel Gomes Calixto em 1900. Ao longo do tempo, o estabelecimento também ficou conhecido como “Padaria do Zuzu” por conta do apelido de José do Espírito Santo Calixto, filho do fundador que geriu com simpatia o lugar por décadas até os anos 1990. Até hoje, os moradores mais antigos da cidade costumam chamar o estabelecimento pelo nome “não oficial”.

A Padaria Esperança é referência na produção de doces tradicionais paratienses, como o massapão, o manuê-de-bacia e a brevidade. Além de vender uma variedade de baguetes e brioches, a loja faz sucesso com um tradicional biscoito de água e sal, batizado oportunamente de “Biscoito Centenário”. Atualmente, o negócio segue nas mãos da família e é administrado por Ian Calixto, trineto do fundador do negócio.



1995
Sr. Zuzu e Paulo Aufran
Reprodução

2018
Antigo panfleto da Padaria Esperança
Reprodução

1985
Sr. Zuzu na padaria com seus filhos
Hamilton e Hailson
Reprodução

2018
Desenho da fachada da Padaria
Reprodução



Grupo Escolar

Neste prédio onde hoje funciona um hotel, o Grupo Escolar Raul Pompeia foi fundado em 1936. Ao recontar em seu livro a história de Paraty no século XX, Zezito Freire explica que a inauguração deste colégio público era reivindicação antiga da população local.

Em 1945, começaram as obras para a transferência do Grupo Escolar – agora chamado Samuel Costa – para um novo endereço, na Rua Presidente Pedreira. Para a construção do novo prédio, foi preciso retirar o antigo chafariz do meio da via pública e centralizá-lo em uma praça. No ano de 1956, Mario Moura Brasil do Amaral funda o Ginásio Paratiense, avanço considerável para o ensino em Paraty.

Em 1972, o complexo educacional Moura Brasil foi encampado pelo governo do Estado e anexado ao Grupo Escolar Samuel Costa. Da fusão, surge o Centro Educacional de Paraty que, em 1973, passou a se chamar Centro Educacional Engenheiro Mario Moura Brasil do Amaral (CEMBRA).



1970
Apresentação da fanfarra do Cembra
Reprodução

1956
Grupo Escolar Samuel Costa
Reprodução

1970
Fachada do Grupo Escolar Samuel Costa
Arquivo Nacional

Lanchonete Toronto

Aberto na década de 1980, o Toronto era o reduto da juventude boêmia de Paraty. Com preços acessíveis, ao contrário dos lugares voltados para turistas, era o verdadeiro boteco “pé-sujo” do bairro histórico. Era ali que os “esquentas” aconteciam antes dos bailes no Paratiense Atlético Clube. A bebida favorita da moçada era a pinga com mel, enquanto os tira-gostos mais vendidos eram as fatias de pizza expostas no balcão.

O Toronto começou com Paulo Albino, que batizou o lugar após a viagem de um amigo à cidade do Canadá. Para os frequentadores assíduos, que tomavam umas e outras canjebrinas, o apelido simpático era “Tô Tonto”. Logo o bar passou de mãos para o irmão Uilson Albino, mais conhecido como Alemão. Ele esteve à frente do lugar até 2009, quando o estabelecimento fechou as portas. Ele conta que, durante as comemorações da Festa do Divino nos bons tempos do bar e lanchonete, chegava a vender 75 litros de pinga com mel por noite.



2018
Placa Toronto
Laís Prado

2008
Toronto durante um evento na Flip
Picareta Cultural

Trecos & Trapos

Um dos maiores expoentes das artes plásticas na cidade, Júlio Paraty foi aprendiz de Djanira na juventude e, ao longo da carreira, teve grande reconhecimento no Brasil e no exterior como artista naif.

Muito por conta de seu sucesso com os pinéis, seu talento para a moda ficou em segundo plano na sua biografia. Nos anos 1970, ele abriu no térreo deste sobrado que dividia com amigos uma loja de roupas com as suas criações: a Trecos e Trapos, que tinha como lema “Da pintura à costura”. Inventivo, ele organizava desfiles de moda nas ruas de pedra, o que gerava imensa propaganda boca a boca para o seu negócio.

A vocação para trabalhar com linhas e agulhas rendeu a Julio trabalhos como figurinista e diretor de arte em produções cinematográficas como “O Princípio do Prazer” (1979), de Luiz Carlos Lacerda.

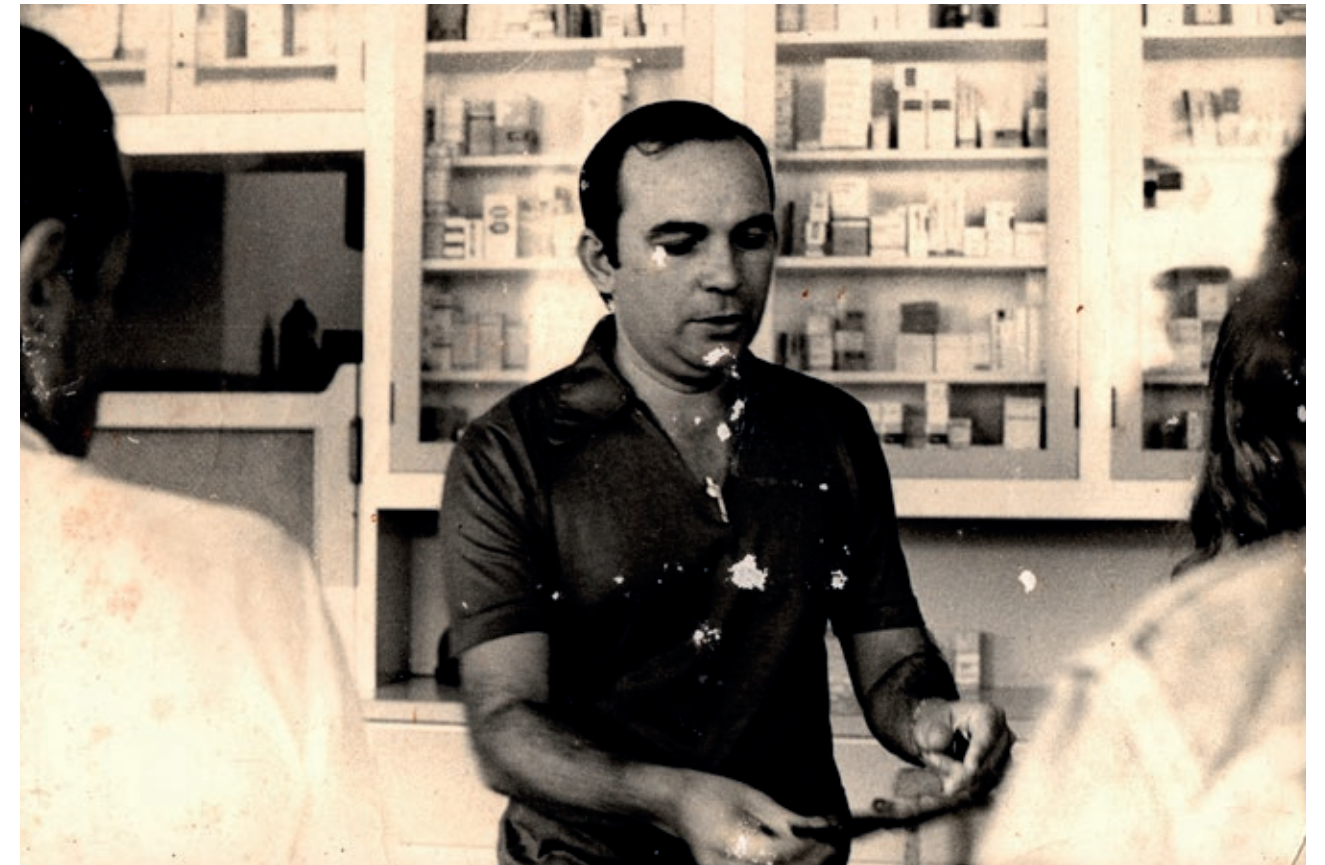


Farmácia Santa Rita

Hugo Miranda foi um homem que dedicou sua vida à saúde de Paraty. Filho de um dos primeiros farmacêuticos da cidade, ele estudou farmácia no Rio de Janeiro e retornou ao município no ano de 1941. Fundou a Farmácia Santa Rita e logo se tornou referência na manipulação de remédios alopáticos e homeopáticos.

Generoso, atendia de graça aqueles que não podiam pagar pelos medicamentos. Em troca, além da gratidão de inúmeras famílias das zonas rurais e costeiras, recebia presentes como galinhas, patos e peixes. Não eram raras as vezes que ele prestava assistência aos pacientes em suas casas, levando medicamentos e soro aos doentes. Por conta de tamanha dedicação, foi três vezes provedor da Santa Casa de Paraty, unidade de saúde que virou um hospital e atualmente leva o seu nome. Quando se aposentou, a farmácia foi levada adiante por seu filho José Conti Miranda, o Zé do Hugo.

A Farmácia Santa Rita também era um ponto central das notícias de Paraty: por receberem muitos clientes de diferentes bairros, os balconistas estavam sempre informados das últimas novidades (e fofocas) da comunidade.



1965-86
Sr. Zé do Hugo no interior da Farmácia Santa Rita
Acervo Família Miranda

Valhacouto

O Valhacouto foi um lendário restaurante em Paraty fundado por Zé Kléber, poeta e agitador cultural da cidade. Conhecido por ser reduto boêmio, o estabelecimento recebeu e alimentou artistas cariocas e paulistas a partir de 1963 com pratos sofisticados como a “Galinha Mourisca”, receita retirada de um livro da corte portuguesa. A casa tinha até hino, composto pelo proprietário: a “Chiba do Valhacouto”. Foi numa noite de farras e bebedeiras no restaurante que Dom João Maria de Orléans e Bragança, neto da Princesa Isabel, entrou a cavalo no salão e, com a espada em punho, declarou a fundação da “República Livre de Paraty” para o delírio dos presentes.

De Leila Diniz a Nara Leão, dezenas de grandes nomes da cultura brasileira sentaram nas mesas do Valhacouto. O interior do antigo restaurante pode ser visto no documentário “Vila de Nossa Senhora dos Remédios de Paraty” (1968), filme narrado pelo próprio Zé Kléber.



1968
Corte do filme Vila de Nossa Senhora dos Remédios
Reprodução

1968
Frequentadores do Valhacouto
Reprodução

1968
Zé Kléber no Valhacouto
Reprodução

1968
Frequentadores do Valhacouto
Reprodução



Casa da Djanira

Em 1960, uma pequena nota no “Correio da Manhã” informa que a célebre pintora brasileira Djanira havia comprado e estava reformando um casarão em Paraty, para onde deveria se mudar. Após terminadas as melhorias no prédio, ela instalou seu ateliê no local e passou a produzir. A influência da cidade na produção naif da artista é quase instantânea, como o mostra o quadro “Folia do Divino” (1960), que retrata a tradicional Festa do Divino na cidade.

A paixão pela vida simples de Paraty era tanta que ela acabou comprando um sítio no Corumbê, distante do Centro Histórico, onde passou a morar. No entanto, a relação da pintora com a cidade acaba mal. Em 1967, após saírem da praia do Pontal, Djanira e seus amigos desafiaram a ordem de um juiz local que proibia trajes de banho no bairro histórico. Ao ser abordada por policiais em um restaurante, a pintora discutiu, acertou um deles com sua bengala e foi embora para o sítio. Insatisfeitos, os soldados da Ditadura Militar cercaram o imóvel no dia seguinte e, após horas de impasse, executaram os cães da artista como retaliação. O ato foi a gota d’água para ela, que deixou de frequentar Paraty.



1965
Djanira e seus cachorros em Paraty
Acervo Djanira - Funarte

1960
Quadro Folia do Divino
Reprodução

1974
Paraty
Reprodução

1957
Djanira da Motta e Silva
Wikipedia

1962
Matéria sobre a vida de Djanira em Paraty
O Cruzeiro

1966
Paraty
Museu Manchete



Sancho Pança

Além do poeta e agitador cultural Zé Kléber, a família Cruz deu nomes importantes para a cultura e boemia de Paraty, como seus irmãos Vicente e Aldo. O primeiro comandou o bar (e bloco de carnaval) Cana Verde por anos, enquanto o outro fundou o restaurante Sancho Pança na década de 1980 – primeiro na Rua da Lapa e depois nas proximidades da Praça da Matriz. Ambos os estabelecimento eram redutos da boa música em Paraty. Aldo, além de exímio cozinheiro, era um seresteiro de longa data e tocava violão como ninguém. Muita gente ia para sua taberna apenas para ouvi-lo dedilhar o instrumento com precisão em um repertório influenciado pela MPB.

A mescla da boa mesa com som de qualidade fizeram a fama do restaurante, que no entanto durou relativamente pouco tempo no bairro histórico. Nos anos 1990, o estabelecimento se mudou para a Ponte Branca, onde hoje continua com novos donos.



Cine São Jorge

Fundado em 1949 por Antonio de Oliveira Vidal no prédio onde havia funcionado o “Cinema do Paulo Pirata” de 1934 a 1945, o Cine São Jorge foi a mais marcante sala de exibição de Paraty. Logo adquirido por Pedro Stanisce, o cinema se notabilizou por exibir os clássicos faroestes e melodramas de Hollywood em cópias bastante desgastadas.

Durante o período do Cinema Novo, em que Paraty recebeu diversas equipes de filmagem, o cinema também exibiu as cenas rodadas na cidade em primeira mão, e cobrava ingressos para isso. Em troca, os diretores podiam conferir o material recém-filmado, atestar sua qualidade ou decidir pela necessidade de refazer algo.

Após mais de duas décadas em funcionamento, o Cine São Jorge perdeu a concorrência para a televisão e fechou definitivamente suas portas em 1973. Em 2018, após obras realizadas pela Prefeitura, reabriu com o nome Cinema da Praça Zé Kléber e é um dos únicos cinemas públicos do Brasil.



1973
Prédio do Cine São Jorge em ruínas após fechamento
Reprodução

2016
Cinema em obras
Reprodução

2018
Cinema da Praça Zé Kléber
Cinema da Praça

2018
Inauguração do Cinema
Cinema da Praça

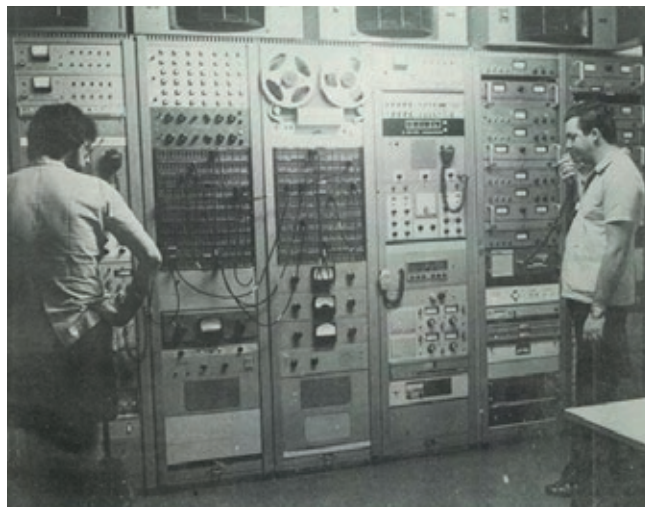
2018
Interior do Cinema
Cinema da Praça



Posto Telefônico

Em 1962, foi inaugurada a sede da Companhia Telefônica Tupi em Paraty, que instalou 78 linhas na cidade. De acordo com Zezito Freire em seu livro sobre a história da cidade no século XX, o serviço era “de péssima qualidade, mas considerado fator da maior importância para as comunicações de Paraty”. Naquela época, todas as ligações eram feitas com auxílio de telefonistas que ficavam no local. Interurbanos poderiam demorar horas para serem completados e não eram raras as vezes em que o telefonema só era possível no dia seguinte. Era comum ver turistas e paratienses sentados na calçada aguardando pacientemente a sua vez de falar ao telefone público que ficava ali.

Em 1978, já encampada pela Telerj, a empresa remexeu no calçamento original da cidade para realizar obras de cabeamento subterrâneo nas ruas do Centro Histórico a fim de equipar as residências do bairro com mais telefones fixos.



1978
Fotos de matéria sobre Paraty
Revista Sino Azul

1979
Prédio da Cia Telefônica Tupi
Reprodução

1978
Foto de matéria sobre Paraty
Revista Sino Azul



Correntes

Com a abertura da BR-101 no trecho Rio-Santos, Paraty passou a receber um grande influxo de turistas motorizados. Os carros e caminhões, que antes eram poucos na cidade, se multiplicaram do dia para a noite e passaram a incomodar alguns moradores e a até atrapalhar as procissões religiosas e outros eventos da vida cotidiana. O trânsito pesado também preocupava aqueles interessados na preservação dos edifícios antigos do bairro histórico, como os técnicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Na década de 1970, um movimento de jovens da cidade convenceu o prefeito a realizar o fechamento das ruas da cidade para automóveis. A medida, no entanto, não foi aprovada pela Câmara Municipal. Em 1976, o governo estadual se convenceu da necessidade da medida e cercou um perímetro do Centro Histórico com correntes e proibiu a circulação de veículos não autorizados no local.



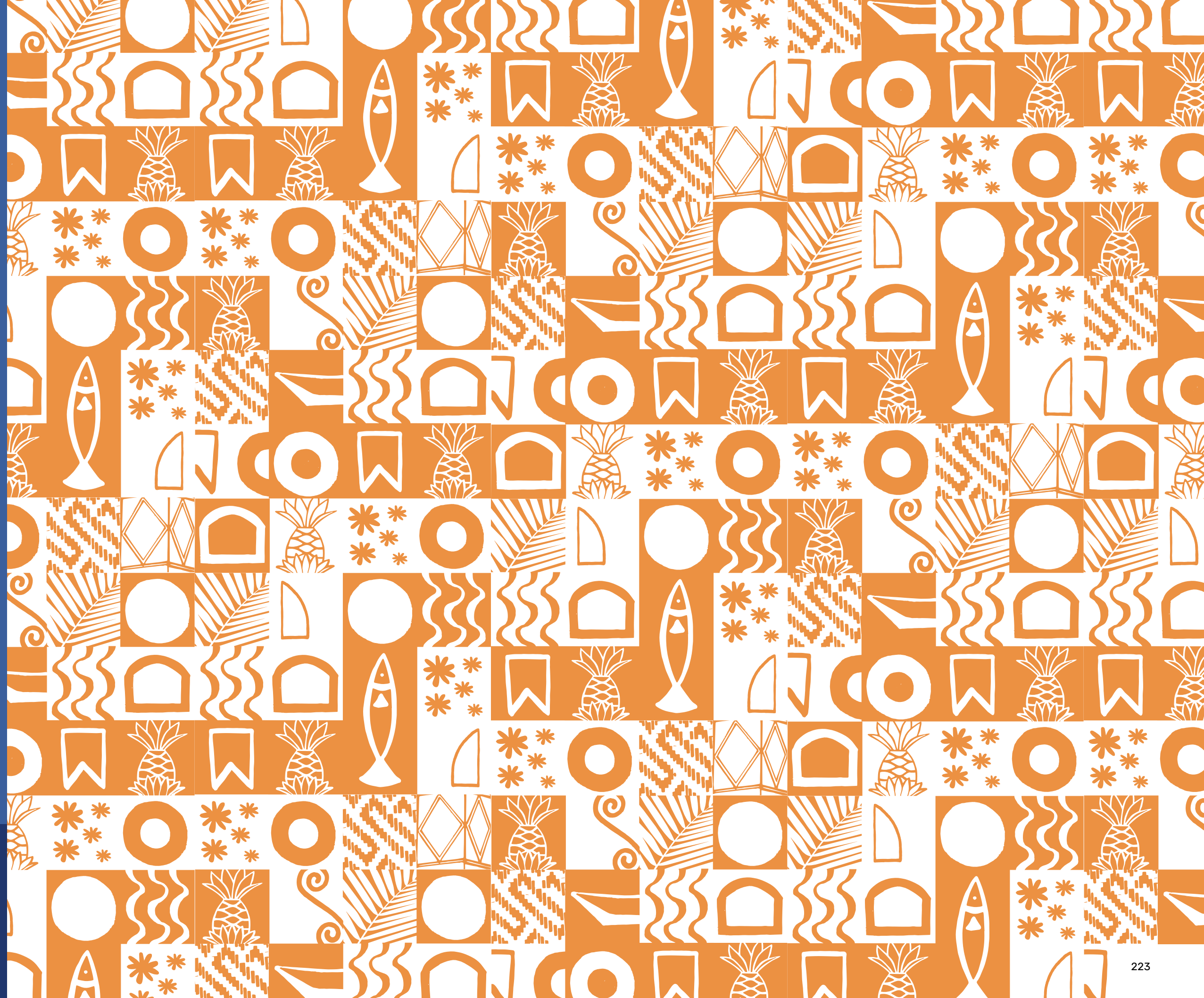
1976
Fechamento do Centro Histórico com correntes
IHAP

1974
Centro Histórico ainda com a circulação de carros
IHAP

A exposição na
Casa da Cultura de Paraty

PARA UMA
HISTÓRIA
CULTURAL
de PARATY
1945
2019

CASA
DA CULTURA
DE PARATY
CÂMARA TORRES



A Casa da Cultura: de clube recreativo a centro cultural

O imponente casarão situado na esquina das ruas Dona Geralda e Dr. Samuel Costa foi parte importante da história cultural de Paraty entre 1945 e 2019. Em um levantamento feito pelo Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) em 1940, o prédio de 1754 já é listado como um dos principais monumentos históricos da cidade. Ao longo do tempo, o lugar teve diferentes finalidades: de colégio a serralheria.

O imóvel fez sua fama, no entanto, como a sede do Paratiense Atlético Clube (PAC), instituição social e esportiva que nasceu em 1944 a partir da fusão do Jaú Futebol Clube com o Clube Recreativo Paratiense. Mais do que apenas uma associação esportiva, rapidamente o lugar se configurou como um centro da vida social da cidade, tornando-se um ponto de encontro para as famílias locais. Enquanto as senhoras se reuniam para bordar e fazer crochê, os jovens dançavam ao som das vitrolas e os senhores disputavam torneios de carreado, damas e pingue-pongue. No seu salão principal, foram realizados inúmeros bailes - de gala e de carnaval - que marcaram época entre a população local. No filme *Gabriela* (1983), inspirado no romance de Jorge Amado, a pista de dança do famoso cabaré Bataclan foi filmada no salão nobre do clube.

Com o encerramento das atividades do PAC na década de 1980, o casarão viria a se tornar o principal equipamento cultural público do município, a **Casa da Cultura de Paraty**, instituída pela Prefeitura em 26 de abril de 1990. Em seu histórico, é possível distinguir três períodos, conforme o modelo de gestão, atividades realizadas e papel desempenhado, e mesmo pela configuração de seus espaços.

De 1990 a 2002, a Casa da Cultura ficou sob a administração direta da Prefeitura (vinculada a partir de 1995 à Secretaria de Cultura e Turismo), contando com considerável envolvimento da comunidade, inclusive voluntário. Recebeu e promoveu atividades culturais variadas e em diferentes padrões de qualidade, às vezes de forma improvisada, entre mostras de cinema, espetáculos de artes cênicas e música, exposições – algumas de grande porte e relevância, como



1978
Paratiense Atlético Clube
IHAP

1978
Jovens no P.A.C.
IHAP

1982
Rua Dr. Samuel Costa
Arquivo Nacional

1969
Paratiense Atlético Clube
IHAP

2003
Reforma da Casa da Cultura de Paraty
Reprodução

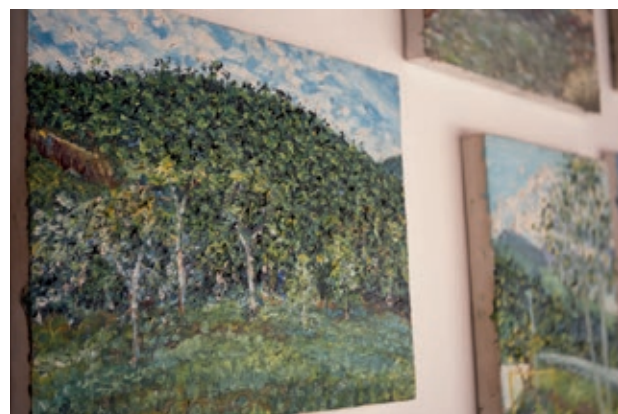
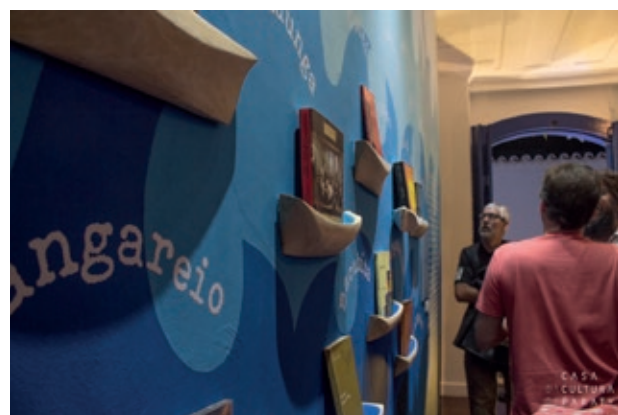
2002
Reforma da Casa da Cultura de Paraty
Reprodução



as sobre Amyr Klink, Djanira, Julia Mann e Thomas Farkas – e oficinas e aulas de artes, música e dança. As condições da edificação eram precárias, entretanto, tendo sido realizadas apenas reformas emergenciais; em determinado momento, foi interdita toda a área coberta dos fundos (onde hoje ficam o pátio e auditório), mantendo-se em funcionamento apenas o sobrado.

Gestões realizadas em 2003 – o ano em que a Casa também abrigou a primeira edição da FLIP, a Festa Literária Internacional de Paraty –, tendo à frente a Prefeitura de Paraty e a Fundação Roberto Marinho, possibilitaram concretizar a efetiva reforma, restauro e revitalização da edificação, por meio de uma parceria entre a Eletronuclear, a Rede Globo, a Prefeitura de Paraty, a Votorantim e a Fundação Roberto Marinho, com apoio da Springer Carrier. Reinaugurada em 27 de março de 2004, a Casa passou a contar com um moderno auditório e uma *Exposição Permanente sobre as Tradições Culturais de Paraty* (multimídia), realizada pela artista e cenógrafa Bia Lessa. Para a gestão, foi criada a **Associação Paraty Cultural**, uma ONG sem fins lucrativos, tendo como associados entidades e pessoas voltadas à cultura em Paraty.

Criou-se assim um equipamento cultural de qualidade, em funcionamento permanente e gerido com a participação da sociedade civil. A exposição permanente nos primeiros anos desempenhou um importante papel na aproximação dos paratienses à Casa e em educação patrimonial, com as visitas guiadas de escolas; o novo alento permitiu que importantes exposições de artistas (coletivas e individuais) e sobre a história e tradições de Paraty fossem realizadas; mas as limitações tanto dos espaços disponíveis quanto de orçamento dificultariam a sua continuidade, bem como a da oferta de atividades educativas. Quanto ao auditório, uma variedade de espetáculos de artes cênicas e música foi apresentada ao longo desses anos, mas assumindo um caráter esporádico e fortuito, pois dependendo sobretudo daqueles que já tivessem a sua circulação incentivada para vir a Paraty. Ocorreu então, nos quatro últimos anos desse período, de 2009 a 2012, uma gradativa diminuição das atividades desenvolvidas na Casa, resumindo-se quase tão somente àquelas promovidas pelos eventos que viriam a se somar à FLIP no Calendário Cultural da cidade.



2002
Exposição Tradições Culturais de Paraty
Bia Lessa

2018
Exposição A Terra que nos une, o Mar que nos Abraça
Flávio de Araújo

2018
Exposição O Universo de Alan Richer
Alan Richer



2019
Exposição Festas de Paraty
Casa da Cultura de Paraty

2019
Exposição Caiçarando
Maguela

2022
Exposição Fernando Fernandes 30 Paraty
Fernando Fernandes



2022
Exposição Paraty Mar de Golfinhos e Baleias
Maqua-UERJ

2023
Exposição Musas Paradisiacas
Márcio Franco

2023
Exposição As cores que nos movem: a pintura de Renata Rosa
Renata Rosa

A partir de 2013, a direção eleita para a Associação Paraty Cultural buscou soluções para as dificuldades até então enfrentadas pela Casa da Cultura, de forma a possibilitar uma nova revitalização. Os espaços foram reconfigurados: além de todo o salão do piso superior do sobrado e a pequena sala já existente, mais duas salas de exposição e duas dedicadas a aulas de artes e de música (anteriormente locadas para livraria e loja de artesanato) foram estabelecidas. E um programa de captação de recursos por meio das leis de incentivo à cultura – obtendo o patrocínio dos grupos Globo, Águas do Brasil, Instituto Cultural Vale, Petrobras, entre outros – veio a viabilizar, desde então, uma programação contínua de exposições, espetáculos e atividades educativas voltadas sobretudo às artes visuais, música, e o patrimônio cultural de Paraty.



2018
Fachada da Casa da Cultura de Paraty
Leonardo Assis

2018
Interior da Casa da Cultura de Paraty
Leonardo Assis

2018
Fachada da Casa da Música e Casa da Cultura
Leonardo Assis

2018
Fachada da Casa da Música
Leonardo Assis



A exposição

A Casa da Cultura de Paraty apresentou **Para uma História Cultural de Paraty 1945 2019** como a quarta em uma sequência de exposições abrangentes de longa duração nela sendo realizadas a partir da inscrição em 2019 de Paraty na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO como sítio misto, natural e cultural; com duas voltadas ao patrimônio cultural – *Festas de Paraty* (2019) e *O Patrimônio de Paraty: saberes e modos de fazer* (2020) – e a terceira à biodiversidade, *Paraty - Mar de golfinhos e baleias* (2022).

Diferentemente das anteriores, para esta exposição optou-se por uma abordagem diacrônica, abrangendo um recorte temporal relativamente recente, considerando a relevância de se rever e contribuir para a construção da historiografia de Paraty, e de corresponder aos princípios de Interpretação do Patrimônio preconizados pela UNESCO, mas também para atender a uma aspiração presente já há algum tempo entre muitos dos envolvidos com a cultura na cidade.

A imensa repercussão da primeira Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) em 2003, e das que se seguiram, bem como dos eventos que logo a ela se somaram para constituir o Calendário Cultural da cidade – levando à sua designação já em 2008 como destino referência em turismo cultural pelo Ministério do Turismo – criaram uma imagem de efervescência cultural positiva para a cidade, mas de certo modo deixando em segundo plano que essa história já vinha de antes; e que foi justamente essa atmosfera e vocação cultural e artística já tão presente em Paraty uma das razões que levaram os idealizadores da FLIP, em especial Liz Calder, à sua criação. Retomar toda essa história anterior, desde seus princípios e incluindo o que se denominou como o primeiro ciclo cultural de Paraty nas décadas de 1970-80, e mesmo a relembrar aos paratienses, tanto quanto a apresentar aos novos moradores da cidade, bem como aos inúmeros visitantes que atrai, foi o que orientou a opção pelo período de 1945 a 2019 para a exposição.

Sua concepção foi elaborada em 2022, já incluindo a perspectiva inovadora de expandir para além da Casa da Cultura em



2023
Entrada do pátio da Casa da Cultura de Paraty
Ana Andrade

2023
Fachada da Casa da Cultura de Paraty
Ana Andrade

2023
Pátio da Casa da Cultura de Paraty
Ana Andrade



todo o Centro Histórico por meio de QR-codes nos locais onde a história aconteceu, bem como a relevância de contar com a colaboração dos paratienses e suas memórias para a sua construção. Inscrita no edital cultural *Múltiplas Expressões* da Petrobrás, foi selecionada para ser realizada em 2023. Iniciou-se então a sua produção, com a seleção dos locais no centro e das pessoas a serem entrevistadas, e uma ampla pesquisa de documentos e imagens nas instituições locais – Biblioteca Municipal Fábio Villa-boim, Centro de Pesquisa e Documentação - CPDOC da Secretaria de Cultura, Instituto Histórico e Artístico de Paraty e IPHAN– e na capital do estado: Biblioteca Nacional, Arquivo Nacional, APERJ, O Globo. Partiu-se então para a concepção expográfica, abrangendo todos os espaços expositivos da casa, a seleção de filmes e vídeos, e obras e objetos a serem incluídos, e a produção de textos.

O resultado pode ser conferido nas plantas e fotos da exposição apresentadas neste catálogo, que inclui todos os textos e boa parte das imagens que a constituíram. O Salão Júlio Paraty, o maior e principal da casa, acolheu em sua longa parede a linha do tempo de 1945 a 2019 (a parte 1 deste catálogo), as seções dedicadas aos diferentes aspectos da história cultural (a parte 2 deste catálogo) e, em espaço separado, os vídeos com as edições das entrevistas realizadas com os paratienses em exibição contínua.

A sala Natalino Silva, de entrada à Casa, abria a exposição, com o texto apresentado neste catálogo como a introdução, o mapa com os locais da exposição expandida ao Centro Histórico, incluindo a distribuição de folders para facilitar percorrê-los, e com uma seleção de objetos e obras representativos da cultura de Paraty em seu centro. Em espaço adjacente, a TV apresentando excertos dos programas da emissora local de TV, a *EcoTV*, e de outros gravados em Paraty.

A sala Samuel Costa, interna, foi dedicada ao cinema, com os cartazes dos filmes rodados em Paraty e a projeção contínua de dois importantes documentários – *Nossa Senhora dos Remédios de Paraty* (Pedro Rovi, 1966, 18m) e *Paraty: impressões* (Harry Roitman e Reynaldo Marques, 1977, 11m) – complementados por uma entrevista com o cineasta que mais vínculos estabeleceu com a cidade, tanto em suas produções como na convivência com os paratiense, Luiz Car-



2023
Corredor da Casa da Cultura
Ana Andrade

2023
Sala Memórias do PAC
Ana Andrade

2023
Sala Natalino Silva
Ana Andrade

2023
Sala Dona Geralda
Ana Andrade

2023
Sala Samuel Costa
Ana Andrade

2023
Salão nobre Júlio Paraty
Ana Andrade



los Lacerda. A sala ao lado apresentava um breve histórico da Casa da Cultura e, em especial, fotos lembrando seus tempos anteriores enquanto Paraty Atlético Clube (PAC). Por fim, nos primeiros meses da exposição, a sala Dona Geralda abrigou uma pequena coletiva dos artistas visuais com ateliês em atividade atualmente.

A abertura da exposição **Para uma História Cultural de Paraty 1945 2019** ocorreu em 23 de junho de 2023, revelando-se um sucesso, com uma multidão a lotar o auditório e o pátio da casa para acompanhar as apresentações de Luís Perequê e Miguel Veloso, de Rhandal Oliveira e Lucas Dutra, de integrantes da Banda Santa Cecília (Edmilson Pádua, Jefferson Núbile e Anna Luiza Damasceno), da atriz Bianca Paraty recitando um poema de Zé Kleber; e em seguida percorrendo, não raro com muita emoção ao evocar memórias, os espaços expositivos, com a Ciranda Elétrica completando a festa. Autoridades locais e representantes da Petrobras estiveram presentes, e a maioria dos entrevistados compareceu à abertura com suas famílias. O impacto da exposição, por sua abrangência e qualidade, manifestou-se com unanimidade por todos os presentes.

E o sucesso se estenderia a todo o período de visitação da exposição, com uma resposta positiva do público, tanto de turistas a se surpreenderem com a rica história e diversidade cultural de Paraty, quanto de moradores locais a visitando até mais de uma vez para lembrar tempos passados ou descobrir coisas que não sabiam. Todo esse interesse resultou em números expressivos: até março deste ano, 49.500 pessoas já haviam passado pelos salões da Casa da Cultura. Mais de 3 mil alunos de instituições públicas e particulares participaram de visitas mediadas, ampliando seus conhecimentos sobre um período significativo do cotidiano da vida na cidade e seu desenvolvimento cultural.



2023
Abertura da exposição no auditório
Ana Andrade

2023
Apresentação de Luís Perequê e seu filho Miguel
Ana Andrade

2023
Apresentação de Rhandal Oliveira e Lucas Dutra
Ana Andrade

2023
Recital de poesia por Bianca Paraty
Ana Andrade

2023
Cortejo da Banda Santa Cecília
Ana Andrade

2023
Apresentação da Ciranda Elétrica
Ana Andrade







1970



En 1970, el mundo estaba cambiando. En Argentina, la gente buscaba nuevas formas de vivir y trabajar. Se empezaron a construir edificios modernos y se crearon nuevas empresas. La tecnología avanzaba rápidamente y se empezaban a usar computadoras. En este momento, la gente estaba empezando a pensar en el futuro y en cómo mejorar su vida.



1990

ANER PARATY

Entre músicos

...a história da música em Paraty, desde o período colonial até os dias atuais. O texto aborda a influência de compositores locais e estrangeiros, bem como o desenvolvimento da música popular e erudita na cidade.

A Banda Santa Cecilia

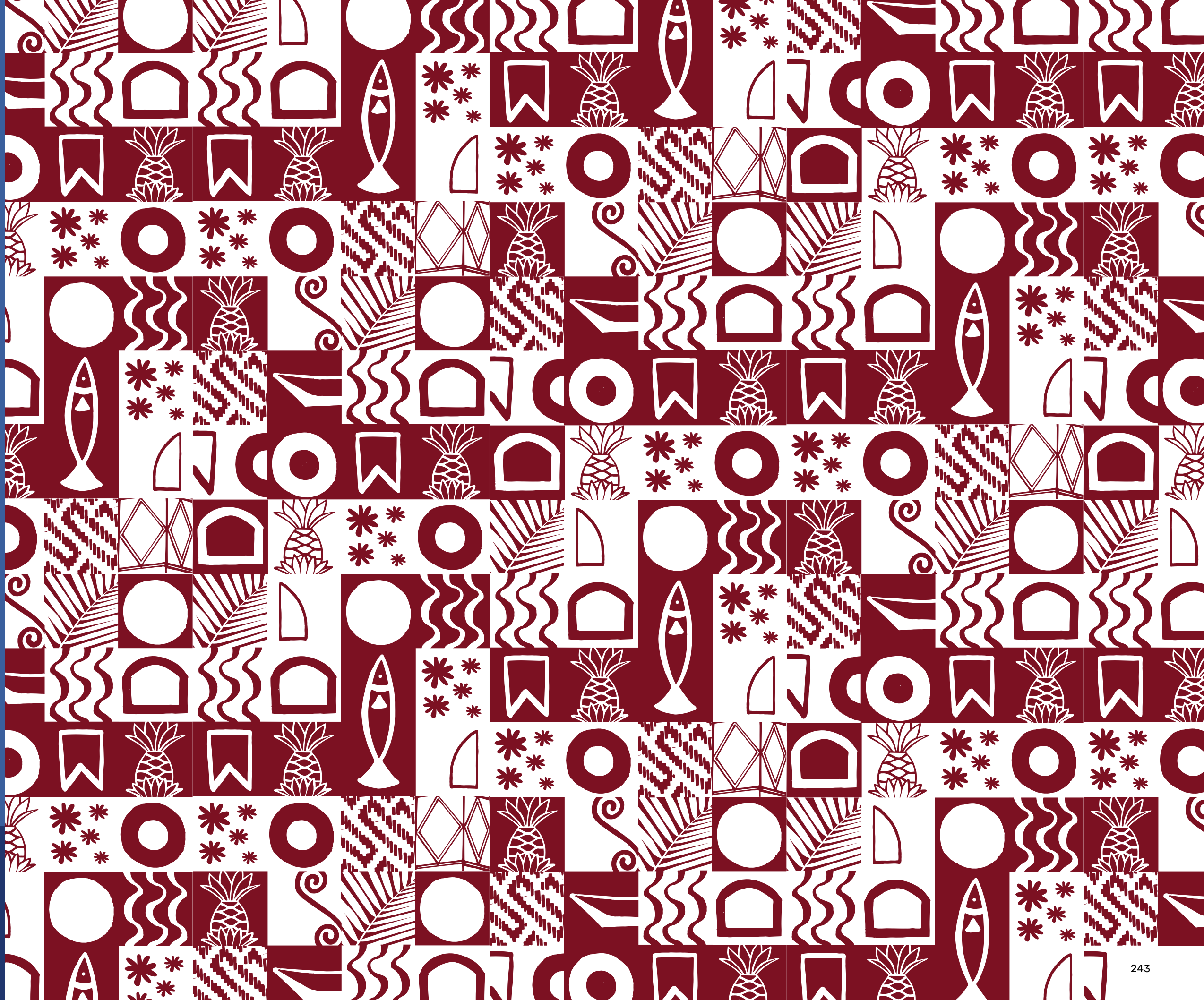
...a história da Banda Santa Cecilia, fundada em 1917, e seu papel na cultura musical de Paraty. O texto descreve a trajetória da banda, desde sua criação até os dias atuais, destacando a dedicação dos músicos e o impacto da banda na comunidade.



Referências;
bibliografia; créditos

PARA UMA
HISTÓRIA
CULTURAL
de PARATY
1945
2019

CASA
DA CULTURA
DE PARATY
CÂMARA TORRES



Referências:

Para a realização da exposição **Para uma História Cultural de Paraty 1945-2019**, duas foram as referências fundamentais, que em grande medida a nortearam e a tornaram possível: os livros *Paraty: a cidade e as festas*, de Marina de Mello e Souza, e *Paraty no século XX*, de Zezito Freire. Em suas diferenças, não só se complementam, como ainda em muito já indicam o singular e/ou peculiar diálogo entre contemporaneidade e tradição, entre o olhar de fora e o local, a caracterizar a história cultural que se quis começar a contar de Paraty.

Marina de Mello e Souza, *paulista* (para usar a denominação genérica adotada pelos paratienses que ela mesma assinala em seu livro), começou a conhecer Paraty ao passar pela cidade para chegar a Trindade, seu *paraíso* que descobrira com amigos na juventude. Em seguida, na qualidade de pesquisadora do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, esse conhecimento se aprofundaria ao percorrer todo o município para inventariar seus saberes tradicionais. Ambas as vivências coalesceriam, *entre a curiosidade intelectual e a aproximação amorosa*, na escolha de Paraty como o tema de sua dissertação de mestrado. Tendo como foco o ciclo das tradicionais festas religiosas a se repetir dos séculos anteriores e sua importância para a comunidade, e como nelas se entrelaça o passado e o presente, a permanência e a mudança, ao longo de toda a história da cidade, o livro dela traça uma ampla e coerente interpretação que – aliada ao hábil uso de citações de documentos de época como jornais antigos, e de entrevistas e observações contemporâneas, em prosa fluente e deliciosa de ler – o tornam, ainda hoje (publicado em 1990, reeditado em 2008), uma das contribuições mais significativas à historiografia de Paraty.

Zezito Freire, paratiense já com uma longa carreira sobretudo como contador (mas tendo sido também vereador e músico da Banda Santa Cecília), descobre uma nova aos quase setenta anos como escritor, ao ser convidado em 1991 para contribuir com crônicas ao *Jornal de Paraty* por conta de sua prodigiosa memória sobre a cidade de *antigamente*, tópico cujo interesse se fazia maior tanto para os visitantes quanto para

os locais. As mais de 100 crônicas seriam publicadas em dois livros, entre os quase 20 que se seguiriam pelo despertar tardio, mas ávido, dessa sua nova vocação; em sua maioria romances inspirados pelas histórias locais que vivenciara ou ouvira contar. Entre eles, *Paraty no século XX* viria a ocupar lugar de destaque: no que seria uma série de livros de diferentes autores sobre a história de Paraty a cada século, concebida entre amigos em 2001, o de Zezito sobre o século XX foi o único a ser completado, a partir de uma minuciosa pesquisa no Instituto Histórico e Artístico de Paraty (IHAP), *em velhos jornais que escaparam à destruição, ao que terceiros escreveram, e o que a tradição oral deixou passar da vida de Paraty no Século XX*; e que ele resolveu publicar em 2012: *para não perder o que me deu trabalho de escrever, fica este texto e, quem sabe, um dia muito dele poderá ser aproveitado*.

De fato: quase toda a cronologia desta exposição e catálogo tem como base *Paraty no século XX*, acrescida das informações e documentos adicionais que se obtiveram nas pesquisas para ela realizadas em diferentes instituições. E, em diálogo com a sua abrangente compilação de fatos, o panorama, bem como a abordagem mais aprofundada posterior de seus tópicos mais relevantes, em muito se fundamenta na visão interpretativa, tão clara quanto nuançada, de *Paraty: a cidade e as festas* – uma referência a permanecer para a história da cidade, mesmo se consideradas todas as subsequentes, e crescentes, contribuições acadêmicas de qualidade em diferentes aspectos, também utilizadas para a exposição e adiante listadas na bibliografia.

Os textos finais da exposição e do catálogo são em sua maioria de Marcos Maffei [indicados [MM]], complementados por Mateus Campos [MC].

1. Paraty 1945-2019 – panorama e cronologia textos do panorama: [MM]; compilação da cronologia: [MM] e [MC];

18: a cidade só merecera...: Freire, Zezito. *Paraty no século XX*. Rio de Janeiro: Caravansaraí, 2012, p. 42

18: uma cidade que morreu...: reportagem de Joaquim de Almeida Mattos na *Revista do Globo*, em 28/10/1950; citada por Freire, Zezito (2012), p. 101

22: começo de Brasil...: ver citação de Gilberto Freire na página 54 deste catálogo

22: o ambiente da cidade...: *Paraty, Edição comemorativa do Tricentenário de Paraty*, Coleção de Monografias no. 374, IBGE, 1967

22: a necessidade urgente...: Decreto Federal 56.077 de 24 de março de 1966; reproduzido na p. 25

44: Planejamento e Patrimônio Mundial: Atas do Seminário de Planejamento de Paraty, dezembro de 2001

Paraty em números [MC]:

52: Sinopse estatística do município de Paraty – Rio de Janeiro, IBGE, 1948

52: Paraty, Edição comemorativa do Tricentenário de Paraty, Coleção de Monografias no. 374, IBGE, 1967

53: Paraty, Coleção de Monografias no. 624, IBGE, 1983

2. Paraty 1945-2019 – para uma história cultural: diversos aspectos, diferentes movimentos

Prólogo [MM]

56: Foi essa viagem rara...: Gilberto Freyre, GILBERTO FREYRE *D. O. Leitura*; citado em Souza, Marina de Mello e. *Paraty: a cidade e as festas*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008; pp. 92-3

O patrimônio de Paraty: a cidade e as festas [MM]

60: O isolamento em que...: *Paraty, Edição comemorativa do Tricentenário de Paraty*, Coleção de Monografias no. 374, IBGE, 1967

A vida na cidade: o cotidiano... [MC]

76: de péssima qualidade...: Freire, Zezito (2012), p. 130 – com as demais informações deste tópico tendo como referência a mesma obra

As artes visuais: do Bar do Abel às galerias e ateliês [MC]

80: Em cada cidade...: caderno do Bar do Abel, acervo familiar de Charles Abel de Oliveira; informações deste tópico a partir de entrevista com ele realizada

Dos cinemas à cidade cinematográfica [MM]

88: sobre os cinemas de Paraty: Freire, Zezito (2012).

90: filmografia completa...: levantamento realizado para o *Plano de Desenvolvimento e Fomento do Cinema e Audiovisual em Paraty* pela consultoria Arte Fato Produto Cultural, contratado pela Secretaria Municipal de Cultura em 2019

A televisão de Paraty e as televisões em Paraty [MC]

98: produções televisivas...: informações do *Plano de Desenvolvimento* acima citado

O patrimônio de Paraty: a tradição oral nas músicas e danças [MM]

100: *continuariam mal vistos...*: Souza, Marina de Mello e (2008), p. 100

100: *o primeiro registro fonográfico e pioneira e abrangente pesquisa...*: Macedo, Bruno Tavares Magalhães. *Uma Festa Literária e um Silo Cultural em Paraty*, dissertação de Mestrado, UFF, Niterói, 2019; ver o capítulo 2, sobre a Ciranda de Tarituba

A música de tradição escrita: a música sacra e as bandas [MM]

106: *Missa Paratiana...*: partitura manuscrita anônima no acervo do Museu de Arte Sacra; as informações aqui reproduzidas constam do programa de sua segunda apresentação contemporânea, realizada no museu pela *Associação de Amigos do Museu de Arte Sacra*, em 03/12/2016

106: *Folha de Pagamento da Festa do Divino...*: documento manuscrito no acervo da Sociedade Musical Santa Cecília, Paraty

106: *Battmann, Missa...*: partitura manuscrita no acervo da Sociedade Musical Santa Cecília, Paraty

108: *Benedito das Flores...*: informações dos textos da exposição *Maestro Potinho: música e história*, realizada em 2007 na Casa da Cultura de Paraty, em colaboração com a Sociedade Musical Santa Cecília, por Marcos Maffei e Evandro Panaro

E outras músicas mais [MM]

112: *inúmeros foram os eventos e festivais...*: informações a partir de cartazes e programas nos acervos do IHAP e CPDOC; um histórico ainda com muito a pesquisar

As artes cênicas: dos festivais aos grupos locais [MM]

118: sobre os começos das artes cênicas em Paraty: Freire, Zezito (2012)

120: sobre os encontros e festivais: informações a partir de cartazes e programas nos acervos do IHAP e CPDOC; um histórico ainda com muito a pesquisar

120: sobre *Themilton Tavares*: Macedo, Bruno Tavares Magalhães (2019), ver o capítulo 3

120-122: sobre o grupo *Contadores de Estórias...*: ver Ribas, Marcos Caetano. *A grandeza do mundo em pequenas expressões – Grupo Contadores de Estórias 40 anos*. Paraty: Contest Produções Culturais, 2011

124: sobre o *Silo Cultural...*: Macedo, Bruno Tavares Magalhães (2019), ver o capítulo 4

A literatura e a historiografia de Paraty [MM]

126: *Elizabeth Bishop...*: Miller, Brett C. *Elizabeth Bishop: Life and the Memory of It*. Berkeley: University of California Press, 1993; pp. 316-7

130: *historiografia de Paraty...*: *Cidades históricas; inventário e pesquisa: Parati*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007; ver *Considerações sobre a historiografia de Paraty*, pp. 59-67

O primeiro ciclo cultural de Paraty [MM]

134: *Porque Parati é a cidade...*: o famoso, breve e tão citado texto de Lúcio Costa foi publicado como parte da compilação que se seguia a reprodução fac-similar do tomo III das *Memórias históricas do Rio de Janeiro*, dedicado a Paraty, de monsenhor Pizarro: *Tricentenário de Parati: notícias históricas*. Rio de Janeiro: Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1960

134: *o despertar da Fênix...*: Souza, Marina de Mello e (2008), p. 172 em diante

136: *Os registros mostram-se todavia...*: conforme já indicado acima, todas as informações se baseiam em cartazes e programas nos acervos do IHAP e CPDOC; um histórico ainda com muito a pesquisar

O patrimônio de Paraty: comunidades tradicionais, saberes e fazeres [MC]

144: *O Modo de Fazer: Estudo sobre alguns processos de confecção artesanal na cidade de Paraty*: Ribas, Marcos Caetano e Rachel Joffily, 1983

O patrimônio de Paraty: arquitetura e urbanismo [MM]

146: *a evolução urbana...*: Freire, Zezito (2012), *passim*

152: *ouvido o Departamento do Patrimônio...*: Cury, Isabelle. *A evolução urbana e fundiária de Paraty*; in Oficina de estudos da Preservação, Coletânea I. Rio de Janeiro, IPHAN, 2008, p. 147

152: *um primeiro Plano...*: Freire, Zezito (2012), p. 113

152: *em uma separata...*: Batista, M. Nogueira. Parati. *Separata Revista Arquitetura*, nº46, 1966, p.3

154: *o principal interesse de Parati...*: Leal, Claudia Feierabend Baeta (org.). *As Missões da UNESCO no Brasil: Michel Parent*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2008, p. 70

154: *o Plano de Desenvolvimento... Plano Diretor...*: Cury, Isabelle (2008), p. 146

O início do turismo; redescobrimo Paraty [MM]

156: *A partir de 1960...*: Souza, Marina de Mello e (2008), pp. 111-12

160: *revista Realidade começa...*: ver a reprodução da matéria na p. 163 deste catálogo

160: *a revista Quatro Rodas...*: Carvalho, Aline Vieira de. *Entre ilhas e correntes: a criação do ambiente em Angra dos Reis e Paraty, Brasil*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas; Campinas, 2009, pp. 105-6

O turismo em Paraty; solução, vocação e destino [MM]

162: *As Recomendações de Paris...*: Leal,

Claudia Feierabend Baeta. *Patrimônio e desenvolvimento: as políticas de patrimônio cultural nos anos 1960*; Anais do Museu Paulista. v. 24. n.1. Jan.-Abr. 2016, p. 111

162: *sob a denominação mais ou menos esdrúxula...*: citado em Leal, Claudia Feierabend Baeta (2016), p. 113

162: *demais fatores de degradação...*: Leal, Claudia Feierabend Baeta (org.). *As Missões da UNESCO no Brasil: Michel Parent*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2008, p. 42

162: *o turismo deverá se tornar... Zona Homogênea nº 9 Taquari-Paraty... uma Saint-Tropez fluminense...*: VENEGAS, Hernán. *Patrimônio cultural e turismo no Brasil em perspectiva histórica: encontros e desencontros na cidade de Paraty*. Tese (doutorado), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011, pp. 166-77

Bibliografia

- BATISTA, M. Nogueira. *Parati*. Separata Revista Arquitetura, n°46, 1966.
- CARVALHO, Aline Vieira de. *Entre ilhas e correntes: a criação do ambiente em Angra dos Reis e Paraty, Brasil*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas; Campinas, 2009.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.
- CHUVA, Márcia. *Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n°34, pag.147-165, 2012.
- CHUVA, Márcia. *Sobre a Invenção do Patrimônio*. In Oficinas de estudos e preservação. Coletânea I. Rio de Janeiro: IPHAN, 2008.
- CNPI. *Plano de Desenvolvimento Integrado e Proteção do Bairro Histórico do Município de Paraty*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1972.
- CONSCIÊNCIA, Ana. *Postal de Paraty*. Monografia (Licenciatura em Arquitetura), Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009.
- COSTA, Samuel. *Parati no ano da independência: outros textos e poemas*. Rio de Janeiro Litteris, 2000.
- COSTA, Daniella. *Como inventar tradições: a poética de Lucio Costa e a formação do acervo colonial de Paraty, RJ*. XIV Seminário de história da cidade e do urbanismo; São Carlos, 2016. <https://www.iau.usp.br/shcu2016/anais/wp-content/uploads/pdfs/64.pdf>
- COSTA, Daniella. *Os caminhos de Paraty e os da preservação no Brasil*. V ENANPARQ Salvador 2018. <https://www.researchgate.net/publication/343721708>
- COTRIM, Cássio Ramiro Mohallem. *Villa de Paraty*. Rio de Janeiro: Capivara Editora Ltda., 2012.
- CURY, Isabelle. *A evolução urbana e fundiária de Paraty; in Correia, Maria Rosa (org.) Oficina de estudos da Preservação, Coletânea I*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2008.
- CURY, Isabelle. *A evolução urbana e fundiária de Parati do séc. XVII até o séc. XX, em face da adequação das normas de preservação de seu patrimônio cultural*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- DANTAS, Julio Cezar Neto. *A cidade de Paraty como patrimônio integral: atuação da comunidade local e influências no seu tombamento e na valorização e manutenção de suas representações culturais*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio; Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2020.
- EMBRATUR. *Urbanização da área de expansão urbana da cidade de Parati - relatório final*. [Brasília]: Planave, [s. d.].
- FREIRE, Zezito. *Crônicas de Paraty*. Rio de Janeiro: Imprensa Velha Lapa, 1998; Rio de Janeiro: Editora Multifoco (Simmer & Amorim Edição e Comunicação Ltda.), 2002.
- FREIRE, Zezito. *Crônicas de Paraty* [volume II]. Petrópolis: Sumaúma Editora e Gráfica/Tribuna de Petrópolis, 2012.
- FREIRE, Zezito. *Paraty no século XX*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2012.
- GONÇALVES, Ana Lucia de Almeida. *Iluminação urbana do Bairro Histórico de Paraty, concepção do projeto de luminotécnica*. In: CORREIA, Maria Rosa (Org.). Oficina de estudos da preservação, coletânea I. Rio de Janeiro: IPHAN, 2008, p.11-18.
- GURGEL, Heitor; AMARAL, Edelweiss Campos de. *Parati, caminho do ouro*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1973.
- IBGE. *Sinopse estatística do município de Parati* - Rio de Janeiro, IBGE, 1948.
- IBGE. *Paraty, Edição comemorativa do Tricentenário de Paraty*, Coleção de Monografias no. 374, IBGE, 1967.
- IBGE. *Paraty*, Coleção de Monografias no. 624, IBGE, 1983.
- INSTITUTO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PARATY. *Festa do Divino Espírito Santo da cidade de Paraty-RJ: Dossiê de candidatura*. https://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_festa_divino_Paraty
- IPHAN. *Cidades históricas; inventário e pesquisa: Parati*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.
- IPHAN. *Processo de Tombamento nº 563, T-57. Inscrição: Conjunto Arquitetônico e Paisagístico do Município de Paraty, Estado do Rio de Janeiro*, 1958.
- KNIVET, Anthony. *Narração da viagem que, nos anos de 1591 e seguintes, fez Antonio Knivet da Inglaterra ao mar do sul, em companhia de Thomas Cavendish*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 1878. 41, pt 1. p. 183-272.
- LEAL, Claudia Feierabend Baeta (org.). *As Missões da UNESCO no Brasil: Michel Parent*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2008.
- LEAL, Claudia Feierabend Baeta. *Patrimônio e desenvolvimento: as políticas de patrimônio cultural nos anos 1960*; Anais do Museu Paulista. v. 24. n.1. Jan.-Abr. 2016.
- LEAL, Claudia Feierabend Baeta. *O processo de patrimonialização da cidade de Paraty/RJ, 1945-1974*. Dissertação (Mestrado em Memória Social). Rio de Janeiro. UNIRIO, 2015.
- MACEDO, Bruno Tavares Magalhães. *Uma Festa Literária e um Silo Cultural em Paraty*, dissertação de Mestrado, UFF, Niterói, 2019.
- MAGALHÃES, Aloisio. *E Triunfo?* Rio de Janeiro: Nova Fronteira - Fundação Nacional Pró-Memória, 1985
- MAIA, Teresa Regina de Camargo; MAIA, Tom. *Parati*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1979.
- MAIA, Teresa Regina de Camargo. *Parati: religião e folclore*. Rio de Janeiro: Arte e Cultura, 1976. 3ª edição ampliada e atualizada: Aparecida: Editora O Lince, 2015.
- MELLO, Diuner. *Festa do Divino Espírito Santo em Paraty: manual do festeiro*. São Paulo: Editora Estímulo, 2003.
- MELLO, Diuner. *PARATY - Roteiro do Visitante, Informativo Turístico e Cultural*. 2ª Ed. Com apoio cultural da Associação Pró Paraty Patrimônio da Humanidade. 2002.
- MILLER, Brett C. *Elizabeth Bishop: Life and the Memory of It*. Berkeley: University of California Press, 1993.
- MUNHOZ, Mauro. *A borda d'água de Paraty: revitalização urbana sustentável a partir de seus espaços públicos de borda d'água*. 2003. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- NASCIMENTO, Paula Cristina Fabricante do. *Festas em Paraty: entre a espetacularização da tradição e a tradicionalização do espetáculo*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2015.
- PADILHA, Marcela Do Nascimento. *Turismo, Patrimônio Histórico e Transformações Socioespaciais em Cidades Tombadas: O caso de Paraty*. Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade, 8(IV), pp. 435-450, out-dez, 2016.
- PAES, Maria Tereza Duarte. *Trajetórias do patrimônio cultural e os sentidos dos seus usos em Paraty (RJ)*. Resgate - Rev. Interdiscip. Cult., Campinas, v.23, n.30, p. 105-118, jul./dez. 2015.
- PARATY. Prefeitura Municipal. Lei nº 1352, de 2002. Institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado do Município de Paraty.
- Plano de Desenvolvimento e Fomento do Cinema e Audiovisual em Paraty: consultoria ArteFato Produto Cultural, contratado pela Secretaria Municipal de Cultura em 2019.*
- PIZZARRO E ARAÚJO, J. S. A. et all. *Notícias Históricas, Tricentenário de Parati*, nº 22. Rio de Janeiro, Publicação da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 1960.
- PRIESTER, Mariana Freitas. *Apropriações e percepções sobre o bairro histórico de Paraty-RJ*. Revista CPC, São Paulo, n.22, p.118-144, jul./dez. 2016.
- PRIESTER, Mariana Freitas; Thompson, Analucia. *O bairro histórico de Paraty: autenticidade, homogeneidade e integridade*.

Arquitextos 199.05 patrimônio ano 17 dez. 2016 <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/17.199/6350>

PRIESTER, Mariana Freitas. *Os olhares sobre o bairro histórico de Paraty/RJ: análise de intervenções na arquitetura civil e no espaço público* / Mariana Freitas Priester – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2015.

RAMECK, Maria José dos Santos; MELLO, Diuner. *Roteiro Documental do Acervo Público de Paraty 1801 – 1883*. Paraty: IHAP, Câmara Municipal de Paraty, 2003.

RAMECK, Maria José dos Santos; MELLO, Diuner. *Roteiro Documental do Acervo Público de Paraty. Volume 2*, Paraty: Fahl e Moreira Gráfica e Editora de Paraty Ltda, 2011.

RIBAS, Marcos Caetano. *A grandeza do mundo em pequenas expressões – Grupo Contadores de Estórias 40 anos*. Paraty: Contest Produções Culturais, 2011.

RIBAS, Marcos Caetano. *A história do caminho do ouro em Paraty*. Paraty: Contest Produções Culturais, 2003.

RIBAS, Marcos Caetano e Rachel Joffily. *O Modo de Fazer: Estudo sobre alguns processos de confecção artesanal na cidade de Paraty*. Paraty, 1982; e-book, 2019: <http://www.sescparaty.com.br/home/2021/noticias/conteudo/livromododefazer>

SADA, Patrícia. *Paraty - traçados de um centro histórico*. Texto: Maria Fernanda Freire Luís. São Paulo: Projeto, 1989.

SANT'ANNA, Márcia. *A cidade-atração: o patrimônio como insumo para o turismo*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 40/2021.

SANT'ANNA, Marcia. *A cidade-patrimônio no Brasil: lições do passado e desafios contemporâneos*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 35/2017.

SOUZA, Marina de Mello e. *Paraty: a cidade e as festas*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

STIRUM, Frédéric Limburg de. *Plan National de miseenvalueur de Parati danslecadre d'*

un développement touristique. Paris: UNESCO, 1968.

STRAUSS, Dieter e SENE, Maria A. (orgs.) *Julia Mann: uma vida entre duas culturas*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

VENEGAS, Hernán. *Patrimônio cultural e turismo no Brasil em perspectiva histórica: encontros e desencontros na cidade de Paraty*. Tese (doutorado), Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2011.

Ficha técnica da exposição

Realização Casa da Cultura de Paraty	Produção Ana Marcela Apolo Emanuel Gama Didito Torres Mônica Nemer	Maria da Baiaia Marina Gouvêa Marli Machado Nena Gama Paulo Vidal Thereza Maia Zezeca	Instituto Colibri Funai Fundação Getúlio Vargas (CPDOC) Jornal O Globo Paróquia Nossa Senhora dos Remédios Museu de Arte Sacra (IBRAM) Rede Globo Sociedade Musical Banda Santa Cecília Silo Cultural Teatro Espaço	de Luiz Carlos Lacerda (1980) <i>O Acendedor de lampiões</i> de Luiz Carlos Lacerda (1983) <i>Gabriela</i> de Bruno Barreto (1985) <i>Ele, O Boto</i> de Walter Lima Júnior (1988) <i>A Bella Pallomera</i> de Ruy Guerra (1989) <i>Paraty Mistérios</i> de Flávio Tambellini
Patrocínio Petrobras	Administrativo e Financeiro Wendel Amorim	Trilha Sonora <i>Devizes</i> Tristan Banks Kathy Silva Bernardo Savil <i>Sozinho no Cassununga</i> Rhandal Oliveira Maneco Cirandeiro Jonathan Andreoli PC Castilho Jerome Charlemagne <i>Santa Rita</i> Rhandal Oliveira <i>Cirandal</i> Rhandal Oliveira Maneco Cirandeiro Jonathan Andreoli Jerome Charlemagne <i>Cantiga menina</i> Rhandal Oliveira Chris Frank <i>Pedaço de nuvem</i> Rhandal Oliveira Chris Frank Kathy Silva Oliver Savil Vô Antônio Rhandal Oliveira	Acervos Família Sr. Abel de Oliveira Família Sr. Zezito Freire Beatriz Bissoli Charles Abel Cristina Maseda Diuner Melo Gilmar Calixto José Ricardo de Jesus Laís Prado Lucio Cruz Maria Costa Cermelli Marina Gouvêa Marli Cardoso Mateus Campos Paulo Ferraz Raphael Moreira Vilma Pádua	Parcerias Sec. de Cultura de Paraty Sec. de Turismo de Paraty Conselho Municipal de Turismo de Paraty (COMTUR) Grupo Globo Fazenda Bananal Livraria das Marés Pousada Literária
Apoio Prefeitura de Paraty	Assistência Geral Mary Ellen Calegário	Trilha Sonora <i>Devizes</i> Tristan Banks Kathy Silva Bernardo Savil <i>Sozinho no Cassununga</i> Rhandal Oliveira Maneco Cirandeiro Jonathan Andreoli PC Castilho Jerome Charlemagne <i>Santa Rita</i> Rhandal Oliveira <i>Cirandal</i> Rhandal Oliveira Maneco Cirandeiro Jonathan Andreoli Jerome Charlemagne <i>Cantiga menina</i> Rhandal Oliveira Chris Frank <i>Pedaço de nuvem</i> Rhandal Oliveira Chris Frank Kathy Silva Oliver Savil Vô Antônio Rhandal Oliveira	Família Sr. Abel de Oliveira Família Sr. Zezito Freire Beatriz Bissoli Charles Abel Cristina Maseda Diuner Melo Gilmar Calixto José Ricardo de Jesus Laís Prado Lucio Cruz Maria Costa Cermelli Marina Gouvêa Marli Cardoso Mateus Campos Paulo Ferraz Raphael Moreira Vilma Pádua	Parcerias Institucionais Instituto Chico Mendes (ICMBIO) Instituto Histórico e Artístico de Paraty (IHAP) Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) Museu de Arte Sacra (IBRAM) Instituto Estadual do Ambiente (INEA) SOS Mata Atlântica
Superintendente Executiva Cristina Maseda	Assessoria Cinema e Artes Visuais Luiz Carlos Lacerda	Trilha Sonora <i>Devizes</i> Tristan Banks Kathy Silva Bernardo Savil <i>Sozinho no Cassununga</i> Rhandal Oliveira Maneco Cirandeiro Jonathan Andreoli PC Castilho Jerome Charlemagne <i>Santa Rita</i> Rhandal Oliveira <i>Cirandal</i> Rhandal Oliveira Maneco Cirandeiro Jonathan Andreoli Jerome Charlemagne <i>Cantiga menina</i> Rhandal Oliveira Chris Frank <i>Pedaço de nuvem</i> Rhandal Oliveira Chris Frank Kathy Silva Oliver Savil Vô Antônio Rhandal Oliveira	Família Sr. Abel de Oliveira Família Sr. Zezito Freire Beatriz Bissoli Charles Abel Cristina Maseda Diuner Melo Gilmar Calixto José Ricardo de Jesus Laís Prado Lucio Cruz Maria Costa Cermelli Marina Gouvêa Marli Cardoso Mateus Campos Paulo Ferraz Raphael Moreira Vilma Pádua	
Sup. Adj. Políticas Culturais Raphael Moreira	Assessoria de Imprensa Rosane Queiroz	Trilha Sonora <i>Devizes</i> Tristan Banks Kathy Silva Bernardo Savil <i>Sozinho no Cassununga</i> Rhandal Oliveira Maneco Cirandeiro Jonathan Andreoli PC Castilho Jerome Charlemagne <i>Santa Rita</i> Rhandal Oliveira <i>Cirandal</i> Rhandal Oliveira Maneco Cirandeiro Jonathan Andreoli Jerome Charlemagne <i>Cantiga menina</i> Rhandal Oliveira Chris Frank <i>Pedaço de nuvem</i> Rhandal Oliveira Chris Frank Kathy Silva Oliver Savil Vô Antônio Rhandal Oliveira	Família Sr. Abel de Oliveira Família Sr. Zezito Freire Beatriz Bissoli Charles Abel Cristina Maseda Diuner Melo Gilmar Calixto José Ricardo de Jesus Laís Prado Lucio Cruz Maria Costa Cermelli Marina Gouvêa Marli Cardoso Mateus Campos Paulo Ferraz Raphael Moreira Vilma Pádua	
Sup. Adj. Gestão e Projetos Mírian Machado	Iluminação Sibel dos Santos	Trilha Sonora <i>Devizes</i> Tristan Banks Kathy Silva Bernardo Savil <i>Sozinho no Cassununga</i> Rhandal Oliveira Maneco Cirandeiro Jonathan Andreoli PC Castilho Jerome Charlemagne <i>Santa Rita</i> Rhandal Oliveira <i>Cirandal</i> Rhandal Oliveira Maneco Cirandeiro Jonathan Andreoli Jerome Charlemagne <i>Cantiga menina</i> Rhandal Oliveira Chris Frank <i>Pedaço de nuvem</i> Rhandal Oliveira Chris Frank Kathy Silva Oliver Savil Vô Antônio Rhandal Oliveira	Família Sr. Abel de Oliveira Família Sr. Zezito Freire Beatriz Bissoli Charles Abel Cristina Maseda Diuner Melo Gilmar Calixto José Ricardo de Jesus Laís Prado Lucio Cruz Maria Costa Cermelli Marina Gouvêa Marli Cardoso Mateus Campos Paulo Ferraz Raphael Moreira Vilma Pádua	
Concepção Marcos Maffei Cristina Maseda	Equipe de Montagem Adriana Salomão Douglas Oliveira Mateus Gama Nilton Cezar	Trilha Sonora <i>Devizes</i> Tristan Banks Kathy Silva Bernardo Savil <i>Sozinho no Cassununga</i> Rhandal Oliveira Maneco Cirandeiro Jonathan Andreoli PC Castilho Jerome Charlemagne <i>Santa Rita</i> Rhandal Oliveira <i>Cirandal</i> Rhandal Oliveira Maneco Cirandeiro Jonathan Andreoli Jerome Charlemagne <i>Cantiga menina</i> Rhandal Oliveira Chris Frank <i>Pedaço de nuvem</i> Rhandal Oliveira Chris Frank Kathy Silva Oliver Savil Vô Antônio Rhandal Oliveira	Família Sr. Abel de Oliveira Família Sr. Zezito Freire Beatriz Bissoli Charles Abel Cristina Maseda Diuner Melo Gilmar Calixto José Ricardo de Jesus Laís Prado Lucio Cruz Maria Costa Cermelli Marina Gouvêa Marli Cardoso Mateus Campos Paulo Ferraz Raphael Moreira Vilma Pádua	
Curadoria Coletiva Emanuel Gama Marcos Maffei Mateus Campos Mírian Machado Patrícia Gibrail Raphael Moreira	Execução Cenotecnia Marcenaria Peroba Rosada Marcenaria do Rogério Jheimis Silva	Trilha Sonora <i>Devizes</i> Tristan Banks Kathy Silva Bernardo Savil <i>Sozinho no Cassununga</i> Rhandal Oliveira Maneco Cirandeiro Jonathan Andreoli PC Castilho Jerome Charlemagne <i>Santa Rita</i> Rhandal Oliveira <i>Cirandal</i> Rhandal Oliveira Maneco Cirandeiro Jonathan Andreoli Jerome Charlemagne <i>Cantiga menina</i> Rhandal Oliveira Chris Frank <i>Pedaço de nuvem</i> Rhandal Oliveira Chris Frank Kathy Silva Oliver Savil Vô Antônio Rhandal Oliveira	Família Sr. Abel de Oliveira Família Sr. Zezito Freire Beatriz Bissoli Charles Abel Cristina Maseda Diuner Melo Gilmar Calixto José Ricardo de Jesus Laís Prado Lucio Cruz Maria Costa Cermelli Marina Gouvêa Marli Cardoso Mateus Campos Paulo Ferraz Raphael Moreira Vilma Pádua	
Projeto Expográfico Patrícia Gibrail Emanuel Gama	Audiovisual Marcus Prado Miguel Ângelo Célio Weber Mateus Campos	Trilha Sonora <i>Devizes</i> Tristan Banks Kathy Silva Bernardo Savil <i>Sozinho no Cassununga</i> Rhandal Oliveira Maneco Cirandeiro Jonathan Andreoli PC Castilho Jerome Charlemagne <i>Santa Rita</i> Rhandal Oliveira <i>Cirandal</i> Rhandal Oliveira Maneco Cirandeiro Jonathan Andreoli Jerome Charlemagne <i>Cantiga menina</i> Rhandal Oliveira Chris Frank <i>Pedaço de nuvem</i> Rhandal Oliveira Chris Frank Kathy Silva Oliver Savil Vô Antônio Rhandal Oliveira	Família Sr. Abel de Oliveira Família Sr. Zezito Freire Beatriz Bissoli Charles Abel Cristina Maseda Diuner Melo Gilmar Calixto José Ricardo de Jesus Laís Prado Lucio Cruz Maria Costa Cermelli Marina Gouvêa Marli Cardoso Mateus Campos Paulo Ferraz Raphael Moreira Vilma Pádua	
Pesquisa e Textos Marcos Maffei Mateus Campos	Edição de imagens Laura do Lago	Trilha Sonora <i>Devizes</i> Tristan Banks Kathy Silva Bernardo Savil <i>Sozinho no Cassununga</i> Rhandal Oliveira Maneco Cirandeiro Jonathan Andreoli PC Castilho Jerome Charlemagne <i>Santa Rita</i> Rhandal Oliveira <i>Cirandal</i> Rhandal Oliveira Maneco Cirandeiro Jonathan Andreoli Jerome Charlemagne <i>Cantiga menina</i> Rhandal Oliveira Chris Frank <i>Pedaço de nuvem</i> Rhandal Oliveira Chris Frank Kathy Silva Oliver Savil Vô Antônio Rhandal Oliveira	Família Sr. Abel de Oliveira Família Sr. Zezito Freire Beatriz Bissoli Charles Abel Cristina Maseda Diuner Melo Gilmar Calixto José Ricardo de Jesus Laís Prado Lucio Cruz Maria Costa Cermelli Marina Gouvêa Marli Cardoso Mateus Campos Paulo Ferraz Raphael Moreira Vilma Pádua	
Comunicação Rafaela Marsico Luy Albino	Depoimentos Amaury Barbosa Cláudio Aquino Dalcir Ramiro Dito da Ciranda Diuner Melo Flora Salles França Pinto Jubileu Julio Cezar Neto Dantas Lucio Cruz Luis Perequê Luiz Carlos Lacerda Marcos Caetano Ribas Maria Izabel	Exposição Expandida Mírian Machado Rafaela Marsico Luy Albino	Família Sr. Abel de Oliveira Família Sr. Zezito Freire Beatriz Bissoli Charles Abel Cristina Maseda Diuner Melo Gilmar Calixto José Ricardo de Jesus Laís Prado Lucio Cruz Maria Costa Cermelli Marina Gouvêa Marli Cardoso Mateus Campos Paulo Ferraz Raphael Moreira Vilma Pádua	
Design Marcus Prado Laiz Elesbão Julius Prado Luy Albino	Fotografias Ana Andrade Luciana Serra	Fotografias Ana Andrade Luciana Serra	Família Sr. Abel de Oliveira Família Sr. Zezito Freire Beatriz Bissoli Charles Abel Cristina Maseda Diuner Melo Gilmar Calixto José Ricardo de Jesus Laís Prado Lucio Cruz Maria Costa Cermelli Marina Gouvêa Marli Cardoso Mateus Campos Paulo Ferraz Raphael Moreira Vilma Pádua	
Mediação Cultural Ana Rocha Larissa Barbosa Thiago Coutinho Shirley de Souza Daniela Marsico	Acervos Institucionais Arquivo Eco TV Paraty Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ) Arquivo Nacional Biblioteca Nacional Instituto Histórico e Artístico de Paraty (IHAP)	Acervos Institucionais Arquivo Eco TV Paraty Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ) Arquivo Nacional Biblioteca Nacional Instituto Histórico e Artístico de Paraty (IHAP)	Família Sr. Abel de Oliveira Família Sr. Zezito Freire Beatriz Bissoli Charles Abel Cristina Maseda Diuner Melo Gilmar Calixto José Ricardo de Jesus Laís Prado Lucio Cruz Maria Costa Cermelli Marina Gouvêa Marli Cardoso Mateus Campos Paulo Ferraz Raphael Moreira Vilma Pádua	
Tecnologia Thiago Pacheco			Família Sr. Abel de Oliveira Família Sr. Zezito Freire Beatriz Bissoli Charles Abel Cristina Maseda Diuner Melo Gilmar Calixto José Ricardo de Jesus Laís Prado Lucio Cruz Maria Costa Cermelli Marina Gouvêa Marli Cardoso Mateus Campos Paulo Ferraz Raphael Moreira Vilma Pádua	

Casa da Cultura de Paraty, 2024

Este catálogo foi publicado pela editora
Associação Paraty Cultural.

Organização MARCOS MAFFEI
Textos MARCOS MAFFEI, MATEUS CAMPOS
Produção editorial LUY ALBINO
Preparação MARCOS MAFFEI, MATEUS CAMPOS
Revisão CRISTINA MASEDA
Projeto gráfico LUY ALBINO
Produção gráfica FERNANDO MAIA

*Nesta edição respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Para uma história cultural de Paraty 1945 2019. (1. ed.)
Paraty, RJ : Associação Paraty Cultural, 2024.

ISBN 978-65-982076-1-8

1. Paraty (RJ) - História.

24-200444

CDD-981.53181

Índices para catálogo sistemático:

1. Paraty : Rio de Janeiro : História 981.53181

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

CASA DA CULTURA DE PARATY
Rua Dona Geralda 194, Centro Histórico
23970 000 Paraty RJ
casadaculturaparaty.org
[24] 99238-4737

Muitos originais reproduzidos neste catálogo não estavam em bom estado de conservação e algumas imagens passaram por restauração digital. Eventuais distorções de tonalidades, proporções e até omissão de detalhes devem-se ao desgaste das obras ou ao refilê efetuado no processo de reprodução das imagens.

Todos os esforços foram feitos para reconhecer os direitos morais, autorais e de imagem neste catálogo. A Casa da Cultura de Paraty agradece qualquer informação relativa à autoria, titularidade e/ou outros dados que estejam incompletos nesta edição, e se compromete a incluí-los nas futuras reimpressões.

Os textos deste livro foram compostos em Capitolina, fonte projetada por Marconi Lima e Christopher Hammerschmidt em 2015. Possui design contemporâneo, baseado em diferentes modelos históricos com influências caligráficas.

A fonte sem serifa usada em títulos e legendas é a Rubik, com cantos ligeiramente arredondados projetada por Philipp Hubert e Sebastian Fischer como parte do projeto Chrome Cube Lab.

Impresso na Trio Gráfica Digital, no Rio de Janeiro em abril de 2024.